



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES

MARIA LUCINEIDE FREIRE DE ALMEIDA

EDUCAÇÃO MUSICAL E ESTÍMULO À AUTOEFICÁCIA:
UM ESTUDO COM A BANDA DO COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE
BOMBEIROS DO CEARÁ

FORTALEZA
2016

MARIA LUCINEIDE FREIRE DE ALMEIDA

**EDUCAÇÃO MUSICAL E ESTÍMULO À AUTOEFICÁCIA:
UM ESTUDO COM A BANDA DO COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE
BOMBEIROS DO CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Toledo Nascimento.

**FORTALEZA
2016**

MARIA LUCINEIDE FREIRE DE ALMEIDA
EDUCAÇÃO MUSICAL E ESTÍMULO À AUTOEFICÁCIA:
UM ESTUDO COM A BANDA DO COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE
BOMBEIROS DO CEARÁ

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de mestre em Artes.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Antônio Toledo Nascimento (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC/Sobral)

Profa. Dra. Ana Cristina Gama dos Santos Tourinho
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Dra. Maria Gorete Oliveira de Sousa
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Aos meus pais, Antônio Freire Gonzaga e Maria Almeida Gonzaga.
À minha filha, Evelyn Cristina Freire de Almeida Pereira.

AGRADECIMENTOS

Eu costumo dizer que o sentimento mais nobre que existe no coração humano é a **GRATIDÃO**. E neste sublime momento, quero expressar esse sentimento que toma conta de mim a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com a conclusão desta dura, mas gratificante empreitada.

Primeiramente agradeço a **DEUS**, meu criador e Autor da minha Fé, sem Ele nada somos e nada poderemos fazer. “Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”.

Reservo ainda este momento para agradecer aos meus **PAIS** que primeiro me deram a vida, sempre acreditaram, fizeram o melhor e oraram a por mim a vida toda. Obrigada sempre a vocês **DOIS**, essa vitória também é de vocês.

Agradeço a minha filha **EVELYN** que me deu colo, incentivo, abraços e apoio indispensáveis com seu carinho e sábias palavras quando eu chegava para ela e compartilhava as minhas angústias, medos e dissabores na caminhada do mestrado.

Aos meus irmãos, sobretudo as minhas irmãs companheiras que torceram e me deram carinho, e dispensaram tanto de suas compreensões para comigo.

A **Nanan Mota** agradeço pela paciência, companheirismo e suporte quando e quantas vezes precisei nesses dois anos.

A **Marco Toledo**, meu orientador, por me encorajar, fazer-me acreditar e descobrir as minhas crenças de autoeficácia de forma tão significativa que, de agora para frente, todas as vezes que eu ouvir esta palavra autoeficácia, lembrar-me-ei dele aonde quer que eu vá. Até mesmo se a vida nos fizer trilhar por caminhos outros. Quantas vezes nas orientações ele me desafiava, fazia-me acreditar no meu potencial. Nunca me esquecerei dos telefonemas para orientações, dos encontros para estudo, das trocas e do aprendizado juntos.

Aos colegas do mestrado, professores e coordenadores do nosso curso.

À Universidade Federal do Ceará-**UFC**, por disponibilizar a estrutura, o excelente corpo docente, o material didático e nos receber para ali cursarmos o nosso mestrado.

À Universidade Estadual de Santa Catarina-**UDESC** e as demais instituições envolvidas, pela iniciativa de coordenar no nosso Brasil tão grande empreitada: o Curso de Mestrado Profissional em Artes - **PROFARTES**.

A **CAPES**, pelo fundamental apoio financeiro.

Ao **Pastor Rogério Carlos** pelas orações e apoio espiritual.

Ao nobre colega Miquéias, companheiro de caminhada, um incentivador que sempre esteve presente em todas as minhas idas e voltas à cidade de Sobral, no Estado do Ceará, Brasil, por acreditar em mim, dispensar-me muitos incentivos e até enxugar-me as lágrimas no caminho.

À Psicóloga **Nara** que não poderia ter surgido na minha vida em outro momento se não neste quando tudo parecia desabar. “O Divã Veio Na Hora Exata”.

Ao **Colégio Militar do Corpo de Bombeiros-CMCB-CE**, por abrir as portas e me permitir realizar a Pesquisa de Campo, tão necessária para a fundamentação do meu trabalho.

Ao caríssimo **Major Walter Célio**, Coordenador de Música do Colégio dos Bombeiros-CMCB-CE, por ter contribuído de maneira especial com importantes dados históricos da Banda de Música do **CMCB**, com depoimentos e com lições preciosas que não poderiam deixar de estar contidos na minha pesquisa, além de incentivar os alunos da Banda de Música a participarem deste processo comigo.

Aos **ESTUDANTES** da Banda de Música que contribuíram participando da minha pesquisa e dispensaram a mim carinho e confiança.

Ao colega **Lucarocas**, pelas caronas, amizade e risos em momentos de desânimo.

Ao **Gabriel**, pela sua paciência que sempre contribuiu tão sabiamente para meu trabalho ser melhor elaborado.

Às Professoras Doutoras da minha Banca de Defesa, que tão prontamente aceitaram o convite de fazerem parte dela: **Cristina Tourinho**, da Universidade Federal da Bahia-UFBA, por ter contribuído com ensinamentos à época da Qualificação do Projeto de Pesquisa e pelo encorajamento a seguir em frente nesses estudos; e **Gorete Oliveira**, do Instituto Federal do Ceará-IFCE, pela amizade e incentivo desde a época da Especialização em Arte e Educação, nos tempos do Centro Federal de Educação Tecnológico do Ceará-CEFET/CE. Ela é especial e sempre esteve na minha torcida.

Aos meus colegas de trabalho do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros: os Professores da área de Linguagens e Códigos, pela compreensão e cuidados a mim dispensados e, em especial, aos Professores e grandes incentivadores Adriana, Enoi, Renan e Clauton pelo incentivo na inscrição para seleção do mestrado, a professora Milena por estar sempre me escutando e passando um pouco da sua calma para mim.

À minha sobrinha Adilbênia Freire Machado, filósofa, mestra e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pelas palavras determinantes em momentos de angústia e de tristeza e pela ajuda na dissertação de forma geral.

Ao brilhante aluno Vinícius Matheus Feitosa, do Terceiro Ano do ensino médio, do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros-CM CB-CE, por seu apoio técnico, no auxílio nos momentos de gravação das entrevistas e dos registros fotográficos.

Ao Professor Luiz Dall' Olio que, com sua experiência e nível intelectual aguçado, deu-me suporte e orientação técnica tanto na confecção dos gráficos quanto nas análises dos dados estatísticos.

À professora Carla Simone, colega e amiga de longa data do Colégio dos Bombeiros, que fez um esforço sobre-humano para fazer a correção da minha dissertação.

Aos meus eternos e novos amigos que sempre acreditaram, apoiaram e dispensaram a mim palavras de incentivo, sorrisos doces e amizades verdadeiras.

A música é a arte que faz ressoar o eu naquilo que ele tem de mais interior; podemos sentir também que ela transforma os objetos em vibrações, e o que é fixo em movimentos. Não reconhecemos mais quem está em volta, o que é duro partiu... Cessamos de chocar-nos com as coisas. O mundo perderia então sua rigidez, podendo suavizar-se e tornar-se força de acolhida abrindo-nos passagem para nos acolher, receber-nos.

Hegel

RESUMO

Esta pesquisa apresenta contribuições da educação musical para o desenvolvimento da autoeficácia de estudantes que integram a Banda de Música Maestro Manoel Ferreira Lima do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros Escritora Rachel de Queiroz, localizado no município de Fortaleza - CE. O objetivo geral do trabalho é verificar e analisar a influência da educação musical no rendimento escolar. Busca-se confirmar a hipótese de que as crenças de autoeficácia dos alunos sofrem influência significativa das atividades desenvolvidas por eles na banda de música. Desta maneira, nesta pesquisa utiliza-se como aporte teórico a Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo método utilizado foi o Estudo de Caso no qual os dados foram coletados por meio de observações, análises documentais, questionários e entrevistas semiestruturadas por Grupo Focal. Em termos de obtenção de resultados demonstra-se que as estruturas de educação musical empreendidas pela banda de música permitem aos seus integrantes construir sua crença de autoeficácia.

Palavras-Chave: Autoeficácia; Banda de Música; Educação Musical; Rendimento Escolar.

ABSTRACT

This research aims to present the possible contributions of musical education to the development of the sense of personal efficacy on students belonging to the band of music Maestro Manoel Ferreira Lima of the military school of fire department Writer Rachel de Queiroz located in the city of Fortaleza. The objective of this research study to check the possible influence of music education in improving the academic achievement of these students, in order to verify the hypothesis that self-efficacy beliefs of individuals suffer significant influence of activities carried out by them in the band. In this way, this research will use as a reference the social cognitive theory of Albert Bandura. It is a qualitative research method which used shall be the case study. Data collection will be carried out through participant observation, document analysis and semi-structured interview and reflective. In terms of expected results demonstrate that the educational structures undertaken by the music band allows its members to build a solid belief of self-efficacy.

Keywords: Self-Efficacy; Music Band; Music Education; School Performance.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AE - AUTOEFICÁCIA

CMCB-CE- COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE BOMBEIROS DO ESTADO DO
CEARÁ

CEL - CORONEL

GF – GRUPO FOCAL

MJ - MAJOR

PCNs - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

QOBM - QUADRO DE OFICIAL BOMBEIRO MILITAR

TSC - TEORIA SOCIAL COGNITIVA

SEDUC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ

UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – INICIARAM OS ESTUDOS NA BANDA.....	50
GRÁFICO 02 – PERMANÊNCIA NA BANDA.....	50
GRÁFICO 03 – IDADE DOS PARTICIPANTES.....	51
GRÁFICO 04 – ALUNOS NOVATOS E VETERANOS DA BANDA.....	52
GRÁFICO 05 – EXPERIÊNCIA DE DOMÍNIO / EXPERIÊNCIA DE ÊXITO / EXPERIÊNCIA DE MATRIZ.....	53
GRÁFICO 06 – INFLUÊNCIA POSITIVA NA ATUAÇÃO DO GRUPO ATRAVÉS DA SUA PARTICIPAÇÃO NA BANDA DE MÚSICA.....	54
GRÁFICO 07 – INFLUÊNCIA POSITIVA DOS ALUNOS NOVATOS E VERETANOS QUANTO A SUA PARTICIPAÇÃO NA BANDA DE MÚSICA	55
GRÁFICO 08 – APOIO DOS PROFESSORES PARA REALIZAR SUAS ATIVIDADES MUSICAIS.....	56
GRÁFICO 09 – APOIO DOS PROFESSORES PARA REALIZAR SUAS ATIVIDADES MUSICAIS - NOVATOS E VETERANOS.....	56
GRÁFICO 10 – IMPORTÂNCIA DO APOIO DOS PROFESSORES PARA O DESENVOLVIMENTO MUSICAL	57

GRÁFICO 11 – IMPORTÂNCIA DO APOIO DOS PROFESSORES PARA O DESENVOLVIMENTO MUSICAL – NOVATOS E VETERANOS	58
GRÁFICO 12 – RELAÇÃO DA CAPACIDADE DE AUTOAPRENDIZAGEM COM OS PROFESSORES/ REGENTES E/OU COLEGAS	59
GRÁFICO 13 – RELAÇÃO DA CAPACIDADE DE AUTOAPRENDIZAGEM COM OS PROFESSORES/ REGENTES E/OU COLEGAS – NOVATOS E VETERANOS.....	60
GRÁFICO 14 – INFLUÊNCIA POSITIVA EM UMA APRESENTAÇÃO.....	61
GRÁFICO 15 – INFLUÊNCIA POSITIVA EM UMA APRESENTAÇÃO PELOS NOVATOS VETERANOS.....	62
GRÁFICO 16 – PARTICIPAÇÃO NA BANDA INFLUENCIANDO OS RENDIMENTOS EM OUTRAS DISCIPLINAS.....	62
GRÁFICO 17 – PARTICIPAÇÃO NA BANDA INFLUENCIANDO OS RENDIMENTOS EM OUTRAS DISCIPLINAS – NOVATOS E VETERANOS.....	64
GRÁFICO 18 – OUTROS ASPECTOS INFLUENCIADOS PELA BANDA DE MÚSICA.....	65
GRÁFICO 19 – OUTROS ASPECTOS INFLUENCIADOS PELA BANDA DE MÚSICA – NOVATOS E VETERANOS	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. EDUCAÇÃO MUSICAL NA BANDA DO COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE BOMBEIROS ESCRITORA RACHEL DE QUEIROZ.....	17
1.1.Banda de Música - um contínuo prender	25
1.2.O lugar da Educação na Metodologia	26
1.3.A Banda do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros	29
2. TEORIA SOCIAL COGNITIVA, AUTOEFICÁCIA E MÚSICA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL.....	32
2.1. O olhar perspectivo da Teoria Social: Influências da Agência Humana.....	35
2.2 As fontes de Autoeficácia.....	40
3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
3.1.Coleta dos Dados.....	45
3.2. Análises dos Dados.....	45
3.2.1.Rendimento Escolar.....	46
3.2.2. Análise das notas/médias anuais de estudantes participantes da banda do CMCB.....	47
3.3.Aplicação dos questionários.....	49
3.3.1.Análisedos Questionários.....	66
3.3.2.Entrevistas.....	67
CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXOS.....	85

INTRODUÇÃO

Por meio de um estudo que tem como objeto a Banda de Música Maestro Manoel Ferreira Lima, como *locus* o Colégio Militar do Corpo de Bombeiros do Ceará - Escritora Rachel de Queiroz, a pesquisa apresentada nesta dissertação versa sobre a Educação Musical e Estímulo à Autoeficácia.¹ Tal pesquisa nasceu do interesse em investigar as crenças de autoeficácia dos alunos participantes desta banda, bem como da curiosidade de checar às influências das atividades musicais sobre o contexto da escola. Somava-se a isso uma expectativa de evidenciar se a participação dos alunos na banda afetava suas aspirações, assim como seus níveis de interesse, no que diz respeito ao desenvolvimento escolar. Esses aspectos serão apresentados no capítulo dois, que trata do referencial teórico.

Este referencial teórico é fundamentado pela Teoria Social Cognitiva, de Albert Bandura, que tem como principal construto as crenças de autoeficácia, cujo, primeiro conceito foi apresentado por Bandura no ano de 1997 e definido como “expectativa e convicção para realização e execução de tarefas que possam produzir resultados” (BANDURA *apud* AZZI E POLYDORO, 2006. p. 12). Esse conceito é tratado no segundo capítulo desta dissertação, com mais elementos que proporcionam uma melhor compreensão do seu conteúdo.

Um desses elementos é a correlação entre o estudo da teoria e o estudo da educação musical proporcionada pela banda de música como instrumento viabilizador do desenvolvimento humano. E essa viabilidade resulta da influência que a banda vai exercer sobre os estudantes no que diz respeito às suas crenças de autoeficácia. Em termos gerais é o que diz a Teoria Social Cognitiva no que se refere a estudos do comportamento humano, já que conforme a própria teoria esse comportamento se explica por meio de um modelo de causalidade ou determinismo recíproco ou, ainda, do modelo de “reciprocidade triádica”. Para melhor esclarecer sobre essa reciprocidade, afirmações de Bandura citado por Junior e Winterstein (2010):

As pessoas não são nem impulsionadas por forças interiores, nem automaticamente moldadas e controladas por estímulos externos. Mais propriamente, o funcionamento é explicado em termos de um modelo de reciprocidade triádica na qual comportamento, fatores cognitivos e fatores pessoais, além de efeitos ambientais operam como determinantes interativos uns dos outros. As interações entre os fatores pessoais internos, (eventos cognitivos, afetivos e biológicos); os

¹ Trata-se da denominação por extenso da Banda de Música que, a partir deste ponto será referida como Banda de Música do CMCB.

padrões comportamentais e as influências ambientais atuando como determinantes, interagindo e influenciando de forma mútua e bidirecionalmente. O ser humano é desta maneira, capaz de simbolizar, planejar, aprender com experiência, e com os outros, regular, e refletir, para a adaptação e mudanças em seu ambiente. (Junior e Winterstein, 2010, p. 3)

Desse modo, é importante compreender-se que, em relação à reciprocidade triádica os fatores não agem de maneira estanque, cada um em si, mas com magnitudes e forças diferentes. Isso quer dizer que cada um tem seu domínio. Ou seja, se cada um tem suas especificidades, suas influências vão incidir sobre o indivíduo de forma diferente. A intensidade dessa incidência vai depender por sua vez de cada indivíduo. Cada um condicionado por suas circunstâncias e situações que vivencia. Nesse sentido, observa-se a interação do participante da banda – objeto social desse estudo – e seu desempenho, no contexto escolar.

Durante os ensaios e atividades na banda, ocorrem trocas de experiências entre alunos e professores. Alunos com alunos, alunos com professores, professores com professores. Dessas trocas resultam adaptações a novos conceitos, transformações comportamentais e disciplinares e aprendizados diversos. De um ponto de vista amplo esses fatores funcionaram como um filtro para realização da análise acerca das crenças de autoeficácia dos alunos.

O outro modelo de comportamento humano que fundamenta a Teoria Social Cognitiva é o Determinismo Recíproco, que segundo Bandura; Azzi; Polydoro (2008):

Em suas transações com o ambiente as pessoas não reagem simplesmente aos estímulos externos. A maioria das influências externas afeta o comportamento por meio de processos cognitivos intermediários. Os fatores cognitivos determinam em partes quais eventos externos serão observados, como serão percebidos, se terão algum efeito duradouro, qual a sua valência e eficácia, e como as informações obtidas são organizadas para uso futuro. A extraordinária capacidade dos seres humanos de usar símbolos lhes permite engajar-se em pensamento reflexivo, criar e planejar cursos de ação por meio de pensamentos antecipatórios, em vez de precisarem executar as opções possíveis e sofrer as consequências de atos irrefletidos. Alterando o seu ambiente imediato, criando motivações pessoais e incentivos condicionais para si mesmas, as pessoas podem exercer certo grau de influência sobre o seu próprio comportamento. Dessa forma, uma ação inclui influências autoproduzidas entre os seus determinantes. (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008, p. 44)

Reflete-se no espectro do determinismo recíproco, a construção da aprendizagem social proporcionada pela banda de música, como ambiente capaz de despertar nas pessoas envolvidas novos conhecimentos, não só musicais, mas do outro, da autodisciplina, da capacidade de refletir, de questionar, de criticar, e ao mesmo tempo de fortalecer sua

capacidade frente aos desafios. Desse aprendizado o participante vai espontaneamente percebendo-se estimulado e capaz de realizar suas tarefas. Observados de fora esses estímulos são percebidos nesses indivíduos pela maneira como eles passam a interagir em situações que lhes exijam soluções ou respostas imediatas. Ou seja, o indivíduo expõe seu comportamento no exercício da comunicação e interação de uns para com os outros. Como prática diária, no ambiente da banda, vai se construindo um bom relacionamento entre todos, e todos se envolvem no debate relativo à conscientização dos aspectos que relacionam a música com suas vivências diárias.

A fruição desse relacionamento durante a pesquisa foi amplamente observada, no ambiente da Banda de Música do CMCB. Tal observação entra em consonância com as reflexões de Bandura (2008) quando afirma:

É verdade que o ambiente influencia o comportamento, mas o ambiente, em parte, é criado pela própria pessoa. Por meio de suas ações as pessoas desempenham um papel na criação do meio social e de outras circunstâncias que surgem em suas transações cotidianas, assim, na perspectiva da aprendizagem social, o funcionamento psicológico envolve uma interação recíproca contínua entre influências comportamentais, cognitivas e ambientais (Bandura; Azzi; Polydoro, 2008, p. 44).

Essa perspectivada aprendizagem social é o fator que leva a se entender a relação entre autoeficácia e música. Faz-se aí uma intersecção cujas contribuições trazem uma melhor compreensão da relação do aluno com a aprendizagem no contexto escolar, isto porque seus aprendizados vão sendo paulatinamente potencializados pelos estímulos externos e internos.

Esse processo paulatino faz que se possa considerar que educar musicalmente corresponde a despertar no aluno o gosto de aprender, não só a tocar um instrumento, a ler uma partitura ou cantar, mas, antes de tudo, a perceber os sons e os silêncios ao seu redor, assim como ruídos que, por vezes, passam a ter bastantes significados. Nessa perspectiva sobrevém ainda a consideração de que educar musicalmente corresponde a uma educação para a vida, para além das paredes da escola. Ou seja, formula-se aí a concepção de que educação musical é uma forma por excelência de educação para a percepção sensível do mundo.

Para Penna (1990, p. 34), musicalizar corresponde a "desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro musical como significativo". Nesse sentido, a

autoeficácia está presente no quantitativo de esforço que o aluno faz para resultar no qualitativo da sua aprendizagem.

As questões que envolvem autoeficácia relacionadas ao esforço pessoal para um resultado de excelência na qualidade do aprendizado geral do aluno constitui a inquietação que impulsionou a elaboração do projeto que resultou nesta pesquisa cujo recorte social teve como foco a Banda de Música do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros-CMCB. Elegeu-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Como se dá o desenvolvimento da autoeficácia, e como ela afeta o desempenho estudantil dos jovens da Banda de Música do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros-CMCB? O objetivo geral que se constituiu para o projeto foi verificar e analisar a influência das crenças de autoeficácia sobre os estudantes que participam da Banda de Música do CMCB.

Para a consecução desse objetivo foram estruturados quatro objetivos específicos quais sejam: realizar um levantamento histórico da Banda do CMCB e a relação dela com a intuição de ensino; verificar o rendimento escolar dos participantes da banda de música do CMCB; identificar as principais fontes de crenças de autoeficácia desenvolvidas a partir da banda de música; avaliar como essas crenças de autoeficácia atuam no rendimento escolar dos participantes da Banda.

O que justifica o projeto como um produto social incide nesta relação de uma atividade extracurricular interferir positivamente na excelência da educação. Entendendo-se que a banda de música não é uma disciplina obrigatória, mas uma vez nela o estudante redimensiona seu senso de responsabilidade e desempenho, os trabalhos com a banda são, portanto extracurriculares. Nos resultados da pesquisa vai se depreender que os estudantes participam por vontade própria, e nesse ambiente, vão trazendo para si mais responsabilidades e vão-se construindo como sujeito de autonomia pessoal e decisões sociais. Esta pesquisa aponta para uma perspectiva de educação em que os sujeitos aproveitam suas aptidões pessoais para transformá-las em aportes do seu sucesso social. A discussão sobre uma proposta educacional que vá além das disciplinas convencionais, ou da convencionalidade dos métodos de ensinar e ainda uma reflexão sobre uma prática que renda bons frutos em uma escola e que possivelmente renderá em outras, já trazem em si indicativos de novos caminhos para a educação. A discussão e a reflexão como espaços de observação das práticas socioeducativas contribuem para a justificativa de um projeto de pesquisas como esta cujos resultados constituem o conteúdo deste trabalho.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: Introdução; capítulo 1- Educação Musical na Banda de Música do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros Escritora

Rachel de Queiroz, cujo conteúdo versa sobre a Educação Musical na Banda de Música do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros. Escritora Rachel de Queiroz, sua efetividade e sua importância no meio educacional; capítulo 2- Teoria Social Cognitiva, autoeficácia e música: uma relação possível, cujo conteúdo versa sobre o referencial teórico que fundamenta a pesquisa; capítulo 3- Procedimentos Metodológicos, cujo conteúdo versa sobre os procedimentos que possibilitaram a pesquisa se tornar uma produção de conhecimento. Incluem-se aí a pesquisa de campo e o estudo de caso; e por último a Conclusão.

1. EDUCAÇÃO MUSICAL NA BANDA DO COLÉGIO MILITAR DO CORPO DE BOMBEIROS ESCRITORA RACHEL DE QUEIROZ

Há um consenso em Fortaleza, que é de domínio público, porque tem de tempos em tempos, espaço de debates e veiculação na grande mídia – jornal, TV, rádio etc. Trata-se da generalização tácita e empírica de que a realidade do ensino de música na maioria das escolas da rede pública estadual na cidade é similar. Ou seja, há uma lacuna indiciando a ausência da música como conteúdo curricular. Na minoria das escolas, uma tentativa de diminuir essa lacuna é oferecer o ensino da música como atividade extraclasse em um contraturno.

Uma vez ou outra, vem a público, pelos mesmos meios de difusão, a discussão – oriunda de alguma entrevista com professores que estejam à frente de algum projeto, ou captada em alguma assembleia de sindicato – de que os espaços reservados para música na escola normalmente estão nos projetos destinados ao protagonismo juvenil, ou nas aulas de artes. Esse espaço destinado à música finda por ser ineficiente, pois as aulas de artes – cujos professores nem sempre são musicistas – em geral, pautam seus conteúdos nas artes como linguagem artística. Daí, nesses pressupostos, pode se falar de dança, teatro, artes visuais, e até mesmo música. Mas, quando, porém, um professor com formação em música, tenta tornar suas aulas práticas musicais – como a iniciação a um instrumento – por exemplo, depara com vários fatores dificultando seu trabalho. Entre as dificuldades ele pode listar: turmas muito numerosas, tempo de aula insuficiente para uma prática desse gênero e, até mesmo, a mudança anual de série que implica descontinuidade dos grupos formados no ano anterior. Tudo isso se soma, e resulta num conjunto que deixa muito a desejar para o cumprimento satisfatório da determinação do ministério da educação, por sua lei 11.769/2008, que reza a inclusão da música no currículo escolar como disciplina obrigatória, exigindo-lhe, portanto um trabalho efetivo como o dispensado as demais disciplinas.

Toda essa problemática concorre para uma questão inquietante para os professores de música. E essa inquietação pode ser traduzida pela dedutiva preocupação de que as aulas, efetivamente de música não abarcam a unanimidade dos alunos – como deveria ser – e como é com as demais disciplinas obrigatórias no contexto escolar. No fim de contas, o que sobra a se dizer sobre as aulas de música é que podem até ser consideradas como raridades no contingente das escolas. Essa raridade vai ter seu destaque naquela minoria de escolas que –ou por uma preocupação da gestão, ou pela feliz prerrogativa de ter em seus

quadros docentes, fornecidos pela secretaria da educação professores com formação em música –encontra saída para viabilizar os conteúdos musicais. Nessas escolas, mesmo que as condições sejam precárias e haja interferência de fatores adversos, vai se cultivando uma familiaridade musical que ponha em destaque o diálogo entre a escola e seu meio sociocultural. Em algumas além da – a atenção curricular a música –(cumprimento da lei) são mantidos, com muito empenho, aqueles projetos de que se falou a pouco, nos quais se vislumbra o oferecimento ao educando de uma aprendizagem prática e técnica sobre música e instrumentos musicais.

Uma das escolas de Fortaleza em que um desses projetos é mantido, e envolve um número expressivo de estudantes é o conhecido Colégio dos Bombeiros – denominação familiar com a qual toda a cidade se refere ao Colégio – que, aliás, é uma escola de referencia entre as mantidas pelo Governo do Estado. Cabe aqui, por isso mesmo, abrir espaço para um breve recordatório da sua história.

A consolidação do envolvimento do Corpo de Bombeiros com a educação no Estado do Ceará se deu com a fundação do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros (CMCB), em 06 de fevereiro de 1998, fruto de um convênio entre essa instituição e a Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará. Mas, apesar de o colégio ter iniciado suas atividades em 13 de abril do ano de 1998, seu reconhecimento só foi oficializado em 10 de dezembro de 2001, pelo Parecer Técnico nº0635, do Conselho de Educação do Ceará. Mais tarde a Lei 27.251, sancionada, em 17 de novembro de 2003renomeou-o para Colégio Militar do Corpo de Bombeiros Escritora Rachel de Queiroz.

Até fevereiro de 2016, o quadro de funcionários, diretamente envolvidos nas questões educacionais, era composto de um corpo docente e um administrativo. Ao todo somavam-se nove oficiais, quarenta e oito praças, setenta e três professores civis. No corpo administrativo compreende-se como máxima instância o Quadro de Oficial Bombeiro Militar (QOBM) que é composto pelo Comandante do Colégio Militar, à época, Tenente Coronel Ronald Bezerra Aguiar e pelo Diretor de Ensino, Major Francisco Albert Einstein Lima Arruda. Seu corpo discente era formado por mil e setenta e cinco alunos, distribuídos nas diversas séries da educação básica, do ensino fundamental e do ensino médio.

Uma recente mudança nos Quadros de Oficiais alterou, no entanto, a composição do corpo administrativo. A partir de março de 2016 a máxima instancia do CMCB passou a compreender-se em Comando Geral, Diretoria Adjunta de Ensino e Pedagógica, Comando do Corpo de Alunos, Acessórias, Diretoria Administrativa Financeira e Chefia. Assim, responde pelo Comando geral, o Diretor Comandante, Coronel José

Nildson de Oliveira; Diretoria Adjunta de Ensino e Pedagógica, Diretor Adjunto de Ensino e Pedagógico, Tenente Coronel Wilton Akira Shimabukuro; pelo Comando do Corpo de Alunos, Comandante do Corpo de Alunos, Major Cícero Osvaldo Zacarias Pereira; pela Assessoria do diretor comandante, Tenente Coronel Márcio Andrade Pinheiro; pela Assessoria de Comunicação, e pela coordenação do Projeto de Educação Musical, Major Walter Célio Lima de Oliveira; pela Diretoria Administrativa Financeira, Major Marcelo Santos Sampaio; pela Chefia da Seção de Coordenação de Ensino, Major Ana Paula da Silva Godinho; pela Assessora Pedagógica do Ensino Fundamental I, Capitã Sâmila de Sousa Ribeiro. Pela nova formação, o atual quadro geral apresenta quinze oficiais, cinquenta e dois Praças, compreendidos entre Soldados, Cabos, Sargentos e Subtenentes, totalizando um número de sessenta e sete militares.

Seja como for, uma importante questão se faz em conexão entre a história das composições de quadros gestores do CMCB e a história da disciplina de música lá ministrada. A educação musical no CMCB já passou por várias transições. Até 2014, a disciplina de música era lecionada somente nos 6º e 7º anos. A partir 2015, deixou de ser disciplina regular em qualquer série e passou a se concentrar somente nas atividades da banda e do coral. Em parte essa medida foi tomada porque o professor da disciplina deixou o colégio, e aquelas séries ficaram a descoberto uma vez que a Secretaria de Educação não enviou de imediato outro professor. Esse fato se somou a um processo de mudança pelo qual a instituição ia passando. Analisando-se essa medida que a escola teve que tomar, uma problemática sobrevém que é a questão do cumprimento da Lei 11.769/2008, pelo próprio órgão gestor da educação.

Em virtude dessas ocorrências, ou seja, o imperativo para a escola repensar ações pedagógicas, a música é realizada mais efetivamente por meio banda, sob a regência e organização do Major Walter Célio Lima de Oliveira. Mas efetivamente pela banda, mas o coral como já se mencionou, também tem seu espaço para oportunizar aos estudantes uma aprendizagem musical. Resulta dessas oportunas práticas um grupo de alunos que cobre os eventos cívicos e militares do colégio. Por vezes, também, o grupo toma parte em atividades extracurriculares, podendo se dizer extraclasse, e ainda quando professores de outras disciplinas propõem. É oportuno frisar que o grupo, nessas diversas participações das atividades do colégio, está sempre orientado pelo professor regente.

Figura 1: Banda de Música do CMCB – 07 de Setembro / 2013



Fonte: Arquivo pessoal.

Alguns dados anteriores e, mais precisamente, os dados a seguir foram colhidos justamente das entrevistas cedidas pelo professor regente, coordenador e também responsável pelo Departamento de Música, Major Walter Célio. Aliás, como já foi referido acima o major figura em muitas funções ligadas a música e, em suas contribuições na entrevista, seus relatos recaem mas efetivamente, sobre sua trajetória de envolvimento com a música no CMCB.

Recorda o regente que em 1999, no segundo ano de formação do colégio, ele o então Capitão Walter Célio, recebeu o convite, ou melhor, o desafio, de formar uma banda de fanfarra para apresentação no desfile de Sete de Setembro. Para tal, ele elaborou uma lista do material que precisaria e, em seguida, convocou os alunos em sala de aula. Devido ao grande interesse dos estudantes, ele conseguiu formar uma banda marcial com seis colunas por dez fileiras, tendo apenas vinte e cinco dias para ensaiar para o desfile, o que não impediu de realizar. O que isso lhe deu de resultado é que esse desfile causou grande admiração, pois sua bandinha marcial, além da forma diferenciada de tocar, fez também várias evoluções que foram novidade para a época.

Alguns anos mais tarde, em outubro de 2008, o então Comandante do CMCB, Coronel Nicanor Lobo de Queiroz, solicita ao Cap. Walter Célio, a criação de uma banda de música para o colégio. No final daquele mesmo ano, uma reforma acústica foi feita na sala de ensaio e paralelamente, efetuada a compra de quinze instrumentos, entre eles: quatro clarinetes, dois saxofones contralto, um saxofone tenor, quatro trompetes, três trombones e uma bateria completa.

Resulta daí que no dia 09 de março de 2009, teve início, então, a primeira turma de teoria musical, com um total de cento e vinte alunos, dos dois turnos, diurnos. As aulas eram ministradas três vezes por semana, com uma duração de duas horas/aula por dia. Três meses depois, em 26 de junho, do mesmo ano encerram-se as aulas teóricas. Vinte e oito alunos classificados, aptos para a próxima fase.

A segunda etapa dessa formação iniciou-se no dia 10 de agosto com a primeira aula prática. Ou seja, os alunos já com uns instrumentos. Nesse período as aulas foram ministradas pelos músicos militares da banda de música do Corpo de Bombeiros. Cada qual em sua especialidade instrumental: Sargento Francisco Carlos de Paula Nascimento, no trompete; Cabo José Marcondes Luna, no trombone; Cabo José Claytom Rocha Lima, no saxofone; Cabo Herlon Pires da Cunha Pereira, na tuba e bombardino e Cabo Claydstone Ribeiro de Souza, no clarinete. A partir desse mês de agosto, os alunos já começaram, além das aulas individuais de instrumentos, a frequentar os ensaios diários sob a batuta do Cap. Walter Célio Lima de Oliveira que também ministrava as aulas de flauta transversa.

Figura 2: Ensaio – Abril de 2016



Fonte: Arquivo pessoal.

A seleção dos alunos para os instrumentos foi feita de forma a contemplar os três primeiros colocados no curso de teoria musical. Os demais, o Major Walter (à época, capitão) escolheu pela compleição física, interesse e compromisso. Em novembro do mesmo ano, a banda teve sua primeira apresentação, tocando na formatura do final de ano da escola.

Neste segundo semestre de 2009, iniciam-se as aulas práticas no contraturno conforme relembra o Major. Os alunos matriculados no turno da manhã vinham assistir aula

a tarde e os alunos da tarde, pela manhã. Assim, consolida-se a prática dos ensaios no intervalo de um turno para o outro. Essa prática ainda é vigente.

Mesmo com dificuldades enfrentadas ao longo dos anos, a banda de música foi se firmando, e os ensaios e as apresentações continuaram. O grupo foi-se fortalecendo e tornando-se além de coeso com muito senso de compromisso e responsabilidade com suas atividades musicais. Apesar desse resultado positivo, a prática musical ainda não atinge a todos os estudantes do CMCB. Segundo Major Walter Célio e pelo Sargento Argemiro, que planejam as aulas, os participantes da banda quer dizer alunos envolvidos com atividades musicais da escola têm uma crescente e notável melhora de comportamento, nas notas e na motivação para suas atividades cotidianas. Também consideram que sessa parcela dos estudantes se mostra diferenciada. Ambos frisam que essa é uma percepção particular deles, pois lhes parece que há uma elevação na autoestima e no nível intelectual dos estudantes em questão.

O quadro de alunos na banda de música do CMCB se renova a cada ano. Podem participar alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Se houve desejo muito grande em participar, abre-se exceção para algum aluno do 5º ano. Os de séries menores por serem bem pequenos não participam dessas aulas. Em média a banda de música do CMCB é composta por alunos de 11 a 19 anos. Para o major o interesse em participar é o mais importante quesito para seleção daqueles que farão parte da banda.

Um dado que vale lembrar é que a banda de música do CMCB também é comprometida com o canto. Já se falou, por exemplo, do coral. O diferencial desse coral é que ele atende estudantes, professores e pais. Os ensaios acontecem as terças e quintas-feiras entre 12 e 13 horas.

Indagados sobre as razões que os levaram a participar do coral ou da banda, alunos pais e professores respondem partir de suas experiências pessoais. Um aluno com problemas auditivos, por exemplo, fez uma reflexão que expressa seu conceito pessoal sobre música, em resumo, para esse aluno – e para outros que com ele concordam – a música produz um forte impacto na vida das pessoas, serve-lhes como terapia, ajuda-lhes a sair de depressões, e contribui para aliviar-lhes vários estados de desequilíbrio emocional a ele em particular ressaltou que ajuda na aprendizagem, desperta curiosidades, instiga o estado cognitivo.

Para dialogar com estas reflexões é coerente a análise de Gazzaniga (2008, *in* BRASIL), sobre o impacto da música:

[...] a música impacta a aprendizagem de outras áreas do conhecimento, além de formar comportamentos de atenção que impulsionam e melhoram a cognição. A educação musical atua diretamente no cérebro, promovendo a atenção executiva, necessária para formar memórias de qualquer área do conhecimento formal e de suas metodologias. Existem ligações específicas entre o estudo de música e a habilidade de manipular informação tanto na memória de trabalho (usada para pensar), como na memória de longa duração (usada para arquivar os conteúdos aprendidos, os métodos e a experiência).(GAZZANIGA, 2008, *in*BRASIL, 2013, p. 07)

Nesse sentido, comungando com a ideia de Gazzaniga (2008), pode-se dizer que a prática musical tem grande importância por contribuir clara e diretamente para a interação entre as pessoas e para seu processo de formação e sociabilidade. Pelas ideias de Almeida (2010) ao influenciar na cultura de um povo a música torna-se importante também como elo de fortalecimento, ou como vínculo entre os membros de uma comunidade ou instituição em que estejam inseridos. Melhor dizendo:

No contexto coletivo, o ensino musical proporciona a interação dos estudantes desenvolvendo aspectos de cooperação e socialização, além de provocar baixa evasão. Os aspectos técnico-musicais também são potencializados no ensino grupal, pois esta metodologia contribui, também, para o desenvolvimento da afinação instrumental, uma vez que a vivência de tocar em grupo favorece o aprimoramento da percepção, visto que os alunos estão em contato sonoro uns com os outros, fazendo com que a percepção musical auxilie no desenvolvimento de uma melhor emissão sonora (ALMEIDA, 2010, p. 35).

Assim, de acordo com o que se compreende a partir desses autores (Gazzaniga e Almeida), a música conjuga-se como ferramenta de formação. Por essa razão, é que música e educação pensadas juntas podem ser vistas como produto de formação humana. Partindo-se desse pressuposto compreende-se que música e educação promovem processos de conhecimento e de autoconhecimento. É oportuno salientar a afirmação de Mithen (2006) ao refletir que “a música, como uma forma de expressão humana universal, perpassa diferentes indivíduos, grupos, tempos e espaços. Também é fonte de produção e de socialização de expressões culturais particulares” (MITHEN, *in*BRASIL, 2013, p. 06).

A ideia de expressões culturais particulares dialoga com a ideia da presença da música na história da humanidade. Uma vez elemento da história humana a música é possivelmente uma constante em todas as culturas e em todos os tempos. É possível até que não tenha havido povo sem música. Dessa forma a música descreve uma trajetória lado a lado com a educação conforme os estudos e avaliações de Mithen (*in*BRASIL, 2013):

A presença da música no currículo escolar favorece o funcionamento das capacidades cognitivas, uma vez que ela educa a atenção, promove à interação

social, forma circuitos no cérebro que são base para outras atividades humanas, forma conexões que são relacionadas à sintaxe da escrita e da matemática, cria representações mentais no cérebro e, eventualmente, cria memórias destas representações mentais que podem ser acionadas em aprendizagens várias, inclusive da leitura, desenvolve o pensamento geométrico e a aprendizagem de sequências lógicas. Música, portanto, é importante fator de identidade pessoal e expressão da cultura, que abrange a diversidade de experiências e historicidade de um povo, constituindo-se, dessa forma, em componente de cidadania.(MITHEN, *in*BRASIL, 2013, p. 07)

Quando se trabalha a música em sala de aula ou em contextos diversos dentro da escola, agregam-se aí valores e espaços de socialização. Essas considerações dialogam com as reflexões de Brito (2013):

A socialização que a música exerce dentro do contexto coletivo, induz a acreditar que as aulas em grupo venham transformar uma simples sala de aula em um ambiente agradável para o desenvolvimento dos alunos, na medida em que possibilitam um intercâmbio sociocultural, assim, é patente que nas Bandas de Música a interação social torna-se constante no processo de aprendizagem, influenciando diretamente nas relações estabelecidas pelos participantes, e estas relações não sugerem somente um clima harmonioso entre os mesmo. Embora os envolvidos neste processo de aprendizagem tenham características em comum, os motivos, perspectivas e objetivos de participarem desta atividade podem ser extremamente diversos.(BRITO, 2013, p. 13):

Nesse contexto de socialização, vai se identificar o trabalho com a música desenvolvido no CMCB. A troca de experiências e vivências, o compromisso dos estudantes para com a banda de música são reflexos do que se considerou até aqui sobre a música como produto e produção de cultura e educação. Para descrever-se a rotina dos alunos da banda do CMCB, vai se perceber que se acontecem apresentações em horários de aulas, os alunos assumem o compromisso com a agenda escolar do dia. Eles têm a responsabilidade de se inteirar sobre o conteúdo passado em sala de aula, já que um dos principais objetivos da banda é fazer que o aluno se torne responsável pelos seus afazeres, entre eles o de classe, para não passar a apresentar resultados negativos. Uma das metas do CMCB é que seus estudantes alcancem resultados positivos e sejam proativos nas demais disciplinas de modo geral.

No enfoque específico sobre bandas de música no Brasil são pertinentes as observações de Klander (2011).

[as bandas de música] são locais de agrupamentos e apresentam-se como importantes no ensino e aprendizagem de música, onde ocorre o ensino de instrumento de forma individual ou coletiva, aulas de teoria musical, prática instrumental em naipes e outras atividades musicais. Além disso, é intenso o

convívio social dentro desses grupos, o qual proporciona diversas formas de aprendizado.(KLANDER, 2011, p. 12).

Este enfoque é coerente com a filosofia de trabalho da banda do CMCB. Longe de apenas ser um espaço para reunião de estudantes a banda é, antes de tudo, um lugar onde eles aprendem a conviver e sociabilizar aprendem, antes de tocar um instrumento, o caminho para chegar a tal prática, visto que as aulas iniciam pela teoria musical. E esta é a base sustentadora e primeira da banda. A realidade do CMCB, é que esse espaço de convivência vem se desenvolvendo ano após ano, com a inserção de mais e novos instrumentos. Hoje conta com, além daqueles quinze do início da formação, mais dezesseis novos. Um oboé, um fagote, quatro clarinetes, um clarone, quatro trompas em fá, um flautim, dois tímpanos, um bells e uma tuba sinfônica. O efetivo atual conta com 26 integrantes; entre alunos formados na própria escola e alunos que já tinham algum tipo de formação musical.

1.1.Banda de Música - um contínuo aprender

O trabalho das bandas de música nas escolas, pensando-se bem, não ocupa um espaço de visibilidade ou destaque social. Uma reflexão que se pode fazer é que realmente não é um tema que promova muitas discursões, nem em encontro de professores, nem na mídia, por exemplo. Como é um assunto de que quase não se ouve falar, o que se pode pensar a respeito é que, sendo pouco divulgado, tal vez esteja sendo suprimido por outras atividades. No entanto, um olhar com outras perspectivas sobre as bandas seria muito oportuno para se começar a atribuir a devida importância às contribuições que elas trazem para o social e o coletivo.

O sentido de coletivo se articula com o sentido de conjunto que se vai observar tanto em definições de dicionário quanto em conceitos teóricos. Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1993), por exemplo, banda de música é “conjunto de músicos que tocam instrumentos de sopro e percussão” (Holanda, 1993, p.64). Na prática, esses conjuntos musicais, aqui no Brasil, recebem várias outras denominações como banda marcial e fanfarra – as mais comuns – e, ainda, outras como banda sinfônica etc.

Andrade (1988) por sua vez compreende que

Banda de Música é um conjunto que emprega instrumentos de sopro e percussão usados na orquestra sinfônica atual, acrescidos dos instrumentos construídos por Adolf Sax (saxofones e saxhorns) ou similares de outras fabricações, em função das necessidades musicais, para execução musical ao ar livre. (ANDRADE, 1988, p.13)

Importante faz-se ressaltar que, segundo artigos publicados online pela PUC/Rio (certificação digital nº 0310244/CA)², as bandas de música diferem-se entre si. Existem a banda civil e a banda militar. a principal diferença entre elas consiste em que a banda militar é pertencente a alguma instituição militar, os músicos são militares. Outra característica é que as bandas militares são bandas profissionais. As bandas civis podem ser profissionais ou amadoras.

É de certa forma apoiado nas considerações de Nascimento que se visualiza a banda de música do CMCB, como espaço em que a situação da educação é a de um contínuo aprender com o respaldo das interações intersubjetivas como método.

1.2.O lugar da Educação na Metodologia das Bandas

É importante que se fale do lugar da educação e dos métodos utilizados nas bandas de música. Estes métodos merecem atenção, pois são pontos importantes para a prática pedagógica de ensino. Assim, a metodologia usada pelo professor constitui-se peça chave no processo de aprendizagem e interação dos conteúdos. Pensar os conteúdos em termos interacionais é fundamental, levando-se em conta que cada estudante tanto tem característica próprias para aprender, como apresenta dificuldades particulares para o desenvolvimento de suas práticas. Do mesmo modo, cada professor tem um método próprio de ensinar.

As reflexões a seguir se fazem acerca do esquema de situação de educação das bandas proposto por Nascimento (2012), com base na Psicopedagogia de Gaston Mialaret (2002) e na Psicologia da Educação Musical, segundo Jean-Pierre Mialaret, (1996).

Nascimento ressalta que na banda de música existe uma característica particular na situação de educação. Existem nesses grupos relações de dimensões situadas entre as características psicológicas dos parceiros do ato educativo em vários momentos, como ensaios, estudos, concertos, que são estabelecidos por integrantes de níveis diferenciados de experiência musical. Fato que não acontece nas instituições escolares comuns, nesses casos. “Muitas vezes, o papel de professor é realizado de forma oculta, pois esse músico não possui o status de professor” (NASCIMENTO, 2012, p. 202).

² Artigo, na íntegra, disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10955/10955_5.PDF .

Outro fato citado por Nascimento (2012, p. 203), recai sobre a figura do maestro, “pois diferentemente da maioria das situações de educação em que o professor não realiza as tarefas com os seus estudantes, o mestre da banda pode atuar como instrumentista em execução de peças com alto nível de complexidade.”

Sobre os métodos de educação (Método Sintético ou Tradicional e Analítico Sintético) utilizados por Gaston Mialaret (2002) para a educação musical, Nascimento (2012), mais uma vez, apropria-se das leituras para exemplificar o esquema de situação de educação nas bandas de música.

Os métodos chamados de sintéticos ou tradicionais é aquele que busca utilizar estratégias educacionais em que o docente utiliza como recurso principal a teoria fundamentada como indução da inteligência por conteúdos de conhecimento. Ou seja, o docente, após uma análise do conteúdo, vai estruturar a aprendizagem a partir de uma demonstração que, acompanhando seu desenvolvimento, segue do simples ao complexo, do abstrato ao real (NASCIMENTO, 2012, p. 205).

O que o autor critica que nesse método é a ausência de discussão, da pesquisa e da criação dos atores implicados no processo, e que as disciplinas são dispostas em conteúdos separados sem integração.

O outro método é o Analítico Sintético. Este prioriza, de certa maneira, a base de conhecimento que o aluno traz consigo. Desse modo, Nascimento, (2012, p. 206). afirma que esse método compreende que “os novos conhecimentos são desenvolvidos a partir dos conhecimentos já adquiridos e formulados pelo aprendiz e colocados em relação aos novos saberes No método sintético, a origem da aprendizagem musical se caracteriza pela teoria musical.” Assim, compreende-se que essa relação de aprendizagem se constrói-se sobre uma lógica de aproximação e de comparação devido às discussões que permitem uma elaboração do pensamento, até que haja uma “reconstrução sintética do real”(MIALARET, *apud* NASCIMENTO, 2012, pp. 206-207).

Nascimento (2012) defendeu em seu texto sobre a questão dos métodos que as bandas utilizam os dois métodos de educação citados por Gaston Mialaret (2002), concluindo que a aprendizagem musical nesses grupos acontece em dois momentos distintos. O primeiro com a utilização do método sintético; depois quando aprendiz recebe o instrumento musical e vai para as estantes da banda, passa-se para o analítico-sintético. Essa graduação metodológica utilizada pelas bandas é o que se pode compreender como método evolutivo. E evolutivo quer dizer que: “a educação nas bandas de música começa com o método sintético e evolui para analítico sintético” (NASCIMENTO, 2012, p. 208).

Pela evolução que os aprendizes adquirem com as aulas e com o as trocas de experiências, ganham autonomia e são capazes de analisar e avaliar seu desempenho e execução do repertório inerente à banda, com isso contribuem mais ainda com o desenvolvimento e crescimento dela.

Nascimento (2003) enfatiza que:

A banda de música até bem pouco tempo, era um dos mais populares veículos de acesso à cultura musical para a sociedade, encerrando nas apresentações não somente a oportunidade do entretenimento musical, mas importante estímulo ao talento musical do indivíduo, levando-o a participar da banda de música e a aprender a tocar um instrumento musical. (NASCIMENTO, 2003, p.95)

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) é importante que a escola, para lidar com seus estudantes, compreenda que:

É necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais. Uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a humanização de seus alunos. Estabelecendo relações com grupos musicais da localidade e da região, procurando participar em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, a escola pode oferecer possibilidades de desenvolvimento estético e musical por meio de apreciações artísticas. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, P. 79).

Desse modo, a obrigatoriedade do ensino de música na escola, determinada pela Lei nº 11.769/2008, é o resultado de um processo permanente de luta histórica e socialmente construído por músicos e educadores na busca pelo reconhecimento da importância do componente curricular música para a formação integral dos estudantes.

Quando se observa o termo formação integral do estudante, percebe-se que não se pensa somente na aprendizagem em si ou na obrigatoriedade do ensino da música como um simples componente curricular, mas isso está posto, de maneira clara, e explícita nos PCN's, que tenha uma visão do aluno como um ser crítico, atuante e responsável pela sua própria história, e que por essas e outras razões merecem atenção e cuidado. Desse modo, o conhecimento e a vivência da música como expressão humana e cultural devem ser integrados sistematicamente às diferentes áreas do currículo.

No sistema educacional, a música é contemplada nos PCN's, bem como na Lei de Diretrizes e Bases (LDB). E como prática a música em sendo executada por meio dos

programas e projetos; e até mesmo em eventos promovidos que são desenvolvidos pelas políticas da Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará.

Vale salientar que não se tem um quadro suficiente de professores habilitados para trabalhar em sala de aula especificamente com a música. As orientações que os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem para se trabalhar a música, se aplicada na escola, vem despertar no estudante a curiosidade de aprendizagem. Estas são algumas diretrizes no que se refere à música, e como ela deve ser executada, visando sempre o melhor para a educação e para formação do aluno.

A educação musical, entendida como ciência ou área de conhecimento, não escapa de conviver e de defrontar-se com constantes situações problemáticas que são peculiares ao atual momento. Diferentes práticas são propostas com a intenção de amenizar as necessidades pedagógicas musicais decorrentes da diversidade de concepções de conhecimento e de mundo.

A educação musical deve ser voltada para as pessoas no sentido de não se pensar apenas na técnica. Como diz Koellreutter (*Apud* Brito, 2011, p.43), “a tarefa de musicalizar, trata-se de um tipo de educação que aceita a educação musical nas escolas como uma tarefa de transformar critérios e ideias artísticas em uma nova realidade, resultante de mudanças sociais”.

1.3. A Banda do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros

O trabalho da banda de música no CMCB é um projeto visionário que tem contribuído para a formação do estudante em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Observado de perto como foi durante a pesquisa, não se pode negar haver nesta banda um empenhado projeto dos professores em estimular aos estudantes a escrita autônomas de suas biografias. Ao longo da pesquisa o que foi observado permite à pesquisadora avaliá-lo como um trabalho que procura um melhor desenvolvimento do protagonismo juvenil. Conseqüentemente, em seus aspectos particulares, a banda do CMCB dialoga com os aspectos gerais rezados pelas teorias e métodos educacionais como aqueles discutidos por Nascimento (2003). Só para lembrar, Nascimento (2003), em suas discursões menciona a importância do estudo escolar da música por meio de bandas concebidas que são, como grupo socializador.

Nesse espaço de convivência, também durante a observação da pesquisa, foi possível perceber que os estudantes demonstravam interesse em participar daquele grupo.

Entre os dados da convivência avaliados, destaca-se que eles se respeitavam mutuamente e buscavam ajuda entre eles mesmos, para enfrentarem as dificuldades que por ventura encontravam. Os fatores idades e séries diferentes não desfavoreciam essa convivência de respeito pelas habilidades uns dos outros. Entre os dados emocionais emanados desse grupo, eram comuns as sensações de alegria, bem estar, entusiasmo e, pode se generalizar, toda uma atmosfera de positividade parecia envolver aqueles aprendizes com o compromisso que abraçaram como participantes da Banda do Colégio.

A impressão que se pôde ter foi a de que os alunos se sentiam privilegiados e, de certo maneira, até especiais por estarem naquele espaço. Desse modo, demonstrava-se proativos e determinados a alcançarem os objetivos dos projetos pessoais, tacitamente traçados para suas vidas. Nesse aspecto orientando-se por pressupostos psicológicos da teoria de Bandura, a pesquisadora podia estimar que a crença de autoeficácia ali naquele grupo fluía de forma positiva.

Um fator muito importante observado entre os alunos da banda do CMCB, é que apesar de cada um aprender à sua maneira e individualmente, existe um bom relacionamento entre eles. Isso é presumido quando se vê que há troca e compartilhamento de estudos e de suas experiências, seja nas músicas ensaiadas e executadas, seja nas tarefas diárias dos demais componentes curriculares. Ou seja, esses jovens aprendizes socializam não só seus aprendizados, mas suas dificuldades também. Com isso, transformam estas últimas mesmo sem o saber, em métodos de autoaprendizagem. Como exercício de cidadania, conscientes ou não disso, praticam um dos principais pressupostos de uma sociedade saudável, que é a ajuda mútua.

O conjunto desses dados faz o olhar pesquisador ir compreendendo a importância de uma banda de música, pode se afirmar que a banda deve ser vista como uma formação de elos. Elos, porque a formação social é ligada às trocas de experiências; as trocas de experiências fecham um círculo fortalecendo a formação humana. Conforme já se vem discutindo, a banda contribui para o desenvolvimento do aluno. Isso, porque as experiências do tempo de aprendiz os influenciam vida a fora e certamente inclui-se aí seu lado profissional.

Soma-se a isso o fato de os alunos aprenderem a conviver e a respeitar as diferenças do outro, pois o trabalho em grupo perpassa pelo campo dos valores, da cidadania, do empenho coletivo, e do respeito à diversidade. Nascimento (2015, p. 238), compreende, “as bandas de música como grandes defensoras da democratização da aprendizagem musical”. Essa compreensão é coerente com o que se observou na banda do

CMCB-CE. Um espaço em que se constrói a individualidade, construindo o coletivo e vice e versa, a priori, é aceitável como democrático.

No ano de 2015, essa banda passou por momentos difíceis. Vários fatores concorreram para esse dado ruim. Entre eles, estão mudança de direção, e de função do regente, remanejamento de um professor para assumir outra função no quartel, saída de um professor de música do colégio, construção de nova sala de música. Com isso os encontros ficaram menos frequentes, porém não deixaram de acontecer. O evento, no entanto não foi de todo ruim ele serviu para acionar o termômetro dos interesses dos alunos na continuidade das atividades. Os indicativos desse interesse puderam ser vistos nas atitudes dos alunos veteranos, que sempre iam ao colégio para ensaiarem, e para suas costumeiras trocas de experiência. A presença de alunos novatos era pouca, mas os interessados buscavam aproximação com os veteranos para se sentirem apoiados e assim poderem adquirir novos aprendizados. Essa união e empenho dos estudantes foi um pilar primordial para a continuidade da banda.

Esses esforços, no entanto não ficaram sem a recompensa de um reconhecimento. Ao contrário foram devidamente valorizados. No primeiro trimestre de 2016 uma nova sala de música foi inaugurada. As novas instalações da banda estão acomodadas nesse novo espaço, que apresenta uma estrutura moderna, ampla e aconchegante. Os alunos sempre que se referem a essa aquisição, demonstram, contentamento, mais segurança e, muitos se dizem até felizes e bem mais estimulados a participarem do grupo. E esse contentamento e estímulo se repete as terças e quintas-feiras, geralmente das 12 às 14 horas, nos ensaios dos veteranos; e as segundas, quartas e sextas-feiras, no mesmo horário nos ensaios dos novatos; e se fortalece nos ensaios gerais que, normalmente, acontecem uma vez por semana, no mesmo horário.

2. TEORIA SOCIAL COGNITIVA, AUTOEFICÁCIA E MÚSICA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

A Teoria Social Cognitiva traz como seu principal construto a autoeficácia. Construto este desenvolvido, desde 1977, pelo psicólogo canadense Albert Bandura. A proposta deste capítulo é relacionar a música com o conceito de autoeficácia. Para tal propósito faz-se necessário compreender inicialmente o contexto em queum trabalho com a música como construção social é desenvolvido. Ou seja, o contexto no qual a pesquisa foi realizada.

Tratando-se desta pesquisa em específico dois ambientes são considerados. Um, amplo, que é o escolar, e outro restrito, que é banda de música da mesma escola. De modo geral é representado ai um contexto educativo no qual aprendizagem e desenvolvimento da pessoa humana se dão na relação que se estabelece entre os envolvidos por interesses comuns. Desse modo observa-se que na banda, por estarem envolvidas com maior e mais efetiva proximidade, as pessoas vão aprendendo entre si, com a interação e os planejamentos em grupo.

O contexto escolar, de acordo com Bandura, é o ambiente propício e adequado para se verificar o impacto da crença de autoeficácia, pois segundo ele, “o contexto escolar é um dos mais adequados para se verificar o impacto da crença de eficácia coletiva nas relações institucionais”. (BANDURA,*apud*CASANOVA, 2014, p. 56).

Se as pessoas – tanto professores quanto aluno – têm um senso forte de eficácia no seu ambiente escolar – sobretudo nas tarefas a serem realizadas –,isso fará a diferença para uma maior promoção da aprendizagem. Consequentemente, maior será o desempenho pessoal dos envolvidos. Nesse sentido, infere-se que os indivíduos possuem crenças pessoais que lhes permitem exercer, em certa medida, o controle sobre os seus pensamentos, sentimentos e ações.

Essas considerações fazem acreditar-se que, promover a valorização de saberes em um ambiente de respeito mútuo e reflexão coletiva pode contribuir para as impressões acerca das crenças de autoeficácia. Diante disso é necessário perceberem-se melhor as próprias capacidades – indo-se além de notas escolares, por exemplo. Quer dizer é muito útil aos alunos experimentarem o sabor do êxito em situações por eles vivenciadas, para irem gradativamente construindo uma percepção sempre mais favorável a respeito de si mesmos na condição de aprendiz. Dialoga-se aqui com esta assertiva defendida por Bandura:

Autoeficácia acadêmica refere-se ao domínio da aprendizagem em contextos escolares e tem sido definida como crenças de um estudante em sua capacidade de organizar e executar cursos de ações requeridos para produzir certas realizações referentes a aspectos intelectuais e de aprendizagem (BANDURA, 1993 *apud* CASANOVA, 2006, p. 67).

A apresentação do conceito de eficácia acadêmica, descrito acima, foi necessária para situar o leitor quanto ao contexto escolar, pois autoeficácia ocorre em diversas áreas e contextos da vida. Autoeficácia pode ser um sentimento, que envolve a pessoa e a influencia na realização de ações; esse sentimento é também base para motivação humana, apresentando-se lhe como algo subjetivo.

As crenças de autoeficácia podem afetar as escolhas e o desempenho das pessoas para a realização de alguns afazeres. As crenças na eficácia pessoal podem ser consideradas, segundo a Teoria Social Cognitiva, a maior base para a ação de um indivíduo. Segundo o próprio Bandura,

as crenças de autoeficácia ajudam a determinar o quanto de esforço as pessoas dedicarão a uma atividade, quanto tempo elas perseverarão quando confrontarem obstáculos e quanto serão resilientes frente a situações diversas. Quanto maior o sentido de eficácia, maior o esforço, a persistência e a resiliência. Como consequência as crenças de autoeficácia também influenciam as escolhas que as pessoas fazem e os cursos de ação que procuram. Os indivíduos tendem a selecionar tarefas e atividades em que se sintam competentes e confiantes e evitem aquelas em que não se sentem assim (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008, p. 106).

Considerando-se o princípio da seleção de atividades por afinidades de competências, pode se inferir a crença de eficácia como fator de satisfação e motivação dos estudantes músicos para desempenharem tarefas com as quais se afinam, e, dessa maneira vislumbrarem sucesso com elas, sucesso, aí, pode traduzir uma crescente satisfação com as atividades desenvolvidas na banda, mas também com o desempenho escolar como um todo, refletido nos bons rendimentos das demais disciplinas. Até por que esse rendimento deve ter espaço prioritário na vida de um estudante.

Koellreutter discute algumas questões a respeito da educação musical voltada para a compreensão do ser humano, não apenas para a formação profissional do músico. Sob seus pontos de vista, a educação voltada para a compreensão do ser humano, viabilizada pela música corresponde a

um tipo de educação musical não orientado para a profissionalização de musicistas, mas como meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como todo de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao

profissional de qualquer área de atividade, como, por exemplo, as faculdades de percepção, as faculdades de comunicação, as faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo, as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por interesses pessoais aos do grupo, as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização do todo, base essencial do raciocínio e da reflexão (KOELLREUTTER, 1998, *apud*BRITO, 2011, p. 43).

Esse processo também pode ser avaliado sob a ótica da autoeficácia acadêmica juntamente com outras crenças e atitudes para a aprendizagem. Todo esse conjunto de estímulo às faculdades afetivas e cognitivas se associam a crença de que os estudantes confiam em sua capacidade para aprender. Uma tendência genérica a partir das postulações de Koellreutterseria a de se remeter à questão pragmática de que as habilidades sãoconstruídas e autorreguladas dentro do próprio processo dessa aprendizagem. Ou seja, o individuo aprende fazendo, e se desenvolve. Daí surge a prerrogativa de um dialogo latente entre o desenvolvimento de faculdades e habilidades no processo do aprender fazendo com as crenças de eficácia. E seria esse diálogo um fator que denotaria quanto a crença de ser eficaz influencia o desempenho escolar do educando, e o quanto implica em seu desenvolvimento humano na integridade.

Compreende-se, então, que esse diálogo implícito motiva. E, a partir do momento que os indivíduos se sentem motivados, eles fortalecem suas crenças, determinam-se e realizam com sucesso suas atividades. Para se chegar a sensação de estar motivado,Araújo e Ramos (2015) indicam que existe um nível de “motivação na qual os sujeitos agem baseados nas suas convicções, portanto, uma motivação de base efetiva” (ARAÚJO; RAMOS, 2015, p. 50). Pelas características que se vem descrevendo até aqui, pode-se até depreender que a autoeficáciaé também uma emanção autoafetiva.

Uma base afetiva permite à autoeficáciaaplica-se a diversos contextos, situações e ambientes emdiferentes momentos do desenvolvimento humano. Essas crenças não são permanentes. Tampouco fixas. Elas são influenciáveis pela interação que se opera entre as condições externas e as determinações humanas individuais. Eis aqui umas das razões pelas quais – tal qual flor, que reage às condições climáticas a para desabrochar – as crenças de autoeficacia varia de acordo com as atividades a serem realizadas,o contexto em que as pessoas se encontram e o quanto elas estão determinadas a realiza-las.

2.1. O olhar perspectivo da Teoria Social: influências da agência humana

Neste ponto do capítulo, as reflexões voltam o foco para a agência humana, conceito correlato à autoeficácia. Em linhas bem gerais, a correlação conceitual entre agência humana e autoeficácia pode ser explicada a partir da compreensão de que quando os sujeitos são agentes de si mesmos, são, por isso, autoeficazes, e vice e versa.

A agência humana chama a atenção para a perspectiva de sua influência para o autodesenvolvimento das pessoas, refletindo as adaptações, as influências externas e internas e o processo de mudança que os indivíduos são capazes de apresentar através de suas vivências. Em síntese se são soberanas das agências de si mesmas, as pessoas tem autonomia de autorefletir-se, auto-organizar-se, autorregular-se, e de serem proativas, e não apenas guiadas e orientadas por outrem.

Albert Bandura, na Teoria Social Cognitiva (TSC), vê o homem como agente de sua história, podendo modificar o meio em que está inserido, ou seja, seu contexto de acordo com suas atitudes e ações. O homem não é apenas modificado, ele também modifica, ele é o próprio sujeito, e pode avaliar as consequências e os resultados de suas ações. Assim sendo, essa posição “o coloca como agente capaz de fazer as coisas acontecerem com suas ações e de se envolverem positiva e proativamente nelas”(BANDURA; AZZI; POLYDORO 2008, p.73). Daí vem a sugestão de que a mente humana é produtiva, criativa, proativa, e reflexiva, e não apenas reativa.

Compreende-se então, desde as postulações do autor, que a Teoria Social Cognitiva adota a perspectiva da Agência Humana como um dos seus conceitos principais. É importante enfatizar que o ser humano ao adotar uma postura agêntica, aceita-a pela existência de quatro capacidades intrinsecamente humanas, as quais podem ser consideradas como as características fundamentais norteadoras da agência humana. São elas: intencionalidade, antecipação, autorreatividade e autorreflexão. (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008), que se definem na visão de Bandura, de acordo com o modo como incidem sobre as pessoas.

Assim é que Intencionalidade significa que as pessoas podem escolher o modo de agir, elaborando planos e estratégias de ação para realizá-los. Isto é, transformam futuros imaginados em realidade. Nesse ponto, as pessoas podem premeditar suas ações futuras. Pela *antecipação*, as pessoas podem adiantar resultados esperados de ações prospectivas, guiando e motivando seus esforços. As pessoas se motivam e guiam suas ações. A capacidade

antecipatória possibilita que os símbolos sejam antecipados no futuro, antevendo consequências de ações que poderão ou não ser executadas.

Com a autorreatividade, os agentes monitoram o próprio comportamento e regulam suas ações pela influência autorreativa, fazendo coisas que lhes dão satisfação e sentido de autovalor, e evitam ações que lhes tragam insatisfação e autocensura. Nesse sentido, a pessoa não pode ser apenas planejadora, mas, um motivador, autorregulador. É através da autorreatividade que o indivíduo tem a possibilidade de transformar suas intenções em ações. Já pela autorreflexão, as pessoas não são apenas agentes de suas ações, mas autoexaminadoras do seu próprio funcionamento pela autoconsciência. Elas refletem sobre sua eficácia, suas motivações e valores e fazem as correções necessárias. A capacidade de autorreflexão caracteriza-se por possibilitar a autoavaliação das ações, dos pensamentos e do comportamento.

Desse modo, a partir da Teoria Social Cognitiva, a autoeficácia pode ser vista, de um lado, na perspectiva agêntica, na qual se observa a subjetividade do indivíduo, considerado sujeito de sua história e não apenas produto do meio. Do outro lado a reciprocidade existente entre indivíduo, ambiente e comportamento, permitindo ao indivíduo influenciar e ser influenciado em seu comportamento.

Dentro dessa perspectiva, é levado em conta, também, o ambiente em que as pessoas estão inseridas, pois, não é possível ver o indivíduo sem um meio social, sem as relações de trocas e de vivências cotidianas. Esse fator de vivências faz parte da própria vida e contribui de forma significativa para o desenvolvimento humano, bem como para sua motivação diária. A família, a escola, a comunidade são grupos sociais aos quais somos inseridos em determinadas fases da vida, que contribuem para o desenvolvimento humano em todas as dimensões, em todas as perspectivas.

Na visão cognitiva social as pessoas não são nem impulsionadas por forças interiores, nem automaticamente moldadas e controladas por estímulos externos. Mais propriamente, o funcionamento é explicado em termos de um modelo de reciprocidade triádica na qual comportamentos, fatores cognitivos e fatores pessoais, além de efeitos ambientais operam como determinantes interativos uns dos outros (BANDURA, 1986, p. 18, *apud* VENDITT, 2005, p.24)

Percebe-se, portanto, que o ser humano não é somente influenciado pelo meio em que está inserido. O indivíduo não é visto como um ser passivo, dominado pelas ações ambientais. Mas, sim, como um ser influente em todos os processos. Os fatores pessoais e ambientais não funcionam independentes um do outro, eles se determinam uns com os outros. Para melhor compreender esse modelo de interação, podemos ver a figura abaixo:

Figura 3: Modelo da Reciprocidade Triádica

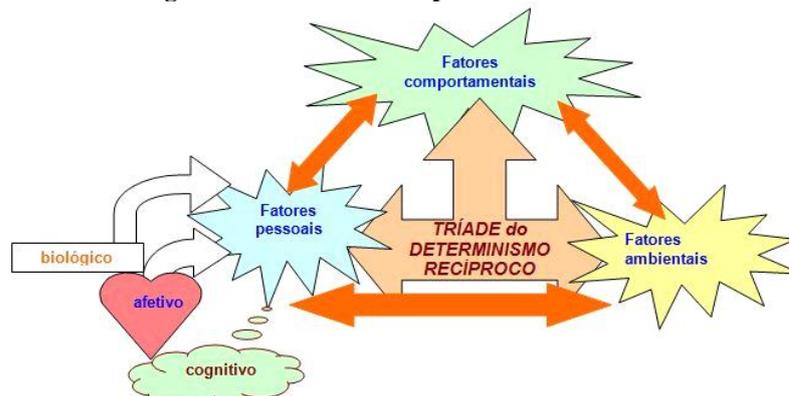


Figura 3. Reciprocidade Triádica e determinismo recíproco. Interação entre os fatores pessoais, comportamentais e ambientais, além da interdependência entre os mesmos. Esse constructo é uma das premissas teóricas para a compreensão da TSC de Bandura (1986). Adaptado de Bandura (1986, p. 24-25) e encontrado em Venditti Jr (2005).

Muitas vezes, constata-se que um mesmo acontecimento em um mesmo espaço é interpretado diferente por duas ou mais pessoas. Muitas vezes, as mesmas atividades propostas para um grupo de pessoas trazem reações diferentes para cada uma delas envolvidas nas atividades. Enquanto uns se dão por inteiro e interagem e têm um bom resultado, outros poderão vivenciar o final das atividades com angústia; interpretando como algo que não os despertem em nada.

Nesta pesquisa, apesar do foco nas atividades de uma banda escolar, as leituras e as considerações teóricas fizeram compreender-se que as crenças de eficácias podem ser percebidas diante de quaisquer ações ou de quaisquer atividades que as pessoas se propõem fazer em qualquer seguimento humano. Contudo, o principal ingrediente é a autoconfiança, o autocrédito. Cada pessoa, antes de tudo, precisa acreditar em si. Dizem Diana e Coimbra:

Dois estudantes com o mesmo objetivo de aptidão numérica, mas com distintos níveis de desempenho, provavelmente evidenciarão níveis de desempenhos distintos numa mesma prova de avaliação. Assim, o estudante que possui uma maior confiança na sua capacidade de desempenho tenderá à obtenção de melhores resultados do que o estudante que duvida da sua capacidade de desempenho (DIANA E COIMBRA, 2010, p. 26)

Em termos de aprendizagem escolar, alguns aspectos que motivam as pessoas a escolherem, persistirem, engajarem-se em atividades propostas nas diversas disciplinas. Muitas vezes, a dinâmica que o professor usa nas suas aulas são fontes de influências para a motivação e o engajamento dos alunos que fazem a aula com ele. Quanto ao envolvimento com a música e com as atividades que, por meio dela, se desenvolve é ainda algo em

constante estudo. Não se sabe ao certo, as causas que levam as pessoas a se atraírem e a se envolverem com as atividades musicais. Cereser (2011) argumenta que os estudos sobre motivação e aprendizagem musicais.

Investigam fatores motivacionais internos e externos, a exemplo da percepção de habilidades musicais, o interesse, os valores e as metas a serem alcançadas, as crenças de eficácia pessoal, a atribuição de sucesso e fracasso, a influência dos pais e pares. A compreensão dos fatores internos e externos auxilia a explicação da influência no envolvimento e desempenho da pessoa nas atividades musicais. Cereser (2011, p. 47)

Neste ponto, é pertinente observar que entram em diálogo as ideias de Cereser (2011) com o que diz Nascimento (2011), onde estas últimas remetem a uma ampliação das primeiras. Enquanto Cereser discorre sobre fatores de motivações internas e externas, Nascimento reflete sobre as ações coletivas, estas ações, por si só, ao serem executadas sempre em face da presença do outro, ao imporem ao individual modificar e ser modificado pelo coletivo, já mesclam o interno e o externo. Nas considerações a respeito da banda de música e suas associações às crenças de eficácia, Nascimento 2011, assim se posiciona:

As bandas de música amadoras, seus maestros e suas estruturas educacionais permitem aos músicos construir uma sólida crença no que eles podem produzir. A realização de efeitos desejados por uma ação coletiva e o fato de dar aos músicos meios para a sua realização são os ingredientes-chaves de um processo cognitivo. É esta crença coletiva, centrada sobre as capacidades operatórias do grupo, que nós chamamos de 'eficácia coletiva'. (NASCIMENTO, 2011, p. 55),

É possível perceber que nessa relação de troca, as pessoas com fortes crenças de eficácia, tornam-se capazes de criar, planejar, e prever resultados antecipatórios, “em vez de precisarem executar as opções possíveis e sofrer consequências de atos irrefletidos. Alterando seu ambiente imediato, criando motivações pessoais e incentivos condicionais para si mesmo” (Bandura, Azzi, Polydoro 2008, p.44). É nesse sentido que Bandura lista alguns efeitos que segundo ele a autoeficácia é responsável por produzir:

- Esforço e resistência à adversidade: indivíduos que possuem um maior índice de autoeficácia diante das adversidades são mais esforçados e resistentes;
- Escolha das ações: os níveis de autoeficácia elevados é que regulam a escolha dos indivíduos a determinadas tarefas, nas quais se sentem mais capazes e sabem ter competência para realizá-las do que aquelas em que não são tão competentes ou habilidosos.
- Melhores rendimentos efetivos: desempenhos satisfatórios estão diretamente relacionados à autoeficácia elevada.
- Padrões de pensamento e reações emocionais: autoeficácia elevada traz reflexos nos indivíduos serenos (equilíbrio emocional), concentração na tarefa e pensamento positivo (BANDURA, 1997, *apud*, LACERDA, 2012, p.28).

A partir desse conjunto de efeitos deduz-se que autoeficácia constitui-se no fator determinante de como os indivíduos se comportarão em relação a alguma situação. Em outras palavras, autoeficácia tem influência direta na capacidade da agência humana e nos resultados que o agente almeja alcançar.

Na disposição dos elementos desse conjunto proposto por Bandura, volta-se a perceber a relação triangular de reciprocidade. Isto é, retoma-se a ideia da tríade, em que os componentes –fatores comportamentais, pessoais e ambientais –produzem um feixe de influências uns com os outros, e incidem sobre os indivíduos. Essa incidência não é, no entanto necessariamente equivalente, ou seja, cada fator tem seu caráter particular.

Observando-se as pessoas em ação, a primeira vista não se faz ideia dos fios invisíveis que as movem. As proposições de Bandura, no entanto sugerem que pelo menos em alguns aspectos, as particularidades desses fatores provêm às pessoas oportunidade de exercerem algum controle sobre o que elas querem para si. Controle sobre os seus destinos, e, sobretudo, para colocar limites ao seu autodirecionamento.

Essas premissas – como não poderia deixar de ser – vão estar presentes nas atividades executadas pela banda do CMCB. Com base nessas premissas, considerando-se o que elas abarcam em extensão e isonomia, torna-se possível relatar-se que das atividades executadas por aqueles alunos músicos também fruí significativas influências para suas crenças de autoeficácia. Delas, também fruí tacitamente contínuas interações do comportamento humano com os estímulos do ambiente.

Se essas interações são processos dinâmicos que envolvem emoções, pensamentos e ações, a banda do CMCB-CE torna-se apenas mais um ambiente em que a teoria pode ser observada. Assim, nesse ambiente encontra-se o diálogo possível da música com a Teoria Social Cognitiva. Por extensão, dir-se-ia que esse é um diálogo contínuo visto que a arte é viva, que a música faz as pessoas buscarem aperfeiçoar seus saberes e sentirem-se confiantes e determinadas para atuar no cenário em que se encontram.

Em relação às essas reflexões, vale ainda salientar que quando se confrontaram os pressupostos teóricos com as atividades realizadas na banda do CMCB-CE, percebeu-se quanto sentido essas questões fazem. Muitos aspectos do que vem sendo discutido ao longo deste trabalho a respeito das crenças de eficácias puderam ser ali destacados pelo olhar proposto nesta pesquisa.

Uma série de teorizações se fez perceptível nas influências mútuas dos companheiros de banda, em suas trocas e motivações. O relacionamento existente entre eles parecia fazer sempre surgir o real sentido de executarem juntos, suas tarefas. Sentido este,

que se estende à vida dos sujeitos – para além dali –, como agentes de sua própria história. E a agência resulta em fator – pelo que se entendeu a partir dos estudos de Bandura para as crenças de autoeficácia que se desenvolvem no íntimo desses sujeitos.

2.2. As fontes de Autoeficácia

De acordo com a Teoria Social Cognitiva, existem quatro fontes para a origem das crenças de autoeficácia. Essas fontes atuam de formas independentes ou combinadas entre si, são elas: as experiências de êxito ou diretas, as experiências vicárias, a persuasão verbal e os estados fisiológicos. Neste ponto do capítulo foram revisitadas como forma de se reafirmarem o modo pelo qual suas reverberações estiveram nas vivências escolares educacionais dos alunos da banda do CMCB, observadas durante a pesquisa, e até aqui relatadas. Desse modo mais uma vez, salienta-se o diálogo entre os trabalhos da banda e as postulações da Teoria Social Cognitiva. As quatro fontes, em linhas gerais, estão assim descritas por Bandura.

Experiência de êxito, ou Experiência de domínio ou Experiência direta. Para Bandura (2008), essas experiências dizem respeito às vivências pessoais, nas quais se tornam uma fonte especialmente influente para a convivência entre as pessoas. Quando estas pessoas conseguem realizar suas tarefas com êxito, encorajam-se e criam expectativas de que poderão conseguir resultados positivos na próxima tarefa.

Nas experiências de êxito, não significa dizer que as pessoas vão experimentar ou enfrentar com sucesso apenas tarefas fáceis. É importante que se superem obstáculos presentes nas atividades postas a serem realizadas e com o resultado positivo o indivíduo tem sua crença de autoeficácia fortalecida. (BANDURA, 2008, p.104).

Experiências Vicárias. Em linhas gerais, conforme se interpreta do que diz Bandura, experiências vicárias consistem em si tomar as experiências alheias para exemplo. Assim, por meio da observação à vivenciados colegas mas desenvolto nos exercícios práticos por exemplo os alunos aprendem entre si. Os que têm certa dificuldade se espelham naquele que não a tem, enquanto aquele que está mais seguro divide com os outros suas experiências. A experiência de sucessos dos outros pode ser um bom caminho para a construção da autoeficácia. Explica Bandura que

quando as pessoas não estão certas de suas próprias capacidades ou quando tiverem pouca experiência anterior, elas se tornam mais sensíveis a essa fonte. [...]A Experiência Vicária é particularmente poderosa quando observadores enxergam semelhanças em alguns atributos e acreditam que o desempenho do modelo é atributo de suas próprias capacidades”(BANDURA, 2008, p.104).

Persuasão Verbal. Nesta fonte obtém-se informação sobre as crenças de autoeficácia. Como o próprio nome sugere é uma fonte de capacidade persuasiva. Bandura leva a entender que os persuasores desempenham um papel importante no desenvolvimento das crenças de outros sujeitos. Para ele, as persuasões positivas podem encorajar e empoderar, enquanto que as persuasões negativas podem enfraquecer as crenças de eficácia. “O impacto da persuasão pode criar credibilidade nas atividades realizadas e isto aumenta a crença de eficácia dos indivíduos” (BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008, P.105).

Estados Fisiológicos. Quarta e última das fontes de crença de autoeficácia defendidas por Bandura. Esta fonte está ligada aos estados fisiológicos humanos. Todas as pessoas estão sujeitas a reações orgânicas. Desse modo, quando os sujeitos se encontram em desempenho de funções podem ser levados em conta o estresse, a fadiga, a ansiedade, a dor, a tensão. Até os estados de humor contam. Essas manifestações podem alterar a percepção e o desempenho, e se refletem nas crenças de autoeficácia, “pois, afetam diretamente o julgamento que as pessoas fazem sobre a sua própria capacidade de realizar determinada tarefa” (BANDURA, AZZI, POLYDORO e, 2008, P.105).

Diante das quatro fontes, observa-se quão importantes são as informações que para elas observou Bandura em seus estudos psicológicos do comportamento cognitivo das pessoas. Por conseguinte, esta pesquisa também produziu resultados sobre um estudo cognitivo e gerou informações sobre ele. Daí faz-se importante notar que nesse tipo de pesquisa, as informações são calcadas em experiências e aprendizados adquiridos ao longo do tempo em que o objeto pesquisado esteve na observação do pesquisador. O que o pesquisador, em última instância observa, são as vivências do objeto de sua pesquisa, e vivência, não é coisa que aconteçam ao acaso. Ao contrário, leva um tempo, por isso é processual e contínua.

É, portanto no processo de suas vivências que as pessoas ponderam suas próprias aptidões e experiências. Isso por um lado. Por outro lado elas avaliam diversos componentes das situações, como as dificuldades na execução das tarefas, o grau de exigência do professor, as ajudas que receberam e as que prestaram aos outros.

Sob esses aspectos, compreende-se a correlação que existe entre as quatro fontes descritas por Bandura. Dessa forma, aproximando-se os pontos pelos quais elas se interligam pode-se mensurar o quanto a reciprocidade tríadica, ou seja, aquela interação – que se apresentou neste capítulo – dos fatores pessoais, ambientais e comportamentais, dialoga com essas fontes na medida em que tanto as fontes quanto a tríade estão diretamente ligadas aos acontecimentos do dia a dia das pessoas.

3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o alcance dos objetivos propostos pelo projeto, procedeu-se a um Estudo de Casocomo estratégia de pesquisa. Os procedimentos metodológicos pelos quais se conduziu o trabalho caracterizam a pesquisa qualitativa. Os recursos estratégicos para a obtenção dos dados foram à observação,o questionário e a entrevista. O caso estudado foi o da Banda Musica Maestro Manoel Ferreira Lima, do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros Escritora Rachel de Queiroz. Em específico o grupo de alunos participantes da banda. O Colégio Militar do Corpo de Bombeiros é uma escola pública mantida pelo Governo do Estado, em Fortaleza-Ceará, onde foi realizada essa pesquisa.

A escolha do estudo de caso como estratégia da pesquisa foi definida porque, conforme Yin (2001, p. 32), o estudo de caso compreende “uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Vislumbrou-se, a partir desse esclarecimento teórico a possibilidade de empreender uma pesquisa acadêmica sobre a influência da música na formação das pessoas, sobretudo, na do estudante.

Corroborou para o projeto se tornar a pesquisa que ora se descreve, o professor/orientador, que apresentou algumas teorias a serem utilizadas como ferramentas de base para tais pretensões por dialogarem como motivações relativas a música. Entre essas teorias, a que mais pareceu adequada ao tema, foi justamente a Teoria Social Cognitiva,de Albert Bandura (1997), com seu principal construto, que é o conceito de Crenças de Autoeficácia.

Encontrou-seaí, portanto, a teoria que poderia endossar a proposta da pesquisa. Entretanto, pretender estudar música de um modo geral, ou educação musical, significa estar diante de temas muito vastos, por isso seria imperativo delimitar o objeto. Assim a banda de música do colégio dos Bombeiros foi o recorte temático e objeto do estudo. De posse desses encaminhamentos, iniciou-se a pesquisa. Mas precisamente, o estudo de caso.

Entre os procedimentos metodológicos de um estudo de caso, estar a coleta de dados. Ou seja, um dos primeiros passos quando já se estar em campo. Yin (2001) menciona a predominância de alguns princípios na coleta dos dados de um estudo de caso,que serão assim entendidos:

- a) Várias fontes de evidências, ou seja, evidências provenientes de duas ou mais fontes, mas que convergem em relação ao mesmo conjunto de fatos ou descobertas;
- b) Um banco de dados para o estudo de caso, isto é, uma reunião formal de evidências distintas a partir de um relatório final do estudo de caso;
- c) Um encadeamento de evidências, ou seja, de ligações explícitas entre as questões feitas, os dados coletados e as conclusões a que se chegou. (YIN, 2001, p. 105)

Análoga à divisão de Yin (2001), a pesquisa foi dividida em três fases. 1) coleta de dados. Nesta fase por meio de uma pesquisa documental a respeito do rendimento escolar, acrescida de depoimentos de professores foram coletados os dados dos alunos envolvidos na pesquisa. 2) Questionário. Nesta fase os alunos responderam a questionários. 3) Entrevistas por grupo focal. Nesta fase os alunos foram divididos em dois grupos focais. Um de veteranos, outro de novatos. Além dos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados como complemento de informações os registros em vídeo de situações e experiências vivenciadas pelo grupo participante da banda.

A propósito de se esclarecer o conceito de *grupo focal* verificam-se as considerações de Martins e Theóphilo, (2009, p.90):

Grupo Focal-GP, trata-se de um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo. Tem como objetivo a discussão de um tópico específico. O *Focus Group* é também chamado de entrevista focalizada de grupos. [...] Os participantes influenciam uns aos outros pelas respostas e ideias, as experiências e aos eventos colocados pelo moderador. As características gerais do *Focus Groups* são envolvimento dos participantes, as séries de reuniões, a heterogeneidade demográfica do grupo, a geração de dados e informações necessárias aos objetivos da investigação. A integração espontânea dos participantes propicia a riqueza e flexibilidade na coleta de informações, dados e evidências não comuns quando se aplica um instrumento individualmente.

Essa descrição teórica de Martins e Theóphilo esclarece que grupo focal se constitui por diferentes grupos, que se podem escolher por faixas etárias, gênero, ou outras características. Desse modo, o grupo maior de alunos músicos da banda do CMCB foi dividido em dois grupos menores, o de alunos veteranos e o de alunos novatos, conforme já se mencionou. O objetivo dessa divisão foi verificar se havia uma diferença de crenças de autoeficácia de acordo com o tempo de permanência do aluno na banda. Escolheu-se o grupo focal porque difere das entrevistas individuais. Alguns autores a exemplo de Patton e Minayo explicam a diferença.

Difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios

previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (PATTON, 1990; MINAYO, 2000, *apud* TRAD, 2009).

Após a coleta e análise de dados, a pesquisa segue para as considerações finais, ou seja, a conclusão da dissertação. Este constitui um momento até histórico para a pesquisadora, tendo em vista o aprendizado adquirido, as experiências vivenciadas ao longo do caminho com o professor/orientador, com os demais professores e colegas do curso e com os envolvidos no desenvolvimento da pesquisa. Nestes últimos incluem-se os professores de música e alunos da banda do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros. Desse modo, a conclusão trará análise e crítica desse processo.

3.1. Coleta dos dados

A exemplo das tripartições, a coleta de dados também ocorreu em três fases. A primeira foi uma análise documental, visava-se a verificar para confirmar a crença do imaginário coletivo de que os alunos da banda apresentavam um rendimento escolar exemplar. Esse rendimento correspondia a boas notas, muitas delas, até, acima da média da turma, segundo avaliava e informou o Major regente.

Confirmar a informação justificou a segunda etapa, que foi a aplicação do questionário. Visava-se a verificar, pelo teor das respostas dos alunos se, ou em que pontos, a participação na banda influenciava nos seus sentimentos de autoeficácia.

Com a verificação das respostas chegou-se à viabilidade da terceira parte. É que o teor respondido levava a compreender-se que não só havia influência da banda na vida dos respondentes quanto em que pontos ela incidia. Em virtude dessa interpretação, a terceira fase constituiu-se na interpretação dos dados respondidos. Que levaram ao modo como essa influência é indiciada.

3.2. Análise dos Dados

Após os procedimentos de coleta de dados somados às reflexões sugeridas pelas interpretações que deles se podem fazer e ainda a uma criteriosa revisão de literatura, pôde-se proceder a uma análise dos conteúdos informados nas coletas. Desse modo, a análise do conteúdo captado nos dados, aliada às referências teóricas e mais as observações, interpretações e os aprendizados adquiridos no decorrer se articulam de modo a

encaminharem a pesquisa para chegar ao objetivo geral. Para isso, procede-se à análise dos dados propriamente dita.

3.2.1.Rendimento Escolar

Pensando-se bem, o estudante, como ser humano que é, é um sujeito em formação permanente. Na atualidade ele está cada vez mais no ambiente escolar. Mas com a velocidade com a qual tudo acontece no mundo moderno, tudo passa muito rapidamente; demasiadamente depressa, mas essa pressa não pode constituir-se causa de se perder de vista a aprendizagem, o desenvolvimento cognitivo e a afetividade desse estudante.

Tem se observado que nesses tempos ultradinâmicos as novas políticas educacionais têm criado estratégias para a escola acolher o estudante o máximo possível. A escola, por sua vez, envolvida nessas estratégias, vem criando espaços para receber o aluno no contra turno. Assim um número significativo de escolas proporciona cursos, atividades lúdicas, atividades musicais, etc, extraclasse, visando a promoção de um ambiente acolhedor no qual se trabalha o protagonismo juvenil.

Vê-se protagonista das próprias experiências pode dar ao aluno um dos mais significativos motivos para estar na escola. Se a escola promove a ele espaço e instrumento para suas experimentações até se sentirem confiantes de seus aprendizados, finda por parecer o lugar ideal para ele crescer e onde ele deve viver boa parte de seu dia. Na escola também o aluno vai perceber o valor das trocas de experiências, da sociabilidade e das atividades ali desenvolvidas. De modo geral o que se pode perceber é que a escola atual está atenta a esse desenvolvimento integral do estudante.

Essa premissa pode representar um fator que leva o aluno a se empenhar nos estudos, porque existem em suas escolas profissionais que se engajam nas causas dos estudantes e se interessam por lhes despertar a curiosidade para o novo, e para sua autoconstrução cidadã. Quer dizer o estudante certamente percebe que o ambiente escolar se empenha para o desenvolvimento integral do jovem. Neste contexto de trocas e vivências, usa-se o tempo como algo precioso. Para o aluno esse uso do tempo lhe chega como aquilo que o leva a se conectar com a realidade. De acordo com algumas respostas nas leituras dos questionários da pesquisa, essa conexão se faz significativa, para o aluno porque lhe desperta um sentimento de confiança e proatividade. Conseqüentemente, isso resulta numa aprendizagem crítica e reflexiva.

Esse remodelar de estratégias leva a uma releitura sobre a nova escola ou a uma significativa revisão dos conceitos que embasaram a velha escola ao longo da história. Anova leitura que se propõe é a de que a escola tem-se empenhado em deixar para trás aquele lugar enfadonho, de estresse, para projetar-se e promover-se em um lugar de desenvolvimentos, de acontecimentos, de experiências e, por conseguinte, um lugar que desperta no aluno alegria por estar ali. Por certo que as pessoas são movidas pela alegria de fazer parte de um ambiente que elas possam definir como um espaço que lhes proporciona bem-estar emocional.

Ea se observar pelas declarações dos respondentes discentes do CMCB, essa moção alegre não é diferente para o aluno quando esse ambiente é sua escola. A junção desses fatores resulta em uma maneira de aumentar as crenças de autoeficácia nos e para os alunos.

Na sequência, fazendo de premissa essa junção de fatores que ascendem as crenças de autoeficácia, passa-se à análise das notas/médias de alunos da banda de música do CMCB. Antes, porém de encerrar essa seção do texto e iniciar a próxima considera-se oportuna uma citação de Hegel, para uma reflexão sobre bem estar e acolhida em ambientes enriquecidos pela música.

A música é a arte que faz ressoar o eu naquilo que ele tem de mais interior; podemos sentir também que ela transforma os objetos em vibrações, e o que é fixo em movimentos. Não reconhecemos mais quem está em volta, o que é duro partiu... Cessamos de chocar-nos com as coisas. O mundo perderia então sua rigidez, podendo suavizar-se e tornar-se força de acolhida, abrindo-nos passagem para nos acolher, receber-nos(SNYDERS,1997, p. 121)

A reflexão que decorre como uma interface entre o pensamento de Hegel e o objeto dessa pesquisa é que é de acolhida o lugar da banda de música na escola. Do contrário esse espaço não seria motivador para tantos alunos nem para proporcionar tantos aprendizados e trocas de experiências.

3.2.2. Análise das notas/médias anuais de estudantes participantes da banda do CMCB

A primeira fase desta pesquisa em campo constituiu-se de uma verificação de notas/médias anuais do ano de ingresso do aluno na banda para o biênio 2014-2015, compreendendo nessa fase, uma mostra, de 15 estudantes. O Quadro permite o comparativo dessas notas:

Estudante	Ano de entrada na banda	Média/2014	Média/2015
Aluno 1	8.58	8.50	9.10
Aluno 2	6.88	7.00	7.50
Aluno 3	7.81	7.83	7.90
Aluno 4	7.35	7.56	8.00
Aluno 5	7.00	7.00	8.10
Aluno 6	6.32	6.56	7.00
Aluno 7	6.17	7.00	7.60
Aluno 8	6.36	7.34	8.04
Aluno 9	6.51	6.79	7.00
Aluno 10	6.77	6.78	7.00
Aluno 11	7.16	7.80	7.50
Aluno 12	6.44	6.60	6.90
Aluno 13	6.78	7.11	7.27
Aluno 14	8.40	8.71	9.21
Aluno 15	6.22	6.85	6.92

A média padrão do CMCB-CE é seis. Observa-se de forma geral, que nenhum aluno apresenta nota igual ou inferior à média da escola desde a sua entrada na banda de música. Das notas/médias apresentadas de quinze alunos, totalizando 57% dos participantes da banda, que está composta por vinte e cinco estudantes, referente aos anos 2014 e 2015, todos apresentam notas acima da média. É importante salientar que as notas analisadas têm como referência o ano inicial de entrada do aluno na banda. Alguns estudantes cursam o Ensino Fundamental II e alguns já estão no Ensino Médio. De forma geral, percebe-se que o rendimento acadêmico no quesito nota sofreu variações positivas, o que significa uma melhora nas notas dos estudantes da banda, tendo por parâmetro as notas averiguadas.

Nos depoimentos dos alunos (ver anexo 1), a maioria deles reporta-se para esse ponto. Os estudantes sempre se referem aos seus estudos e às suas notas pondo-os em paralelo à banda, ao dizer que a música os incentiva para suas melhores pontuações. Destaca-se aqui parte de um dos depoimentos.

Quando estou na banda, nos ensaios, nas apresentações, sempre sei que através da música e de tocar um instrumento eu sou capaz de ir além, aprendo a cada dia com a interação com meus colegas, somos um grupo que busca estudar mais e mais, não só o conteúdo música, mas através do incentivo da banda, do grupo que a compõe, objetivamos notas melhores nos estudos, buscamos melhor nos desenvolver como pessoas, e somos pra cima, determinados. Sabemos que vamos conseguir alcançar os objetivos traçados pela banda e objetivos pessoais também (Aluno Paulo Matheus, depoimento escrito, anexo 1)

Analisando as notas apresentadas no quadro acima, observa-se que, no ano de 2014, treze alunos apresentaram médias acima das conquistadas quando da entrada na banda e somente um aluno apresenta nota inferior, em alguns décimos apenas. Um aluno manteve sua média. No ano de 2015, da amostra avaliada, houve aumento das médias dos quinze estudantes. O quadro faz perceptível a ascensão da média anual desse grupo analisado.

A análise aconteceu a partir da média dos estudantes retirada dos boletins escolares. Inicialmente foi questionado sobre o início dos estudantes no grupo e a partir disso as notas foram comparadas tomando-se sempre como notas bases as do período da entrada na banda. Assim, percebeu-se que houve aumento do rendimento escolar coincidente com a participação dos protagonistas na banda. Ia se justificando assim a continuidade da pesquisa, no intuito de verificar se essa participação influenciava as crenças de autoeficácias dos atores envolvidos.

Não obstante, ser um dado indispensável não é exatamente o fator *notas* objetivo central desta análise de dados, mas sim e, sobretudo, verificar como a música, mediando as atividades realizadas na banda, influencia as crenças de autoeficácia das pessoas. Quer dizer, averigua-se se essas atividades tornam os alunos músicos da banda do CMCB motivados e determinados a conseguirem realizar com sucesso seu curso de ação que por ventura, eles tenham anteriormente traçado.

3.3. Aplicação dos questionários

Por meio das vivências na banda de música da instituição aliadas a diálogos com os estudantes e professores da Banda de Música da CMCB, muitos desses registrados em depoimentos (Ver anexo 1), foi possível organizar uma relação de conceitos necessários para se chegar a uma pergunta de pesquisa acerca da influência desse aprendizado musical no desempenho escolar dos estudantes. Porém, para averiguar tais respostas, seria necessário um procedimento científico-metodológico. Para tal, foi estruturado um questionário (ver anexo 3) no qual os dados serão apresentados abaixo.

No dia 24 de maio de 2016, na parte da manhã, os estudantes participantes da banda se encontram com a pesquisadora na sala de música do CMCB para responderem ao questionário elaborado previamente, tendo sido agendado este encontro com antecedência e de pleno acordo com os pais, pois os mesmos autorizaram a participação dos seus filhos através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, termo este enviado para cada um dos pais dos alunos participantes (ver anexo 2).

Inicialmente, explicou-se ao grupo a importância de suas respostas, e que todas elas seriam mantidas em sigilo. Logo em seguida, as perguntas foram lidas pela pesquisadora. Na sequência, ainda ficou esclarecido que, caso surgissem dúvidas, elas poderiam ser dirimidas, sem, contudo, a pesquisadora induzir as respostas. Por uma questão ética, a imparcialidade é imprescindível nesse momento. O número de respondente compreendeu-se num total de vinte e três estudantes.

Os dados referentes às respostas ao questionário também foram analisados, e para exposição dos resultados, produziu-se um gráfico para cada pergunta e resposta, conforme demonstrado a seguir.

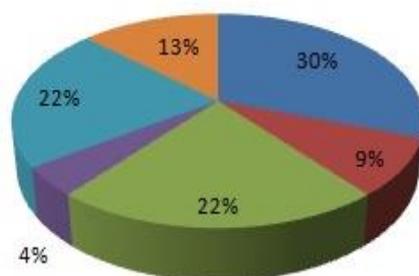
Gráfico 01
Iniciaram os estudos musicais na banda do CMCB



Este gráfico mostra que nove estudantes não iniciaram os estudos musicais na banda do CMCB e que catorze iniciaram os estudos na banda do CMCB.]

Gráfico 02
Permanência na banda

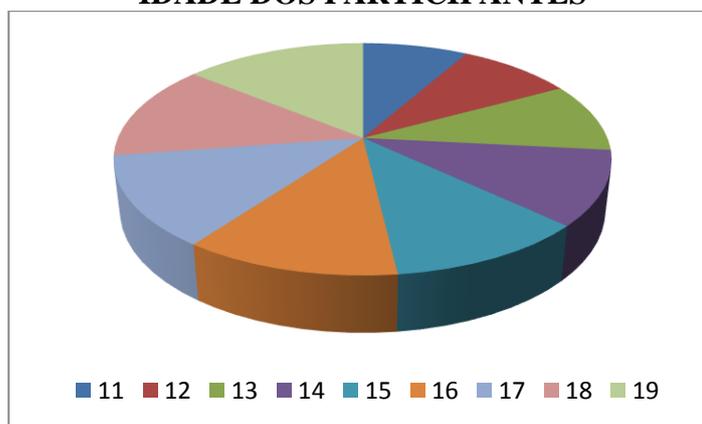
■ Até 1 ano ■ Entre 1 ano e 2 anos ■ Entre 2 anos e 3 anos
■ Entre 3 anos e 4 anos ■ Entre 4 anos e 5 anos ■ Entre 5 anos e 6 anos



Este gráfico demonstra que o tempo de participação e integração dos alunos na banda de música varia de um a seis anos. Foram obtidos os seguintes resultados: 22% dos estudantes estão há até um ano na banda; 9% estão de um a dois anos; 22% estão entre dois e três anos; 4% estão entre três e quatro anos; 30% permanecem entre quatro e cinco anos; e 13%, entre cinco e seis anos. Com isso, pode-se analisar que 22% dos estudantes que estão na banda de música entre dois e três anos, igualam-se à porcentagem de 22% dos estudantes que estão há até um ano.

A síntese desses dados é que alunos os novatos são nove, e estão na faixa compreendida entre 1 e 2 anos de permanência na banda, que corresponde a 39,13% . Os demais catorze são veteranos, e estão na faixa compreendida entre 2 e 6 anos, e correspondem a 60,87% da amostra analisada.

Gráfico 03
IDADE DOS PARTICIPANTES

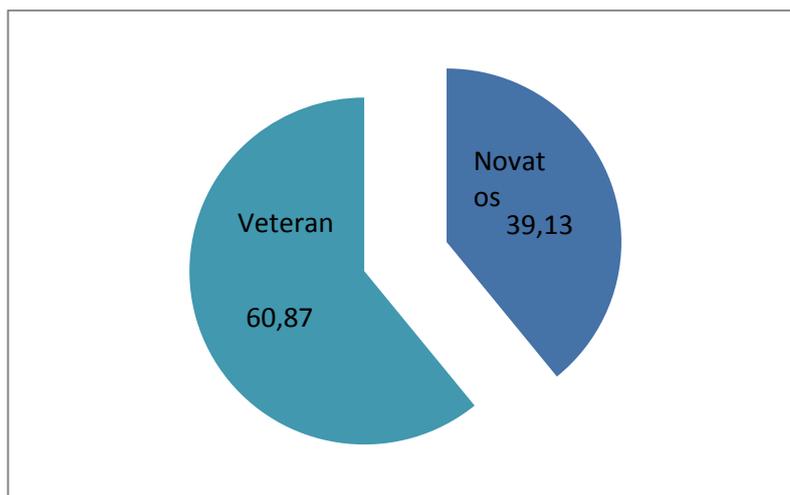


Idade	Alunos	%
11	01	4,35%
12	03	13,04%
13	03	13,04%
14	03	13,04%
15	03	13,04%
16	01	4,35%
17	05	21,74%
18	03	13,04%
19	01	4,35%
Total	23	100,00%

Este gráfico demonstra que a idade dos alunos da banda compreende uma faixa de 11 a 19 anos. Os que estão no Ensino Fundamental II, cursando do 6º ao 9º ano, compreendem-

se na faixa de 11 a 14 anos. Os que se compreendem na faixa de 15 a 19 anos estão no Ensino Médio. Em geral, estes são que os têm mais tempo de banda. Os nove alunos novatos compreendem-se na faixa etária de 11 a 14 anos. Em virtude de haver um aluno veterano com 14 anos, os catorze alunos veteranos compreendem a faixa etária de 14 a 19 anos.

Gráfico 04
Alunos novatos e veteranos

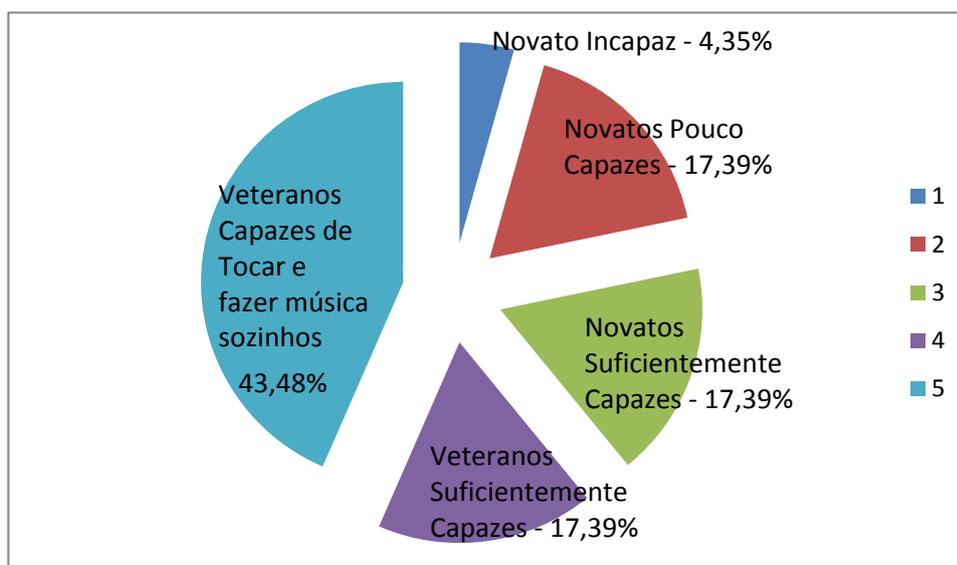


	Idade	Qde. Alunos Por faixa etária	Qde. Alunos Novatos e Veteranos	Percentual %
Novatos	11	1	09 Alunos	39,13%
	12	3		
	13	3		
	14	2		
Veteranos	14	1	14 Alunos	60,87%
	15	3		
	16	1		
	17	5		
	18	3		
	19	1		
Total			23 Alunos	100,00%

Depois de verificadas as idades e o tempo de permanência dos estudantes respondentes na banda, continuou-se o processo de análise, de acordo com as quatro fontes de autoeficácia definidas por Bandura, das que já se falou, seguindo a ordem de como foram elaboradas as perguntas, e identificada cada fonte.

Experiências de domínio/ experiência de êxito (matriz):

Gráfico 05



	Habilidade de Aprender Sozinho	Alunos	%	Alunos	%
Novatos	Incapaz	1	4,35%	9	39,13%
	Pouco capaz	4	17,39%		
	Suficientemente capazes	4	17,35%		
Veteranos	Suficientemente capazes	4	17,35%	14	60,87%
	Capazes de tocar e fazer música sozinho	10	43,48%		
	Total	23	100,00%	23	100,00%

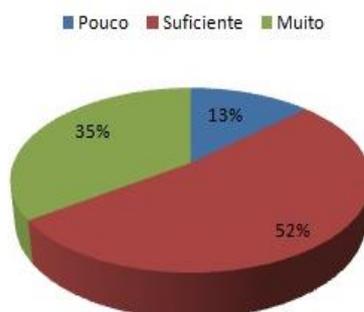
A partir das leituras do gráfico do quadro, verifica-se que dos nove alunos novatos, apenas um diz não apresentar a habilidade de aprender sozinho; quatro se dizem poucos capazes e quatro se dizem suficientemente capazes. Já entre os catorze veteranos, quatro se dizem suficientemente capazes, e dez se declaram capazes de tocar e fazer música sozinhos.

Nessa questão, objetiva-se verificar se o estudante tem um sentimento de pertença de si mesmo. Isto é, se ele se sente capaz de realizar mais, se está encorajado e satisfeito com a própria performance na banda. A importância dos resultados dessas questões é que elas constituem fonte de crença dos indivíduos em si mesmos. E os alunos ao responderem, elaboram opiniões sobre si, levando em consideração os resultados obtidos com suas ações. Essa experiência – vale dizer – é notadamente pessoal, pois é diferente para cada pessoa. Trata-se, assim, da experiência dos êxitos individuais.

Persuasão verbal / aprendizagem social / persuasão por outrem:

Gráfico 06

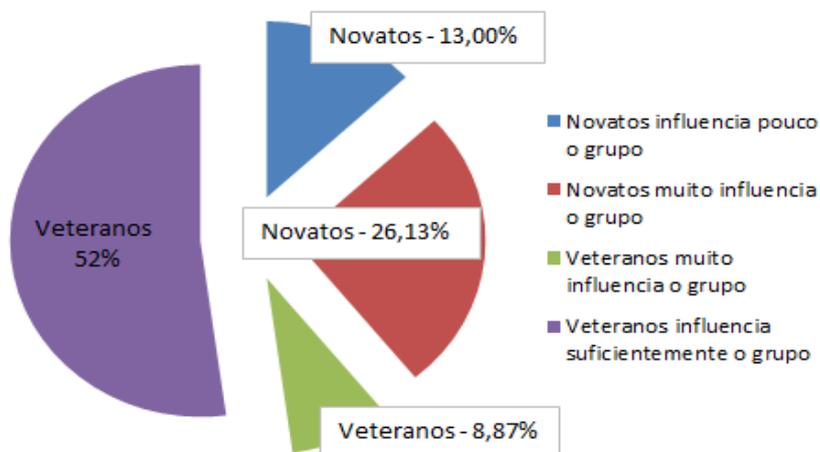
Influência positiva na atuação do grupo através da sua participação na banda de música



Neste gráfico, a leitura é a de que dos vinte e três alunos da banda, 52% responderam que a sua participação no grupo influencia suficientemente as pessoas com as quais convivem nesta relação de trocas sociais; 35% disseram que há muita influência no convívio uns com os outros e 13% responderam que sua participação influencia pouco o grupo.

Entre os nove alunos novatos, três responderam que sua participação influencia pouco o grupo, e isso corresponde a 13% da amostra pesquisada; seis responderam que influenciam muito no convívio de uns com os outros, e isso perfaz 26,13% da amostra. Entre os quatorze alunos veteranos, dois responderam que existe muita influência no convívio de uns com os outros, perfazendo 8,87%; doze apontam que sua participação influencia suficientemente os colegas com os quais convivem nessa relação de trocas sociais, e isso corresponde a 52% da amostra.

Gráfico 07
Influência Positiva dos Alunos Novatos e Veteranos quanto a sua participação na banda de musica

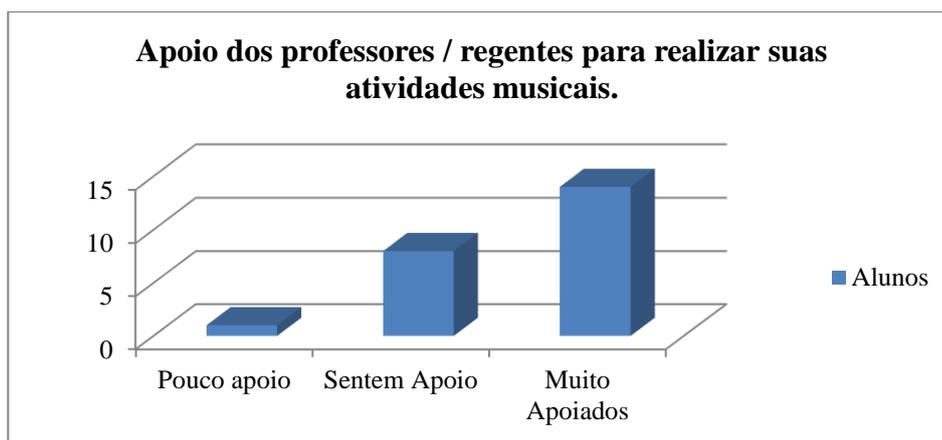


	Influencia Positiva na atuação do grupo através da sua participação na banda do CMCB-CE	Qde. De Alunos	%
	Novatos	influencia pouco o grupo	3
muito influencia o grupo		6	26,13%
Veteranos	muito influencia o grupo	2	8,87%
	influencia suficientemente o grupo	12	52,00%
Total		23	100,00%

Na análise do gráfico e desse quadro, percebe-se que a aprendizagem social entre os integrantes da banda tem um resultado positivo, pois, das respostas aos questionários, apresentam-se os seguintes resultados: três estudantes responderam que a sua participação na banda do CMCB-CE pouco influencia o grupo; doze responderam que a sua participação influencia o suficiente para a atuação do grupo; e oito responderam que a sua participação muito influencia positivamente a ele e ao grupo. Esse resultado corrobora para uma avaliação positiva das crenças de autoeficácia.

Neste próximo bloco de perguntas, o objetivo foi perceber se os alunos se sentem apoiados pelos professores e colegas da banda, e que importância tem esse fator para seu desenvolvimento.

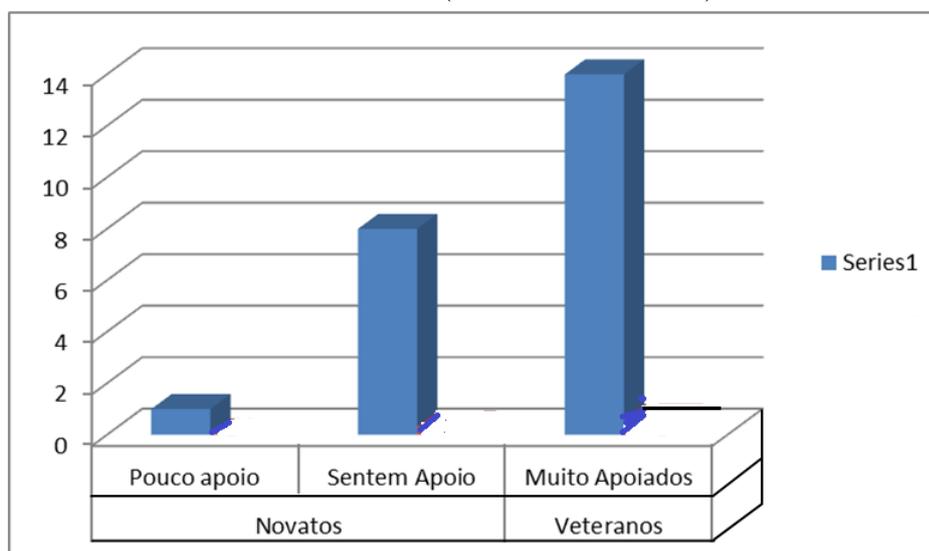
GRÁFICO 08



Sentimento de Apoio	Alunos	%
Pouco apoio	1	4,35%
Sentem Apoio	8	34,78%
Muito Apoiados	14	60,87%
Total	23	100,00%

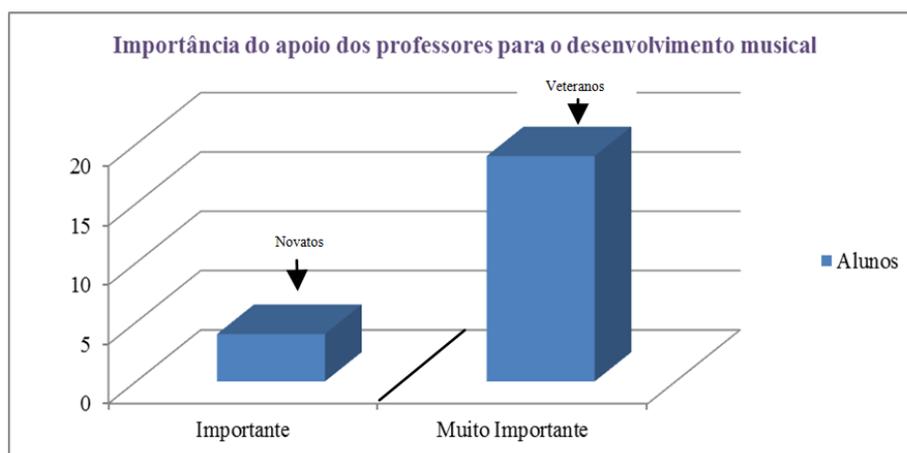
GRÁFICO 09

Apoio dos Professores / Regentes para realizar suas atividades musicais (novatos e veteranos)



	Sentimento de Apoio	Alunos	%
Novatos	Pouco apoio	1	4,35%
	Sentem Apoio	8	34,78%
Veteranos	Muito Apoiados	14	60,87%
	Total	23	100,00%

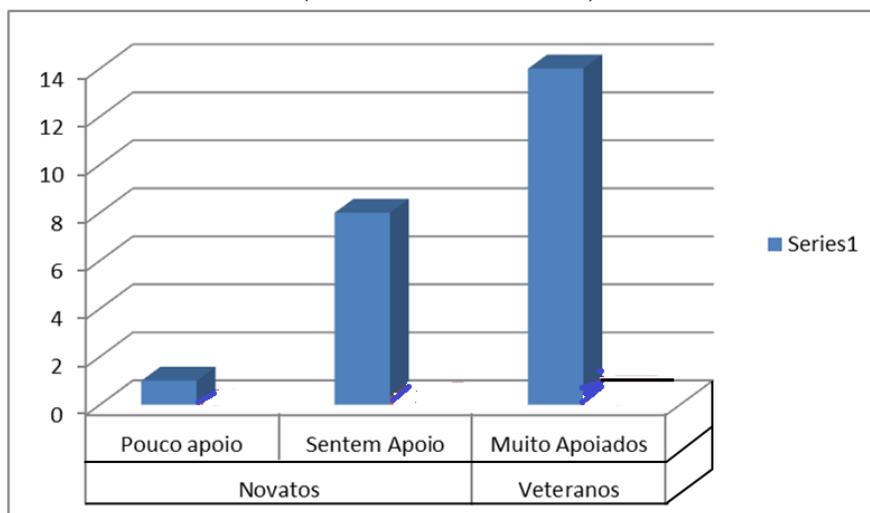
GRÁFICO 10



	Importância do apoio	Alunos	%
Novatos	Importante	4	17,39%
Veteranos	Muito Importante	19	82,61%
Total		23	100,00%

Os resultados demonstrados nos gráficos e quadros acima, apontam que há uma persuasão verbal positiva dos professores para com os alunos; bem como é positiva a convivência dos alunos nessa relação de confiança e desenvolvimento de atividades no grupo.

Gráfico 11
Importância do apoio dos professores para o desenvolvimento musical
(Novatos e Veteranos)



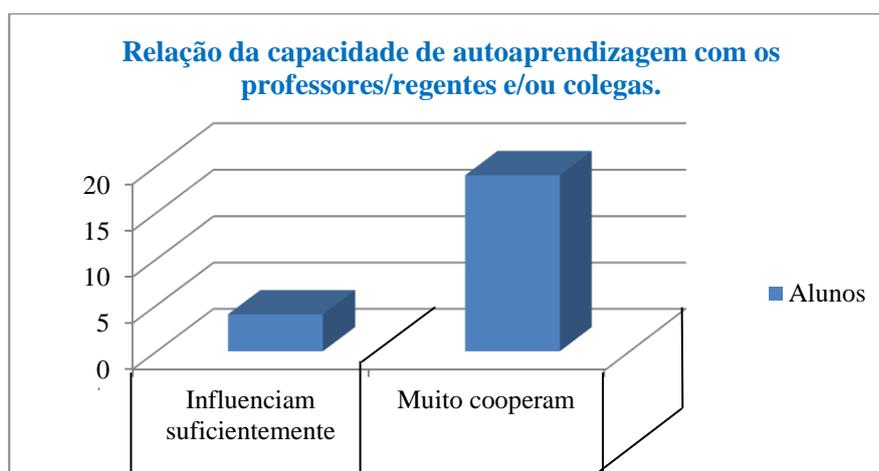
	Importância do Apoio	Alunos	%
Novatos	Importante	04	17,39%
	Muito Importante	05	21,74%
Veteranos	Muito Importante	14	60,87%
Total		23	100,00%

Experiências vicárias

Nessa questão (conforme o gráfico 12), só quatro estudantes responderam que as trocas de experiência, a convivência, o contato, o seu convívio diário na banda, os elogios dos colegas e dos professores atuam suficientemente como incentivo pessoal e para o desenvolvimento musical/instrumental; e dezenove responderam que esses fatores cooperam muito para seu desenvolvimento pessoal e para sua sociabilidade.

Disso se revela uma melhoria significativa no relacionamento dos estudantes após o seu convívio e trocas com os colegas e professores, principalmente dos estudantes que encaram com seriedade as atividades desenvolvidas no grupo.

Gráfico 12



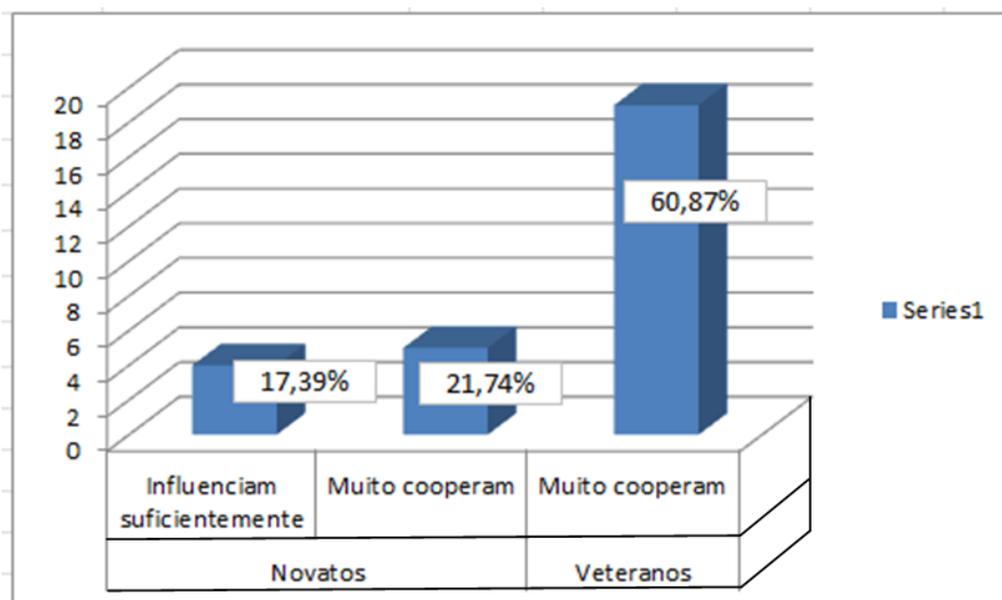
Trocas de Experiência	Alunos	%
Influenciam suficientemente	04	17,39%
Muito influencia	19	82,61%
Total	23	100,00%

Em relação a esses resultados, sugere-se uma reflexão, dialogando com as significações contextuais compreendidas nas considerações teóricas sobre as *experiências vicárias*. O aluno, ao entrar na banda, conhece novas pessoas e automaticamente começa a se relacionar com elas, criando um ambiente de encorajamento, desafios, observações e descobertas. Apesar de estudarem na mesma escola, mas por serem de turmas diferentes, não conviviam tanto quanto passam a conviver se vão para a banda, onde propriamente vêm a se conhecer. A banda lhes traz essa oportunidade de convívio, de novas ações, tomada de atitudes e, até, imitação do outro.

Não se nega que a banda abre espaço para esses alunos se conhecerem e aprenderem nessa relação de troca no convívio escolar. E ao se espelharem uns nos outros e trocarem vivências, aprendem e ensinam com essas trocas. “A imitação de condutas, ações, gestos e maneiras de ser do outro é um fato com o qual nos deparamos no dia a dia”. (COSTA In: BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008 p. 123.)

Gráfico 13

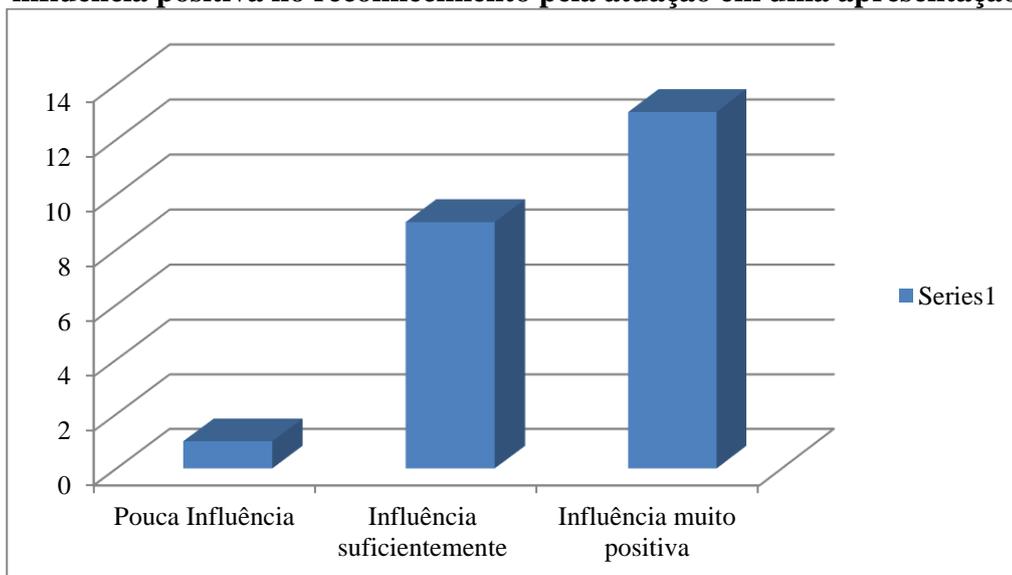
Relação da capacidade de aprendizagem por observação com os professores/ regentes e/ou colegas (Novatos e Veteranos)



	Trocas de Experiência	Alunos	%
Novatos	Influenciam suficientemente	4	17,39%
	Muito influencia	5	21,74%
Veteranos	Muito influencia	19	82,61%
Total		23	100,00%

É nas experiências vicárias que os estudantes do grupo dizem aprender em ver os colegas tocarem. E dizem que aprendem principalmente observando os colegas veteranos. Isso lhes fortalece tanto a prática quanto o sentimento de quererem estar cada dia mais imbuídos nesse processo de aprendizagem, afirmam ainda. As respostas nesse quesito são tanto mais fortalecidas quando se observam os depoimentos ou as falas dos alunos, que estão nos anexos. Apresenta-se aqui apenas aqui um pequeno recorte.

Gráfico 14
influência positiva no reconhecimento pela atuação em uma apresentação



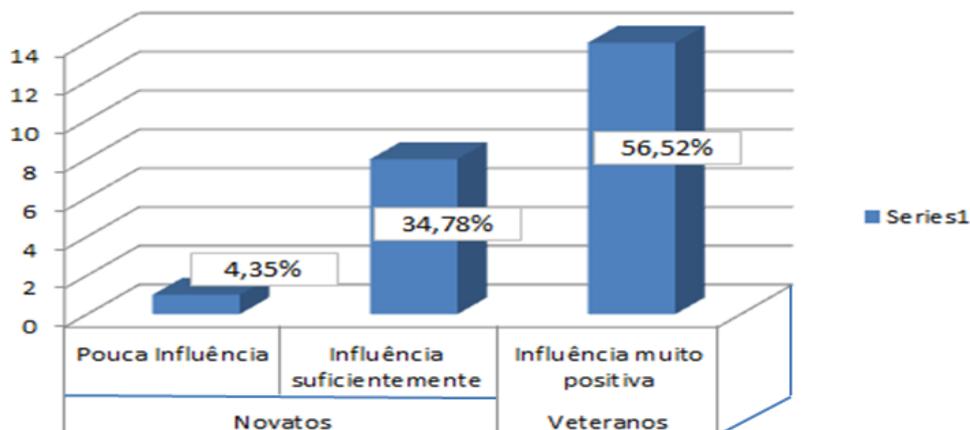
Influência positiva das apresentações		Alunos	%
Novatos	Pouca Influência	01	4,35%
	Influência suficientemente	08	34,78%
Veteranos	Influência suficientemente	01	4,35%
	Influência muito positiva	13	56,52%
TOTAL		23	100,00%

Neste breve recorte, observa-se que no quesito atuação e apresentações, um aluno respondeu que é pouco influenciado; nove alunos responderam que a influência é suficientemente positiva; e treze responderam que a influência é muita positiva.

Nos gráficos 14 e 15, foca-se no quanto se faz importante para o estudante a sua atuação nas apresentações da banda. Isto passa pela valorização deles e pela validação social do trabalho de sua banda. É, ao mesmo tempo, a valorização das trocas de experiência entre cada um e seus pares. Nascimento (2011, pp. 254-255) diz que “eles funcionam como um júri virtual que exclui quase sistematicamente as falsas crenças que um ou outro músico possa ter sobre as suas capacidades”.

Gráfico 15

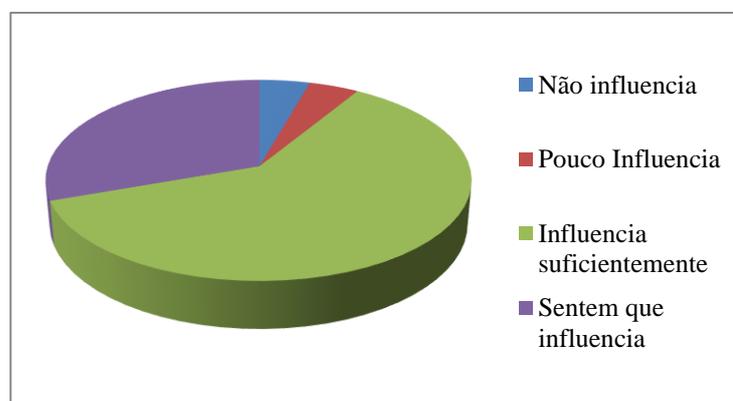
Influência positiva no reconhecimento pelos novatos e veteranos na atuação da banda em uma apresentação



	Influência positiva das apresentações	Alunos	%
Novatos	Pouca Influência	1	4,35%
	Influência suficientemente	8	34,78%
Veteranos	Influência muito positiva	14	56,52%
TOTAL		23	100,00%

Gráfico 16

Participação na banda influenciando o desempenho escolar em outras disciplinas

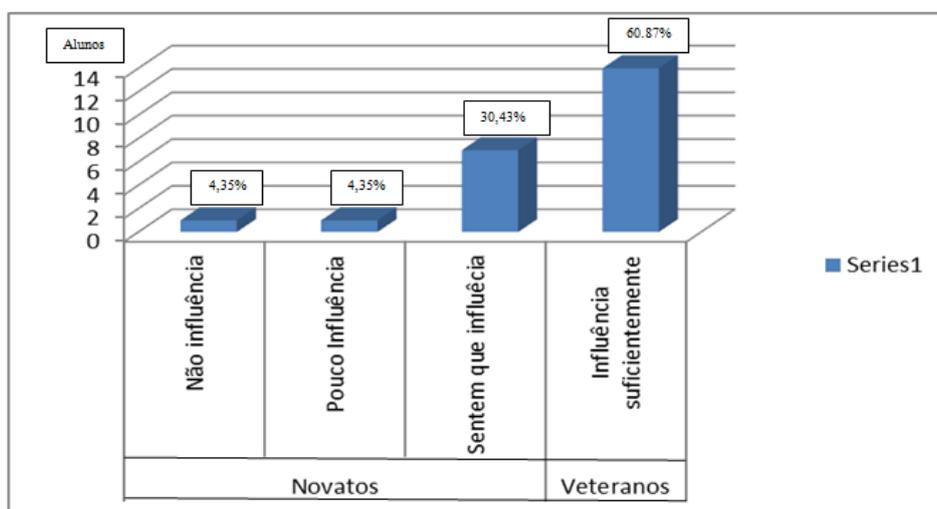


Influência da banda no desempenho escolar	Aluno	%
Não influencia	01	4,35%
Pouco Influencia	01	4,35%
Influencia suficientemente	14	60,87%
Sentem que influencia	07	30,43%
Total	23	100,00%

Nos resultados do gráfico e do quadro acima, sobre a influência da banda no desempenho escolar, um estudante respondeu que não influencia em nada; um respondeu que pouco influencia; catorze responderam que é substancial e suficiente a influência da banda para o seu desempenho escolar, e sete responderam que sentem que a banda de música tem influência na sua aprendizagem.

O que se pode considerar pela análise dos dados é que ao participarem de atividades interdisciplinares e eletivas, os alunos passaram a se desenvolver melhor. Melhor, não só em termos de boas notas, mas no crescimento como pessoa, e numa visão de mundo mais consciente, e na atuação mais efetiva na sala de aula, e na escola. Ao avaliar-se assim, o aluno fortalece sua crença em si, bem como se permite a prerrogativa de se sentir autoeficaz.

Gráfico 17
Participação dos novatos e veteranos na banda influenciando o desempenho escolar em outras disciplinas



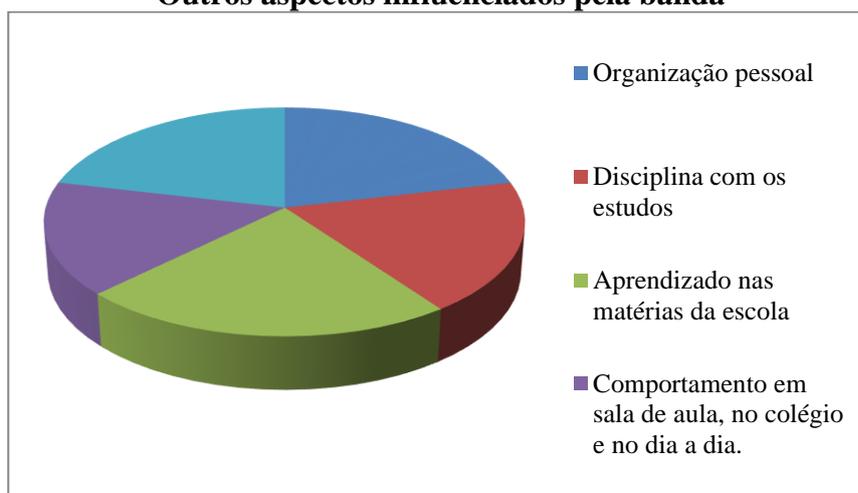
	Influencia da banda no desempenho escolar em outras disciplinas	Aluno	%
Novatos	Não influência	1	4,35%
	Pouco Influência	1	4,35%
	Sentem que influencia	7	30,43%
Veteranos	Influencia suficientemente	14	60,87%
	Total	23	100,00%

Os resultados do gráfico acima dizem respeito às respostas do questionário referente à influência da banda no desempenho dos alunos em outras disciplinas. A maioria dos alunos, tanto novatos quanto veteranos, responderam sentir que as atividades desenvolvidas na banda de música influenciam seu desempenho nas outras disciplinas. Antes mesmo de responderem ao questionário, nos depoimentos espontâneos e voluntários, os alunos já expressavam esse sentimento e consolidavam suas opiniões.

Quando estou na banda, nos ensaios, nas apresentações sempre sei que através da música e de tocar um instrumento eu sou capaz de ir além. Aprendo a cada dia com a interação com meus colegas, somos um grupo que buscamos estudar, mais e mais, não só o conteúdo música. Mas através do incentivo da banda do grupo que a compõe, objetivamos notas melhores nos estudos, buscamos melhor nos desenvolver como pessoas, e somos pra cima determinados. Sabemos que vamos conseguir alcançar os objetivos traçados pela banda e objetivos pessoais também. (anexo 1)

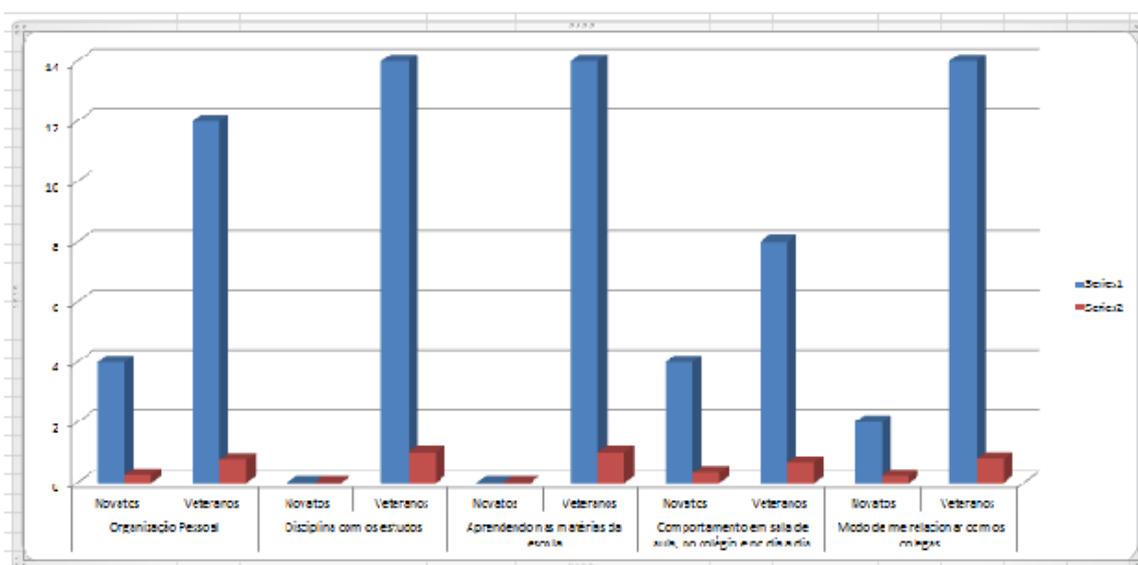
Os gráficos 18 e 19 dizem respeito a outros aspectos que a banda de música influencia na vida, na aprendizagem e na convivência dos estudantes. Primeiramente fez-se uma análise geral, e depois uma análise quantitativa dos alunos novatos e veteranos, conforme mostra o gráfico 19. Esta questão, além de conferir caráter de influência às atividades desenvolvidas na banda de música, foi demandado ainda ao respondente enumerar alguns aspectos que englobam o seu dia a dia pessoal e seu cotidiano escolar.

Gráfico 18
Outros aspectos influenciados pela banda



Categorias/ Outros aspectos influenciados pela banda	Quantidade de estudantes	%
Organização pessoal	16	21,33%
Disciplina com os estudos	14	18,67%
Aprendizado nas matérias da escola	17	22,67%
Comportamento em sala de aula, no colégio e no dia a dia.	12	6,00%
Modo de me relacionar com os colegas	16	21,33%
TOTAL	75	100,00%

Gráfico 19
Outros aspectos influenciados pela banda para os novatos e veteranos



Categoria/Outros Aspectos Influenciados pela Banda segundo os Novatos e Veteranos		Qde. Estudantes que responderam esse quesito	%
Organização Pessoal	Novatos	04	25,00%
	Veteranos	12	75,00%
Disciplina com os estudos	Novatos	00	0,00%
	Veteranos	14	100,00%
Aprendendo nas matérias da escola	Novatos	00	0,00%
	Veteranos	14	100,00%
Comportamento em sala de aula, no colégio e no dia a dia	Novatos	04	33,33%
	Veteranos	08	66,67%
Modo de me relacionar com os Colegas	Novatos	02	22,22%
	Veteranos	14	77,78%

3.3.1. Análise dos questionários

Os dados acima apontam para um bom desempenho dos estudantes nas suas mais variadas dimensões, como pessoa e quanto às suas crenças de autoeficácia. Essas crenças estão presentes no grupo de maneira bem fortalecida. Verificou-se isso pela convivência, pelos incentivos e nas experiências vivenciadas juntas. A similaridade na maioria das respostas demonstra que os respondentes têm um nível elevado de confiança nas tarefas executadas na banda de música, na interação e na relação de troca com os colegas.

As fontes de autoeficácia evidenciam-se no questionário aplicado, sobretudo na análise apresentada para cada questão, ou nos gráficos elaborados com os dados, de acordo com as respostas dos estudantes.

É importante salientar que todos os questionários aplicados, totalizando vinte e três, foram analisados sem nenhuma forma de extravio, nem foram invalidados pelas respostas dos estudantes. Ou seja, todos os estudantes participaram de maneira a colaborar com a pesquisa. Por essa razão, faz-se necessário avaliar pergunta e resposta correspondente para validar a análise final. Este aspecto compreende a pergunta inicial da pesquisa e os objetivos traçados, sendo possível, a partir dos dados obtidos, saber que os mesmos foram atingidos, razão pela qual se valida o trabalho realizado.

As comprovações às questões representadas nas respostas dos alunos levam a crer que é possível superar bloqueios, fortalecer as crenças de autoeficácia e melhorar as

relações de trocas e aprendizado por meio da interação social e persuasão verbal; bem como é possível, até mesmo, melhorar aspectos relacionados aos estados fisiológicos e psicossomáticos por meio da música e das atividades desenvolvidas no grupo.

Para imprimir maior credibilidade à pesquisa e para salientar o diálogo entre a teoria e alguns fatos da prática, uma entrevista foi elaborada. Algumas questões foram formuladas a partir do questionário de que se vem analisando. Neste ponto, vai-se averiguar como se dão as influências da música sobre os estudantes, pelas atividades desenvolvidas na banda. Também vai-se avaliar como é possível perceberem-se esses aspectos, alinhando-os ao referencial teórico. Para isso, justificou-se a aplicação de entrevista, próximo tópico desta coleta de dados.

3.3.2. Entrevistas

Segundo Kaufmanna (2014, p.8), “entrevista compreensiva não é apenas uma técnica, mas um método de trabalho diversificado e com propósitos claros visando à produção teórica a partir dos dados”. O autor diz também que “a aplicação da entrevista é uma conquista de uma interação eficaz que é a um só tempo existencial, social, cultural e política” (KAUFMANNA, p.14).

Durante a coleta de dados desta pesquisa, o tempo destinado às entrevistas transcorreu em clima muito amistoso, numa sala do CMCB. As entrevistas aconteceram descontraídas, sem tensão, ou o medo de perguntas vexatórias, ou seja, não houve expectativa ruim, os participantes confiaram no bom senso da pesquisadora e lisura da pesquisa. Esses fatores fizeram que cada entrevista mais parecesse uma conversa, com perguntas fluindo como uma conversa de todos.

O porquê das entrevistas

A propósito de entrevista, faz aqui um breve relato de como esse instrumento metodológico entrou para os recursos desta pesquisa. Após o resultado positivo dos questionários aplicados, dando mostras, através das respostas, que a Banda de Música do CMCB influencia de forma significativa o sentimento de autoeficácia de seus componentes, surgiu o interesse em verificar como ocorrem essas influências. Para isso, desenvolveu-se uma entrevista semiestruturada.

Outro objetivo dessa entrevista foi averiguar se as crenças de autoeficácia se faziam presentes de formas diferentes de acordo com o tempo de permanência do estudante na banda. Por isso foi escolhido o tipo de entrevista por Grupo Focal, que, para Martins e Theóphilo (2009, p. 90), “trata-se de um tipo de entrevista em profundidade e tem como objetivo a discussão de um tópico específico”. Para a realização, os participantes da banda foram divididos, numa escolha aleatória, em dois grupos: um grupo com cinco alunos veteranos e outro grupo com cinco alunos novatos. Para este último, caracterizou-se como novatos os estudantes com menos de um ano de participação na banda. No total, somaram-se dez estudantes entrevistados.

As entrevistas foram realizadas nos dias 30 de maio e 01 de junho de 2016, na sala de música do CMCB. Todos os envolvidos nas entrevistas foram receptivos, sentiram-se à vontade, deixando a pesquisadora também à vontade. Assim, uniram-se descontração e seriedade, visando, ao máximo, ao bom desempenho nas respostas e à otimização das perguntas e do tempo de que se disporia ali, juntos.

O quadro a seguir apresenta a transcrição das falas dos participantes, devidamente identificados após a audição das gravações. Esses dados foram separados por cada grupo focal no primeiro momento (ver anexos 5 e 6). A categorização dessas falas foi feita à luz das fontes de crenças de autoeficácia de Albert Bandura, principal teórico desta dissertação, apoiada em material oriundo de pesquisas específicas em bandas de música, identificado por Toledo-Nascimento (2011), e são apresentados no quadro:

Quadro dos pontos comuns dos estudantes novatos

A partir dos dados obtidos por meio das entrevistas, apresentam-se os resultados relacionados aos aspectos em que banda de música se torna influência para o sentimento na crença de autoeficácia dos estudantes.

A análise das entrevistas aponta para respostas positivas à pergunta feita inicialmente na pesquisa, e isso dá indicativo de que os alunos novatos se sentem confiantes e autoeficazes na mesma proporção que os veteranos. O que os diferencia ambos os grupos é o tempo de permanência na banda, as experiências vivenciadas e o aprendizado ao tocar o seu instrumento.

Experiências de Domínio/ Experiência de Êxito (matriz).	Experiência Vicária	Persuasão Verbal/ Aprendizagem Social/ Persuasão por Outrem	Estados Fisiológicos
<p>1. Tenho prazer em ver os veteranos tocando;</p> <p>2. Vencer a timidez através da música, no grupo da banda;</p> <p>3. Nosso êxito em aprender sozinho é um incentivo pessoal;</p> <p>4. Os veteranos são nossos melhores exemplos, nossa força e incentivo para continuarmos;</p> <p>5. Quando eu entrei na banda eu queria tocar flauta, só que não tinha flauta porque estava em outro lugar, aí eu fui pro clarinete, depois eu fui pro sax. Isso influencia a prestar mais atenção, você ouve mais e melhor.</p>	<p>1. No incentivo para fazer as notas certas;</p> <p>2. A função de cada um na banda, as observações aos alunos veteranos tocando com a gente, essa experiência é muito positiva;</p> <p>3. Ouvir e ver o colega tocar, isso incentiva bastante, e nos ajuda a aprender;</p>	<p>1. O apoio dos professores e como ele acontece é muito importante para o grupo.</p> <p>2. Tanto em questão de técnica, como em questão de método, nos mínimos detalhes, tais como: cuidar dos instrumentos, usar corretamente, como limpar, cuidar, zelar.</p> <p>3. Valorizam e incentivam nosso aprendizado.</p> <p>4. Incentivam para não desistirmos do grupo, da banda, apoiam-nos para continuarmos.</p> <p>5. Tocar na banda, ensaiar, estar junto, faz-nos acreditar em nós mesmos, faz-nos mudar para ter novas atitudes na vida;</p> <p>6. Os Professores, maestro, inspiram muita confiança.</p>	<p>1. Ajuda a superar o estresse e Controlar a raiva.</p> <p>2. Quando eu tenho aula de música eu fico muito ansioso esperando e inquieto e nisso ajuda a me acalmar.</p> <p>Ensino aprendizagem</p> <p>1. Ajuda-nos a ter foco nos conteúdos repassados.</p> <p>2. Ajuda na concentração nas matérias, com os outros professores,</p> <p>3. Aqui na aula da banda a gente fica querendo aprender as notas. Como é na sala de aula, a gente fica mais atenta pra aprender o que os professores estão falando (ensinando).</p>

Quadro dos pontos comuns dos estudantes veteranos

Experiências de domínio / Experiência de êxito (matriz)	Experiência vicária	Persuasão verbal / Aprendizagem social / Persuasão por outrem	(Estados Fisiológicos) Eficácia acadêmica / Outros aspectos
<p>Aspectos comuns a todos os alunos entrevistados:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Meu incentivo pessoal começa por eu querer aprender a tocar um instrumento; 2. Aprender para ensinar aos outros (novatos) como retribuição do que recebeu dos professores; 4. Estudo, prática, resultado, encantamento com a produção do som que conseguimos fazer; 5. Questões voltadas para arte sobre a música, história da música, sobre o meu instrumento também, como isto é repassado para nós... 	<p>Aspectos comuns a todos os alunos entrevistados</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nos encontros para os ensaios, tanto na sala de música como para os ensaios abertos; 2. O tratamento que todos recebem na banda incentiva o nosso aprendizado pessoal, pois os professores tratam-nos todos iguais; 3. Ao observarmos uns aos outros aprendemos juntos; 4. Nossa convivência e ajuda mútua nos fazem mais fortes e interessados; 5. Ensaiar juntos, apresentar peças juntos, é um grande aprendizado; 6. O incentivo do colega em nos ver tocar, isso nos deixa “lá em cima”, feliz; 7. O respeito que 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aspectos comuns a todos os alunos entrevistados 2. A participação do aluno influencia o grupo porque existe entre eles: 3. Confiança para aprender uns com os outros. 4. Pelo novo conhecimento adquirido. 5. Pelo incentivo, a motivação recebida do colega. 6. Pela união do grupo 7. Os alunos buscam um objetivo comum: aprender música, aprender a tocar um instrumento. 8. Os alunos se sentem fortalecidos no ambiente em que estão e sabem que isso o vai formar para sociedade. 9. Pelas trocas de experiências positivas muito boas. 10. Eles são um elo dentro da banda, eles unem os estudantes. 	<p>Aspectos fisiológicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A convivência na banda me ajuda muito a superar o meu déficit de atenção. 2. Melhora a ansiedade das pessoas. 3. Ajuda a vencer a timidez. 4. A música e convivência através da banda muda o nosso físico, o nosso psicológico e também a nossa personalidade. <p>Ensino aprendizagem:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A banda me ajudou a me concentrar mais nas aulas, nos estudos. 2. A banda ajuda a gente a ser mais paciente; esse aspecto é muito bom para os estudos e melhorou as minhas notas. 3. A convivência com as pessoas na banda nos influencia a evoluir como pessoa, 4. A banda nos ensina a ser líder e a

	temos uns pelos outros, pelo trabalho do outro, é um grande incentivo;	11. Assim como na música existe harmonia e sinfonia, assim é na banda, porque os professores incentivam essa unidade.	respeitar a diferença do outro.
	8. Ouvir e ver o colega tocar, isso incentiva bastante, e nos ajuda a aprender;	12. Os professores, maestro, inspiram muita confiança.	
	9. Ensinar ao outro também é muito positivo;	13. Os professores, maestro, desafiam-nos a tocar uma música; contribui muito para nosso incentivo, e aprendizagem;	
	10. Tocar na banda, ensaiar, estar junto nos faz acreditar em nós mesmos, faz-nos mudar para ter novas atitudes na vida.	14. Uma grande contribuição para nosso aprendizado é o tratamento da banda, todas as pessoas são tratadas iguais, sem distinção. Esse fator é muito forte entre nós do grupo, a gente se sente valorizado.	

A partir da análise das respostas obtidas nas entrevistas, foi possível perceber que alguns estudantes relataram pontos importantes da banda que dialogam com aspectos comuns das fontes das crenças de autoeficácia, corroborando com Toledo-Nascimento (2011). Com base nessa perspectiva de análise, partimos para a descrição inferencial e aplicabilidade no caso em estudo.

Para o início das entrevistas, a pergunta foi direcionada para a participação de cada um dos entrevistados na banda, e como essa participação influencia ao grupo. Para a análise, as respostas – a exemplo das demais análises da coleta de dados – foram associadas às fontes de autoeficácia descritas por Bandura (1994).

Experiência de domínio / Experiência de êxito

É importante apresentar o quanto esta fonte é verdadeira para os estudantes que convivem em grupo, sobretudo na banda. Os ensaios da banda exigem um desempenho de responsabilidade, compromisso, determinação, que não é uma tarefa fácil ou sempre agradável. Pelo contrário, é tarefa exigente e, muitas vezes, enfadonha, mas ao realizarem determinada ação e ao executarem com êxito as suas tarefas, os exercícios repassados pelos professores, eles tendem a se motivarem e o cansaço diário é superado pelo encorajamento advindo do sucesso; isso faz que superem obstáculos e criem expectativas e assim essas experiências vivenciadas por cada um refletem-se diretamente na aprendizagem e nas suas crenças de autoeficácia.

A partir das respostas advindas diretamente dos alunos quanto às suas experiências pessoais, realizadas com sucesso e êxito, pode-se perceber a ação positiva dessas experiências sobre seus sentimentos de eficácia. Nota-se, pois, que é com satisfação e encorajamento que eles se atuam no cotidiano da banda. Os alunos discorreram sobre o incentivo pessoal, este começa pelo interesse em querer aprender a tocar um instrumento, assim, ao ver os veteranos tocando, sentem-se motivados a aprender; ao mesmo tempo relataram que esta aprendizagem é importante porque poderão ensinar aos demais como retribuição do aprendizado que tiveram dos outros colegas e professores.

Ainda em seus relatos disseram que o estudo, a prática, os resultados trazem encantamento e que ao produzirem os sons desejados, isto os torna realizados e felizes. Ao relatarem sobre o tratamento que todos recebem na banda, destacaram que isso os incentiva e reflete no aprendizado pessoal, pois os professores os tratam com igualdade, reconhecendo a presença de cada participante da banda. E isso é um fator encorajador para que vençam a timidez, o desânimo e até o cansaço. Em frases ditas por eles como Nosso êxito é um incentivo pessoal, reconhece-se a validade das assertivas teóricas. Do mesmo modo, transparece o carinho de uns para com os outros, e isso é mais que um incentivo entre eles; é acima de tudo uma união muito forte.

Todas as fontes são importantes, contudo, esta primeira fonte em análise é uma das principais, pois segundo Bandura, “ela é que demonstra mais claramente que o indivíduo pode reunir aquilo que é necessário para o êxito” (BANDURA *apud* NASCIMENTO, 2011, p. 254)³.

³“Ellesquidémontrentleplusclairement que lapersonnepeutrassemblercequi est nécessaire pourréussir”.

Uma avaliação possível a partir daí sugere que quando os alunos se propõem realizar tarefas e conseguem êxito ao final das mesmas, isso traz para eles, em suas construções e vivências pessoais, uma forte e substancial crença de eficácia.

Experiências vicárias

Por meio das observações às interações de convivência dos participantes da banda do CMCB, entre si, e pelas interpretações formuladas quando se esteve entre eles, durante a pesquisa, pôde-se alinhar também aquele jeito de conviver com a conceituação teórica das experiências vicárias. Isto porque se confirmava o que já se vinha observando que, é a propriedade que os alunos músicos do CMCB têm de aprender uns com os outros. Essa possibilidade se mostra como um bom caminho de construção de autoeficácia. Além dessa construção, é também uma fonte de aumento das crenças na autoeficácia pessoal. Bandura (2008, p. 104) diz que “a autoeficácia é mais sensível a essa fonte quando as pessoas possuem pouca experiência na tarefa a ser realizada ou quando duvidam da própria capacidade para realizá-la”.

Com relação ao grupo específico da banda do CMCB, esta reflexão de Bandura é interpretada, nesta pesquisa, como verdadeira, pois uma prática bastante comum de ser vista ali é que acontece muito de os colegas se observarem. Em se observando, cada um deles busca o que lhe traz bons resultados. Ou seja, os exemplos bem sucedidos viram espelhos e são seguidos, enquanto todos vão melhorando seus desempenhos. Todos do grupo ganham, pois, mediados por essa sinergia, motivam-se a executarem suas tarefas, e a dar conta de seus papéis e responsabilidades. Se no *feedback*, os resultados são positivos, há um sinal de que as tarefas estão sendo executadas com sucesso, e isso lhes alimenta as crenças de autoeficácia.

Os estudantes, ao se perceberem bem, ao perceberem o outro bem, desde o incentivo para fazer a nota certa até a disposição de ir aos encontros para os ensaios, tanto na sala de música quanto nos seus momentos individuais, cada um com seus instrumentos, como para os ensaios abertos e apresentações, tornam-se motivados a aprender. Nas observações e trocas de experiências uns com os outros, aprendem juntos. É importante destacar que é na convivência e ajuda mútua que os estudantes dizem se sentir mais fortes e interessados. Ensaiar juntos, apresentar peças juntos é um grande aprendizado.

Ouvir e ver o colega tocar incentivam bastante e os ajudam a aprender. Ensinar ao outro também é muito positivo. Às vezes estou lá meio triste com alguma coisa que aconteceu, aí vem um colega aí me incentiva, trás uma música pra gente tocar, porque diz que acha bonito eu tocando, nos joga pra cima, e feliz me anima, eu gosto muito. Motiva-me esse contato que a gente tem uns com os outros. (anexo 8, entrevista pré teste)

A função de cada um na banda, as observações aos colegas veteranos tocando com os novatos são uma experiência muito positiva entre eles. Para melhor esclarecer, transcreve-se, a seguir, fala de um dos estudantes entrevistados: "Os veteranos são nossos melhores exemplos, nossa força e incentivo para continuarmos. Tocar na banda, ensaiar, estar junto, nos fez acreditar em nós mesmos, nos faz mudar para ter novas atitudes na vida" (Entrevista de GF veteranos)

“A banda me influencia, quando eu escuto uma música que eu não sei tocar eu não desisto, eu fico pensando na minha cabeça não só na letra, mas já fico pensando nas notas daquela música, e também aqui no colégio eu acabo conhecendo outros instrumentos que tem na escola, não só da banda. Hoje mesmo quando os veteranos vieram pra cá, eles tocam umas músicas tão legais, que eu fico querendo aprender”. (anexo 5, entrevista GF novatos)

Pode-se dizer que, na banda, a aprendizagem vicária constitui-se efetiva entre o grupo, pois os depoimentos dos estudantes vêm sempre se referindo à forma como eles aprendem uns com os outros através de observações, sobretudo, nas atividades realizadas com sucesso, com empenho, dedicação. O desempenho dos colegas que se destacam por executarem com domínio e precisão suas atividades figura sempre como uma espécie de espelho. Além disso, ser bom aumenta suas expectativas intelectuais e também as da aprendizagem diária, pois as pessoas, ao verem as outras melhorarem seus desempenhos, esperam o mesmo grau de melhorias em seus desempenhos também. A minha influência foi porque muita gente aprendeu comigo, e eu tive a oportunidade de aprender com outras pessoas porque existe uma troca de experiência muito boa – declarou um dos entrevistados (anexo 8).

Persuasão Verbal / Aprendizagem Social / Persuasão por Outrem

Neste ponto, pode-se dizer que os alunos da banda têm uma convivência persuasiva no grupo. Isso começa pelo ato de incentivarem uns aos outros, fazendo valer a

ideia de juntos aprenderem; juntos superarem obstáculos e juntos conseguirem uns com os outros realizar suas atividades. Assim se dão às atividades musicais com a crença e a convicção de que são capazes. Trocam sempre argumentos lógicos e palavras de incentivo, e uma boa comunicação entre os colegas. Isso é tão real quanto verdadeiro no convívio entre eles, e eles estendem essa aprendizagem para sala de aula e para a vida.

Num grupo como a banda, é comum surgirem aqueles que assumem um papel de líder e, por isso, sobressaem aos demais. A característica que, certamente predomina nessa liderança espontânea, é a persuasão verbal. Aquele que lidera boa parte do tempo, vale-se dela para apresentar seus incentivos aos demais colegas do grupo. Esse pressuposto aluno líder, em muitas ocasiões, é a força que mantém estimuladas as relações intersubjetivas naquele espaço-lugar-de-convivência. Ele exerce sua persuasão em seu próprio modo de viver e conviver. No seu jeito espontâneo de se comportar socialmente, ele mostra que um estudante pode assumir lideranças e exercer funções significantes na evolução da formação na banda de música. Esse caráter persuasivo também foi encontrado e observado na banda do CMCB-CE.

O apoio dos professores e colegas, as trocas de aprendizado, e como elas acontecem é muito importante para os estudantes. Enquanto seres construtores de suas próprias histórias, eles influenciam o meio em que estão inseridos e influenciam também o ambiente em que convivem.

O apoio que a gente tem de quem nos ensina, isso é muito grande, muito grande mesmo. Porque quando a gente passa a confiar no maestro, no professor que ensina a nossa música que a gente vai aprender como acontece aqui, a gente não confia nele só na parte musical, mas também quando a gente passa um problema pessoal (Entrevista do GF, anexo 6).

Ao analisar os pontos convergentes neste aspecto de persuasão e aprendizagem social, foi possível apreender que as trocas sociais contribuem para o bom desempenho dos estudantes. Não somente em se tratando da técnica, mas nos métodos, na disciplina, no fortalecimento da confiança nos professores e colegas (pares), no fortalecimento do grupo e também no dia a dia.

Estados Fisiológicos

Os aspectos emocionais das pessoas, como é cultural saber, influenciam muito nas suas vidas e afazeres diários, bem como nos resultados das atividades que se propõem.

Para Bandura (2008), “Quando as pessoas têm pensamentos negativos e temores sobre suas capacidades, as reações afetivas podem reduzir as percepções de autoeficácia e desencadear mais estresse e agitação que ajudam a causar o desempenho inadequado e temido”. Contudo, o que foi percebido na banda é que, embora as atividades fossem praticadas individualmente, pelo fato de cada aluno tocar o seu instrumento, a convivência com os demais colegas os fazia mais fortalecidos. Um dos pontos mais percebidos entre eles durante a entrevista foi a expressão de confiança de uns nos outros para superarem fragilidades, sobretudo nos ensaios, espaço tacitamente reservado à ajuda mútua.

Chama atenção quando na fala de uma aluna ela diz que o fato de ela estar na banda a ajudou muito a melhorar sua ansiedade, suas angústias. Esses aspectos dizem respeito a essa fonte de eficácia que aponta esses fatores dentre outros como causa de fracasso e insucesso das pessoas por se abaterem fisiológica e psicologicamente.

Na fala dos estudantes, ficou esclarecido que o apoio das pessoas (colegas do mesmo nível), professores e a convivência dentro do grupo os ajudaram muito a superar o déficit de atenção, a ansiedade, a timidez, o estresse, a raiva, e pensarem positivamente antes mesmo de realizarem suas tarefas diárias. A música e convivência através da banda muda o nosso físico, o nosso psicológico e também a nossa personalidade, disse estudante na entrevista do grupo focal de veteranos. (Ver anexo 6). Pra mim, ajuda mais é a superar o estresse. Quando eu erro a partitura aqui no ensaio, eu fico com raiva, e eu estou aprendendo a controlar a raiva na sala de aula. Igual a quando eu erro as atividades nos cadernos, declarou outra pessoa em entrevista de grupo focal (anexo 5).

Pode-se, então, auferir ao final desta análise que os estudantes possuem um alto senso nas crenças de eficácia, pois, embora as muitas atividades como ensaios e tarefas escolares, se tornem cansativos, pois demandam muitos esforços, não constituem empecilho a esses estudantes no enfrentamento aos problemas. Muitos, inclusive, surgem em virtude dos seus estados de excitação, nervosismo, apreensão. Emoções estas apresentadas nesta última fonte de eficácia.

4. CONCLUSÃO

Na ciência, o crédito vai para o homem que convence o mundo e não para o homem ao qual a ideia ocorre primeiro.

William Osler

Como tudo que se inicia termina, esta dissertação se caminha para seu final. Este é o momento em que todo pesquisador meio que retoma seus rastros, volta-se sobre seus registros de pesquisa e encaminha o trabalho para a conclusão. O trabalho, então, volta-se para si mesmo num movimento de síntese e avaliação. Em termos de síntese, vão-se observar as propostas do projeto desde o objeto. Em termos de avaliação, vão-se considerar as consecuições.

As ideias até aqui apresentadas dizem respeito ao que foi proposto no projeto apresentado ao PROFARTES para a realização de uma pesquisa de campo que recortava como objeto a banda do CMCB-CE, e como direcional, as crenças de autoeficácias entre os alunos músicos integrantes dessa banda. Assim, estava lançada a proposta, e a pesquisa foi realizada, pautando-se naquilo que rezava o projeto.

Dessa forma é que se pode observar ao longo desta dissertação que a pesquisa procurou dar resposta às seguintes interrogações: A educação musical efetuada na banda de música do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros do Ceará-CMCB-CE influencia positivamente o desempenho escolar dos estudantes que a integram? Se isso acontece, como se dá esse processo? Para dar resposta a essas perguntas, os procedimentos de pesquisa foram delineados para a busca de um estudo que servisse de base para orientar as análises. Em leituras de teóricos e estudiosos nesse campo, chegou-se à Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura; e, junto com a teoria, o seu principal construto, que são as crenças de autoeficácia. Esse estudo de Bandura tendo sido publicado no Brasil em 2008, é relativamente novo aqui. Tal teoria constitui-se no referencial teórico e o principal ponto norteador desta pesquisa.

Tratando-se de pesquisa de campo, esta teve o seu foco no Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, aqui muitas vezes referido apenas como CMCB-CE. Quer dizer, este foi o contexto no qual a pesquisa foi realizada. Foi, então, no ambiente da escola, mais precisamente, numa formação específica, que é a banda de música, onde se foi campear as

crenças de autoeficácia. A banda de música de uma escola – não se teria nenhum receio em afirmar aqui – é praticamente uma escola dentro de outra. Segundo Bandura, “o contexto escolar é um dos mais adequados para se verificar o impacto da crença de eficácia coletiva nas relações institucionais” (BANDURA, *apud* CASANOVA, 2014, p. 56).

O motivo fundamental de se escolher a banda como campo específico, não foi a questão do coletivo necessariamente, mas sim o objetivo geral, definido em projeto para a pesquisa que se constitui em verificar e analisar a influência da música para as crenças de autoeficácia dos estudantes participantes da banda da Banda de Música, Maestro Manoel Ferreira Lima, do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros do Ceará Escritora Rachel de Queiroz, a fim de confirmar ou negar sua possível relação com o desempenho estudantil desses jovens alunos músicos.

Quanto a este último aspecto, antecipando sua avaliação, pode-se dizer que, em muitos aspectos, os dados da pesquisa levaram a uma confirmação. Indicavam haver, sim, uma correlação entre o aluno ser da banda e seu desempenho escolar.

Os procedimentos para o alcance desses objetivos compreenderam algumas fases, como, tomando-se por base o ano de ingresso na banda, para o biênio 2014-2015, a verificação de notas/médias anuais dos estudantes – compreendendo nessa fase, uma mostra, de quinze estudantes; aplicação de um questionário técnico, orientado para verificar se as atividades musicais desenvolvidas na banda influenciavam as crenças de autoeficácia – compreendendo nessa fase, uma mostra de vinte e três respondentes – e, por último, realização de uma entrevista semiestruturada por grupo focal – compreendendo nessa fase, uma mostra de dez estudantes, cinco novatos e cinco veteranos na banda.

Com o andamento da pesquisa, ou seja, ainda em seus procedimentos voltados para a percepção da influência da música, não somente no aspecto cognitivo, mas também no afetivo e até, de certa forma, no espiritual, verificou-se instaurar-se um fator muito importante para o desenvolvimento humano, que é o despertar de iniciativas pessoais. Isso foi abstraído no fato de alguns alunos em fazerem questão de dar seus depoimentos e testemunhos sobre o poder da música, bem como sobre a relação de empatia que nutriam em si para com ela. Dessa iniciativa pessoal foram colhidos onze depoimentos que reafirmam as conclusões positivas que se vem vendo emergir deste trabalho.

Em termos de síntese, até aí, julga-se o bastante esse breve quadro resumindo as principais ideias e recortes propostos para este trabalho. Esta conclusão encaminha-se agora para os aspectos avaliativos que inquietam pesquisadores antes, durante e depois de seus trabalhos.

Quanto ao primeiro procedimento, análise das notas dos quinze estudantes, mencionado no quadro 3.2.2, verificou-se um resultado, no cômputo geral, positivo, porque foi notado um crescimento na média anual dos estudantes participantes. Isto resultou no aumento do rendimento escolar, coincidente com o ingresso e efetiva participação do aluno na banda de música do CMCB-CE. Apenas um aluno teve um pequeno decréscimo de sua nota no ano de 2014. Já no ano de 2015, todos apresentaram notas positivamente acima da média. Estes resultados impulsionaram a todos os envolvidos a seguir adiante com a pesquisa.

Como não se tratava apenas do componente nota para que se fosse conformando o conceito de autoeficácia ali, naquele grupo, os outros dados também teriam que ser avaliados, pois somente o conjunto deles constituiria as bases da análise do trabalho final da pesquisa. Entre eles também constava a necessidade de verificar como as atividades musicais influenciam as crenças em si das pessoas que interagem, agem e transformam sua própria história no ambiente em que estão inseridas.

Uma estimativa possível a partir dessas observações é que, se eles perseverarem nessa proatividade; se buscarem um equilíbrio entre construir a si mesmos e construir os outros; se entenderem que essas construções são um constante vice-versa, mesmo que não se deem conta, mas terão em si uma crença de autoeficácia, e esta os levará a alcançarem os cursos de ação que traçarem vida afora.

Um dos momentos importantes que chama atenção nos depoimentos dos alunos foi o relato de alguns deles de que os professores são um elo dentro da banda. Eles unem os estudantes, segundo os próprios estudantes, quando são quase unânimes em dizer que assim como na música existe harmonia e sinfonia, assim é na banda porque os professores incentivam esta unidade.

Os resultados do segundo procedimento, o questionário aplicado, mencionado no quadro 3.3, apontaram que as crenças de autoeficácia dos estudantes estão presentes no grupo de maneira fortalecida pela convivência, pelos incentivos, pelas experiências trocadas e vivenciadas ao longo dos encontros e pelo prazer de estarem juntos. A similaridade na maioria das respostas demonstra que os respondentes têm um nível elevado de confiança nas tarefas executadas, tanto na banda de música, quanto na interação e relação de troca uns com os outros.

Ao se falar em aprendizagem social dentro da banda de música, é importante dizer que a autoeficácia pessoal se estende à autoeficácia coletiva, uma vez que o conceito autoeficácia não se limita apenas ao indivíduo. Ao se analisar um grupo, percebe-se que

existe nas trocas sociais o fortalecimento nas crenças de autoeficácia das pessoas e isto vem ao encontro da teoria de Bandura, com a qual se trabalhou nesta pesquisa.

Mais uma vez se vai encontrar essa similaridade. Desta, nos resultados do último procedimento, a entrevista por grupo focal, mencionada no quadro 3.4. Os estudantes dão novamente respostas que levam a crer que as atividades musicais desenvolvidas por eles na banda do CMCB-CE influenciam suas crenças de autoeficácia. E não é sem razão que se tiram essas conclusões a respeito da questão. A razão está em que, nos depoimentos. São unânimes as afirmativas quanto à sensação e ao sentimento de valorização pessoal, de proatividade, de resiliência, de superação de obstáculos diversos, incluindo-se aí até psicofisiológicos. Os resultados, cotejados com a teoria, inferem como e por que isto acontece nas relações de troca e de convivência mútuas. São as manifestações das crenças de autoeficácia.

Em acréscimo, estende-se essa constatação por outros termos. Comparando-se os procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa com pressupostos teóricos e a análise das respostas dos questionários, por exemplo, pode-se reportar os estudantes da banda de música do CMCB-CE como sujeitos da própria imagem; agentes de si mesmos. Sujeitos que se sentem influenciados pelo grupo e, ao mesmo tempo, autoeficazes por conseguirem executar com sucesso suas atividades, grosso modo, e, em especial, as atividades musicais da banda. No espaço coletivo dessa banda quem é influenciado é também o mesmo que influencia os que estão ao seu redor. Assim, participando das mesmas atividades e desenvolvendo com bom desempenho seus cursos de ações prévia ou tacitamente traçados para atingir suas metas.

Daí, uma nova ideia é puxada como a extensão de um dique. Quer dizer, percebendo-se a positiva presença das crenças de autoeficácia disseminada entre os participantes, conclui-se que, na banda de música do CMCB-CE, não se objetiva apenas às técnicas e ao aprender musical em si, mas a uma série de atividades em que se enfocam também as faculdades humanas como a concentração, a autodisciplina, a comunicação e a criatividade, entre outras ligadas a instâncias psicológicas e comportamentais.

Olhando-se pelo aspecto de interação social e desenvolvimento do estudante, é possível perceber que a autoeficácia tem uma relação direta com as experiências sociais construídas a partir da convivência do grupo em uma banda de música, no ambiente educacional. O que se viu acontecer é que os que lá estão como aprendizes chegaram em busca de, nesse espaço, alcançar resultados positivos. Em lá estando, aprendizes e

professores buscam promover a aprendizagem vicariante⁴; a da persuasão verbal, a das experiências diretas, e da persuasão social. Ou seja, as fontes importantes de autoeficácia, que estão expostas no capítulo três.

Numa pesquisa de campo, o pesquisador é uma testemunha dos acontecimentos do campo em sua pesquisa. E, observando-se o comportamento dos alunos músicos do CMCB-CE nos ensaios, nas execuções das peças musicais, e pelas satisfações pessoais ao conseguirem os êxitos perseguidos por eles, foi possível testemunhar a tríade apresentada na Teoria Social Cognitiva por Albert Bandura. Ou seja, os três grupos de fatores condicionadores das crenças pessoais, que são os fatores comportamentais, fatores ambientais e fatores pessoais (biológico, afetivo e cognitivo). Todos os fatores, entrelaçados entre si, fazendo fluir todos os resultados possíveis de ser observados, tanto os positivos como negativos. No caso do CMCB-CE, as observações e a análise de dados reputam a positividade dos resultados.

É, de fato, estimulante a quem faz esse tipo de pesquisa ir deparando com esses aspectos, à medida que eles vão sendo revelados em seu objeto de estudo. Isto foi mencionado no capítulo dois, quando da abordagem sobre a interação da reciprocidade triádica definida por Bandura. Essas trocas e aprendizados se concretizam neste contexto, ou seja, nos resultados desta pesquisa. Também ao pesquisador há reservado um espaço para sua própria crença de autoeficácia. Nesta pesquisa, em particular, envolvida como estava com o que elevava a autoeficácia dos alunos da banda de música do CMCB-CE, a pesquisadora viu também se produzir o seu próprio sentimento de eficácia pessoal.

A pesquisa chegou ao seu final, mas a temática é inesgotável. Por essa premissa, não se teme aqui dizer que este trabalho, ora apresentado, constitui apenas um esboço das inúmeras possibilidades de outros trabalhos, para outros pesquisadores. Considerando-se a interseção dos seus objetos, música, banda, crenças de autoeficácia, reporta-se como estudo em andamento; um início; um começo servindo de base para novos projetos de onde fluirão dissertações e teses futuras. A temática não prescinde de buscas constantes nem de aprofundamento nesse campo tão rico; nessa área que mescla o poético e o cognitivo, a sensação e o científico, o prazer estético e a análise de dados, que é a música.

4 Experiência vicária se constitui como fonte de autoeficácia dada a capacidade humana de aprender com as experiências vividas por outras pessoas e por observação do ambiente. Vide página XX. (Azzi e Polidoro, p.130)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Robson Maia de. Tocando o repertório curricular: bandas de música e formação musical. Fortaleza, 2010.

AMARAL, J. C. Auto-eficácia, auto-regulação e desempenho na realização de tarefas cognitivas. 1993. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1993.

ANDRADE, Mário Raul Moraes de. Dicionário musical brasileiro. Coordenação Oneyda Alvarenga, Flávia Camargo Toni. Belo Horizonte: Itatiaia; [Brasília, DF]: Ministério da Cultura; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

ARAÚJO, Rosane Cardoso de. RAMOS, Danilo. (Orgs). **Estudos sobre motivação e emoção em comunicação musical**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge. (orgs.) **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

AZZI, Roberta Gurgel, VIEIRA, Diana. (orgs.) **Crenças de Eficácia em Contexto Educativo** - Série teoria social cognitiva em contexto educativo, vol. II. Campinas, SP. Editora Casa do Psicólogo, 2014. 1ª Edição.

BANDURA, A.; AZZI, R.G.; POLYDORO, S. *Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. **O Papel das bandas de Música no Contexto Social, Educacional e Artístico**. Disponível em <http://pcdigitalbandasdemusica.files.wordpress.com/2009/07/release.pdf>. Acesso em 10/11/2015.

BARBOSA, J. L. S. **Método elementar para o ensino individual ou coletivo de instrumentos de banda**: regência. Belém: Fundação Carlos Gomes, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Diretriz CNE**, para o Ensino de Música: Currículo e Conhecimento, promovido pela CEB/CNE, 2013.

BRITO, Teca A. de. **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2011.

BRITO, Alessandro Ribeiro de. Rio de Janeiro **2013. Monografia (Licenciatura em Música)** - Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, acesso em 12de agosto de 15.

CASANOVA, Daniela C. G. **Crenças de Eficácia Coletiva em Diferentes Contextos**, EDITORA, CIDADE, 2006.

CERESER, Cristina Mie Ito. **As Crenças de Autoeficácia dos Professores de Música**. Tese de doutorado.. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio grande do Sul, 2011.

DANTAS, Marilda Aparecida et al. **Relações entre autoeficácia acadêmica e estratégias de estudo e aprendizagem: mudanças ao longo do primeiro semestre do Ensino Médio**. *Psicol. Ensino & Form.*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 33-51, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S2177-20612015000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18de abril de 2016.

JÚNIOR, Rubens Venditti; WINTERSTEIN, Pedro José. **Ensaio sobre a Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura**. Parte II: reciprocidade triádica, modelação e capacidades humanas fundamentais. *Revista Digital*, Buenos Aires, Ano 15, n° 145, Junho de 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd145/teoria-social-cognitiva-de-albert-bandura.htm>>. Acesso em 08 de setembro de 2015.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013, 202p

LACERDA, Sabrina Gomes Santos de – **A crença de autoeficácia dos docentes universitários: a relevância para o processo de ensino-aprendizagem**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Educação, Administração e Ciências Sociais Lisboa 2012. Dissertação de Mestrado. 107 f. Acesso em 12 de janeiro de 2016

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

NASCIMENTO, José Luciano Viana. **História do Corpo de Bombeiros do Ceará** (Dos seus primórdios aos dias atuais). Fortaleza, RDS Editora 2014.

NASCIMENTO, Marco A. T.; Mapeamento das bandas em atividade na região norte do Estado do Ceará. *In: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro; NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo. (Orgs). Educação Musical: reflexões, experiências e inovações*. Fortaleza: Edições UFC, 2015; capítulo 11; p. 237-247.

_____. Situação de Educação e Métodos em Educação utilizados pelas Bandas de Música. *In: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro. (Org) Educação Musical Campos de Pesquisa, Formação e Experiência*. Fortaleza: Edições UFC, 2012; capítulo 11, páginas 197-211.

_____. L'influence de l'apprentissage social sur le sentiment d'efficacité personnelleuseindesharmoniesamateurs. *In: LEROY, Jean-Luc; TERRIEN Pascal. (Dir.). Perspectives actuelles de la recherche en éducation musicale*. Paris: L'Harmattan, 2011.

_____. O método “Da Capo” na Banda de Música 24 de Setembro. *In: Anais do XVI Encontro da ABEM Nacional e Congresso Regional da ISME na América Latina*. Campo Grande: DUFMS, 2007.

_____. **A banda de música como formadora de músicos profissionais, com ênfase nos clarinetistas profissionais do Rio de Janeiro.** Monografia de final de curso (Graduação em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2003.

_____. **O ensino coletivo de instrumentos coletivos na banda de música.** In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2006, Brasília.

KLANDER, Maria Ana. **Bandas Musicais do Meio Oeste Catarinense: Características e processos de Musicalização.** EDITORA, Florianópolis, 2011.

PAJARES, F, OLÁZ, F. Teoria Social Cognitiva e autoeficácia: uma visão geral. In: BANDURA, A. et al. (org). **Teoria Social Cognitiva: conceitos Básicos.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

PENNA, Maura. **Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: Uma ausência significativa.** Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 7, 2002, p. 7-19.

POLYDORO, S. A. J. & GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Escala de Autoeficácia na Formação Superior: construção e estudo de validação. In: **Avaliação Psicológica**, v. 9, n. 2, 267-278, 2010.

PUC-Rio. **Fanfarra: de que se trata?** Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10955/10955_5.PDF . Consultado em 20 ago 2016.

SOUZA, Jussara. **Educação Musical e Práticas Sociais.** Revista da ABEM. Porto Alegre, V. 10, 1996.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseados em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.** Revista Physis vol.19 nº3 Rio Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013. Acesso em 26 de Abril de 2016.

VENDITT, Jr R. Análise da Autoeficácia Docente dos Professores de Educação Física. 149 F. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas SP, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos/** Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. –Porto Alegre: Bookman, 2001.

In E. Boruchovitch & J.A. Bzuneck (Org.) **A Motivação do Aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea.** Petrópolis: Editora Vozes.

ANEXOS

ANEXO 01 - DEPOIMENTOS VOLUNTÁRIOS DE ALGUNS ALUNOS DA BANDA DE MÚSICA

ALUNO 1- 7º Ano

A música na minha vida tem uma grande importância, pois quando escuto música ou toco, me sinto mais leve. Meu estresse, raiva, tristeza vão embora, me sinto feliz. Identifico-me com muitas músicas que tocamos na banda, pois muitas vezes elas descrevem aquilo que estou passando. Eu escuto música e me emociono, às vezes, com a letra, às vezes, com a melodia ou até mesmo pela forma como o cantor (a) se expressa cantando. Resumindo tudo, música é vida!

ALUNO 2- 7º Ano

Meu nome é Meirely, tenho 14 anos sou trompetista, faço o 7º ano, toco na Banda do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros. Minha paixão por música começou desde que eu era criança. Meu pai sempre me apoiou, ele é músico, toca há 31 anos.

Quando eu toco, me sinto mais leve, me sinto feliz, me sinto determinada, e passo para o instrumento aquilo que eu estou sentindo. Música é uma mistura de som e silêncio. Sem artista não tem arte, sem músicos não existe música.

Sinto que sou uma pessoa bem melhor depois que estou na banda, pois com o grupo e com os colegas no dia a dia me sinto outra pessoa, e busco melhorar nos estudos e no meu compromisso diário.

ALUNO3- 7º Ano

A música faz parte de minha vida desde que eu me entendo por gente, porque quando eu era pequena, minha avó cantava para mim. Cresci com música e creio que vou viver e morrer com ela daqui a muitos anos.

Eu toco violão, flauta transversa e flauta doce. Antes eu cantava no coral da igreja, hoje canto mais em casa, sou tímida, mas quando estou com meus colegas no ensaio da banda me sinto melhor, mais solta. Antes eu não sabia me expressar, mas sempre acreditei que o convívio com os colegas e com a música seria possível eu superar a timidez e ser uma pessoa melhor, pois agora através da música eu consigo ir atrás do que eu quero.

ALUNO 4-9º Ano C

A música para mim é um modo em que eu posso me expressar. Na verdade, representa minha vida, me faz refletir o que eu tenho feito na minha vida. Me faz mudar minhas atitudes e comportamento.

Antes ficava meio envergonhado ao tocar, mas agora sinto que estou melhorando. Quando toco me sinto livre e mais otimista.

ALUNO 5-9º Ano C

A música é um conjunto de acordes que como a harmonia ela dá sentido a minha vida, e como a melodia, ela canta e exprime meus sentimentos. Posso dizer que, a música é um escape, ela vai me envolvendo por dentro e me faz sentir uma pessoa melhor. Não somente toco na banda do CMCB, mas vivencio a música a cada dia. Quando estou tocando com a banda, não me inspiro só no meu instrumento, mas na execução do grupo, isso me faz tocar melhor. É com meu grupo que me envolvo mais e mais com os instrumentos, e com a música me sinto um exemplo, porque busco executar bem o que toco.

ALUNO 6 - 9º Ano

Meu nome é Maria Fernanda de Araújo Lopes, estudo no Colégio Militar dos Bombeiros no nono ano D e faço parte da parte da banda de música do colégio há mais de dois anos.

A música sempre me acompanhou, meu pai é músico, toca flauta doce, violão, guitarra e baixo. Ele me colocava para escutar música desde pequena, então eu me apeguei a essa arte.

No final da sexta série, foi anunciado a organização de um novo grupo para banda. Eu fiquei muito animada, entrei para a banda e estou lá até hoje.

A música prende você, e aprender um instrumento desperta os seus sentidos. Muitos alunos melhoraram seu rendimento no colégio depois que entraram na banda.

A banda de música no colégio é uma porta aberta e cultura para nós, alunos. As músicas tocadas pela banda expressam sentimentos tanto nos músicos quanto nos ouvintes.

Aprender flauta transversal mudou minha percepção de música, antes, se alguém tocasse um instrumento eu nem ligava, agora eu paro para ouvir.

O coral também é outra coisa que chama minha atenção, eu amo cantar e o coral é uma ótima maneira de praticar. Além de ser um trabalho em equipe em que todos se esforçam para alcançar um só tom.

Participar desses dois grupos musicais têm me ajudado a desenvolver a minha percepção do mundo, e vou levar para sempre esses momentos na minha vida.

ALUNO 7-2º Ano

Meu nome é Paulo Matheus, faço o segundo ano do ensino médio. Estudei música durante muito tempo no conservatório Alberto Nepomuceno, e ainda pratico muito, particular e na banda do CMCB, pois nunca deixei de estudar e nunca se deixa essa arte, até porque a cada dia, que se passa, aprendemos mais e algo novo.

Dizem que a música é a arte de combinar os sons de forma agradável, eu concordo, mas acho que é muito mais do que isso, ela é um remédio para o nosso corpo, alma e espírito.

Quando estou na banda, nos ensaios, nas apresentações sempre sei que através da música e de tocar um instrumento eu sou capaz de ir além. Aprendo a cada dia com a interação com meus colegas, somos um grupo que buscamos estudar, mais e mais, não só o conteúdo música. Mas através do incentivo da banda do grupo que a compõe, objetivamos notas melhores nos estudos, buscamos melhor nos desenvolver como pessoas, e somos pra cima determinados. Sabemos que vamos conseguir alcançar os objetivos traçados pela banda e objetivos pessoais também.

ALUNO 8-3º Ano

A música é um tipo de remédio para alma, é uma maneira que as pessoas encontram para relaxar e até mesmo para tirar a tristeza. Ao cantar ou tocar algum instrumento, as pessoas conseguem esquecer um pouco os seus problemas; e foi assim que comecei a tentar aprender a tocar violão, pois eu me sentia mais leve só em tocar as cordas em acordes soltos, já que eu não sabia tocar nenhuma nota. Foi isso que despertou em mim o desejo e interesse e ao mesmo tempo descobrir aquele instrumento.

Entre os meus 13, 14 anos eu comecei a pesquisar vídeo-aulas na internet e imitar no violão. Aos poucos, fui aperfeiçoando essa prática, e quando eu percebi já estava tocando meus primeiros acordes.

Com o passar dos anos continuei a estudar violão, e aos 15 anos, comecei a tocar flauta transversa na banda do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, e simplesmente me apaixonei mais ainda pela música.

Hoje aos 19 anos, continuo tocando os dois instrumentos incansavelmente, pois a calma que isso me traz só me incentiva cada vez mais, e continuo na banda do CMCB, pois

através dos contatos e convivência com meus colegas, me sinto mais determinada e motivada para estudar os conteúdos das outras disciplinas.

Eu penso em estudar outros instrumentos no futuro, uns que me atraíam bastante, como saxofone e gaita, e também quero muito fazer faculdade de música, como um hobby já que é um assunto que tanto me interessa.

ALUNO 9- 3º Ano

A música entrou na minha vida desde que eu era muito pequena, quando ganhei um teclado em miniatura do meu irmão. Então, desde aquele momento, minha paixão pela música só aumentou. Comecei a tocar violão e gaita e clarinete desde muito cedo e, logo, comecei também a fazer canto.

A música sempre me ajudou nos meus momentos de alegria e de tristeza também. Ela mudou a minha vida completamente, me deixando mais leve, mais inspirada para compor, mais romântica... Me tornando uma pessoa melhor e pra cima e mais interessada, como também determinada. Isso se deve, também, à Banda de Música do CMCB, pois tenho aprendido com a convivência e esse grupo e instrumentos influenciam-me para melhor. Quando estou tocando ou cantando, sinto uma paz dentro de mim, que me eleva a alma, os pensamentos e os sentimentos. Me envolvo quando estou neste ambiente, envolvido com e pela música, é como se eu estivesse sentindo cada nota, cada acorde, cada som. A música é uma arte maravilhosa que já não sei viver sem ela.

ALUNO 10-3º Ano

Desde a minha existência, tenho relações com a música. Quantas e quantas vezes escutei minha mãe contar que eu só dormia quando ela cantava para mim. Minhas tias e avó materna sempre foram de corais e tios ficavam nos instrumentos. Minha avó fez música para alguns filhos e netos, e minha mãe, seguindo seu exemplo, fez uma cantiga de ninar para mim. Hoje, minha avó não canta mais em coral por conta de um problema da garganta, mas isso não impede de ela sempre está corrigindo o tom que eu canto. Em cada música, ela dá dicas para eu não destruir minha voz.

A música entra em mim de uma maneira tão intensa que por mais que eu não saiba a letra, eu já sinto vontade de dançar. Sempre gostei de cantar, porém depois de entrar na banda de música do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros, para tocar clarinete, minha paixão só aumentou. Nunca tive aulas de canto, por isso não aprendi muitas técnicas ao longo do tempo, mas o meu amor pela música foi o suficiente para me entregar a essa arte.

Minha tia sempre chamou para eu ir cantar em um dos corais que ela canta, mas eu nunca fui. Em vez disso, entrei no coral do mesmo colégio da banda de música. Depois do meu aniversário, de 17 anos, senti uma vontade muito grande de aprender a tocar violão, um desejo antigo de quando ganhei um pequeno violão no meu aniversário de 5 anos, mas que no final das contas deixei o violão para a minha irmã e passei a ter aulas com o teclado.

Hoje, com 17 anos, cantar e tocar são o que alegra os meus dias. E dias chatos e tristes são esquecidos quando eu chego em casa e pego o violão para treinar ou vou fazer as atividades da escola escutando música. E ainda, nada pior do que lavar louças, banheiros e varrer a casa sem uma musiquinha.

ALUNO 11- 3º Ano

E foi assim que eu aprendi e vi que é uma melhor opção para um entendimento melhor do mundo. Uma força que circula numa forma de unir as pessoas. Pode se ver que são poucos os lugares que onde há várias pessoas que não tem música, até no intervalo de uma palestra, de vez em quando, “rola” uma música.

A música serve para integrar, interagir, reunir, acalmar, serve para terapias. E eu como clarinetista, sinto quando estou tocando uma paz, uma sintonia, entre mim e o clarinete, como se fôssemos parte de um todo, e esse todo é a música que só precisa quando pronta de um instrumento e um músico para fazer aparecê-la para o mundo. E para mim, tocar um instrumento através e com o apoio da Banda do CMCB é mais prazeroso do que ouvir, pois essa prática de trabalho coletivo me faz sentir pra cima, para o alto, me impulsionar para a alegria, felicidade e determinação. Me sinto completo e objetivado a seguir sempre avante e de cabeça erguida, pois sinto que estou levando alegria para as pessoas, e alegria ou satisfação pode se dizer até bem-estar resumem a música, que traduz o seu jeito de ser, a sua personalidade. Você só escuta aquilo que você gosta e é no seu jeito mais simples; música uma arte como a arte a compreensão vai de um para um.

ANEXO 02 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: Educação Musical e Estímulo Pessoal à Autoeficácia: um estudo com a Banda de Música do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros do Ceará
Escritora Rachel de Queiroz

PESQUISADOR: Maria Lucineide Freire de Almeida

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marco Antônio Toledo Nascimento.

CONTEXTO DO PROJETO: Projeto realizado como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Artes do Mestrado Profissional-(PROFARTES), pela Universidade Federal do Ceará-CE

INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO: Esta pesquisa visa apresentar as possíveis contribuições da educação musical para o desenvolvimento do sentimento de eficácia pessoal nos estudantes que integram a Banda de música Maestro Manoel Ferreira Lima, do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros Escritora Rachel de Queiroz, localizado no município de Fortaleza-CE. O objetivo de estudo desta investigação é verificar a possível influência da educação musical na melhora do rendimento escolar desses alunos, visando averiguar a hipótese de que as crenças de autoeficácia dos indivíduos sofrem influência significativa das atividades desenvolvidas por eles na banda de música.

SUA PARTICIPAÇÃO: Sua colaboração consiste em responder às perguntas da pesquisadora através de um questionário que durará cerca de uns 30 (trinta) minutos aproximadamente e, também, à entrevista coletiva que tem como tempo de duração, também, aproximadamente 30 (trinta) minutos

“Apesar de todas as respostas serem importantes para a pesquisa, você é livre para deixar uma ou outra sem resposta, ou ainda terminar a sua participação a qualquer momento, sem a necessidade de justificativa.”

Porém, os dados derivados de suas respostas poderão ser utilizados em outras análises ou outras pesquisas, sempre de forma anônima. As gravações em áudio e vídeo feitas durante a entrevista será utilizada apenas para análise dos dados durante a pesquisa, não sendo reproduzida de forma pública em nenhum momento.

INFORMAÇÕES SUPLEMENTARES: em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou sobre sua participação, favor contatar Maria Lucineide Freire de Almeida (lufreire.direito@bol.com.br)

AGRADECIMENTOS: Sua colaboração é preciosa para a realização deste estudo e nós agradecemos a sua participação.

RECLAMAÇÕES OU CRÍTICAS: caso haja reclamações ou críticas relativas à sua participação nesta pesquisa, você poderá se dirigir, sempre em anonimato, a pesquisadora: Maria Lucineide Freire de Almeida E-mail: lufreire.direito@bol.com.br

Telefone: 085 988 774004

CONSENTIMENTO: Visando assegurar o consentimento para realização de questionário e das entrevistas e utilização dos dados na pesquisa, eu _____ responsável pelo aluno _____ concordo que o mesmo conceda o questionário e/ou entrevista, que será em áudio e vídeo e posteriormente transcrita. Entendo que se trata de uma pesquisa acadêmica sem nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Fortaleza, _____ de _____ de 2016.

ANEXO 03 - QUESTIONÁRIO APLICADO

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) estudante, este instrumento foi desenvolvido para obter um melhor conhecimento a respeito de sua percepção perante a sua participação na banda de música do CMCB. Por gentileza, indique sua opinião sobre cada um dos itens abaixo. Marque sua resposta em uma escala de 0 a 3, representando um contínuo entre pouco e muito. É relevante mencionar que não há respostas certas ou erradas. Suas respostas são confidenciais.

Nome _____

idade _____ série _____

1) Há quanto tempo é integrante da Banda de Música? _____

2) Você iniciou os estudos musicais na Banda de Música?

() Sim () Não

3) Você sente que a sua participação na banda de música é importante e influencia positivamente na atuação do grupo?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

4) O quanto você se sente apoiado (a) pelos professores/regentes, para realizar suas atividades musicais, tocar um instrumento e fazer música?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

5) O quanto você considera que esse apoio dos professores-regentes é importante para o seu desenvolvimento musical?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

6) O seu contato, as trocas de experiências, o seu convívio diário na banda, os elogios vindos dos colegas e dos professores servem como incentivo pessoal e para o seu desenvolvimento musical/instrumental?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

7) Você se sente capaz de aprender conteúdos musical/instrumental sozinho?

() Sim () Não

8) Caso a resposta anterior seja positiva, você acha que esta capacidade de autoaprendizado tem alguma relação com os aprendizados ocorridos dentro da banda, com mestres (professores) e/ou com colegas?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

9) As apresentações da banda o influenciam positivamente no aprendizado musical?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

10) O reconhecimento do(s) colega(s) da banda pela sua atuação em um concerto (apresentação) o influencia positivamente no aprendizado musical?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

11) A sua participação na banda influencia ou influenciou a sua aprendizagem nas demais disciplinas curriculares, ou seja, e em seu desempenho na escola?

0-() Nada 1-() Pouco 2-() Suficiente 3-() Muito

12) Caso a resposta anterior seja afirmativa relacione em quais aspectos isso acontece. Você pode enumerar mais de uma resposta.

- () em minha organização pessoal
- () em minha disciplina com os estudos
- () no meu aprendizado nas matérias da escola
- () no meu comportamento em sala de aula, no colégio e no dia a dia
- () no meu modo de me relacionar com os colegas.

Fique à vontade para enumerar outros aspectos de influência que não foram listados acima.

MUITO OBRIGADA!

ANEXO 04 -ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Apresentação de cada aluno participante

Nome

Tempo de permanência na banda

Instrumento que toca

- 1- Por que a sua participação na banda de música influencia positivamente na atuação do grupo.
- 2- Fale um pouco do apoio dos professores/regente para realizar suas atividades musicais tocar um instrumento e fazer musica na banda, você considera esse apoio importante? Por quê?
- 3- Qual seu incentivo pessoal para o seu desenvolvimento pessoal/instrumental dentro da banda de musica.
- 4- Como a banda de musica e seus colegas de banda influenciam (incentivam, motivam), no aprendizado musical de vocês.
- 5- Fale um pouco da influência da banda na sua aprendizagem nas outras disciplinas.
- 6- Em quais outros aspectos de sua vida você sente que a banda colabora para você se tornar uma pessoa disciplinada e determinada dentro do contexto escolar e até mesmo na sua vida pessoal?

ANEXO 05 - TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS NOVATOS

(ENTREVISTA) APRESENTAÇÃO:

ALUNO 1= GALDEMI

TEMPO DE BANDA=4 MESES

INSTRUMENTO=SAXOFONE.

ALUNO 2- KAIO

TEMPO DE BANDA=3 MESES

INSTRUMENTO = - SAXOFONE ALTO

ALUNO 3- STERFERSON

TEMPO DE BANDA-3 MESES

INSTRUMENTO- CLARINETE

ALUNO 4- SAMARA

TEMPO DE BANDA- 3 MESES

INSTRUMENTO-CLARINETE.

ALUNO 5- GLEISLANDIA

TEMPO DE BANDA- 3 MESES

INSTRUMENTO-CLARINETE

1-Por que a sua participação na banda de música influencia positivamente na atuação do grupo

R= GALDEMI: Influencia porque ensina a gente a montar um instrumento, aprender a tocar uma música, boquear o instrumento. Influencia bastante. Ontem mesmo o kaio conseguiu tocar uma música que eu não sabia, fiquei observando e toquei.

KAIO: Influencia. Eu acho que influencia um pouco.

SAMARA: Influencia, porque aprendemos a montar o instrumento a tocar as notas.

GLEISLANDIA: Às vezes, a gente tem dificuldade de tocar, não sabe o nome das notas, o outro vem ajuda. Influencia muito, ao ponto que, quando eu entrei eu não sabia tocar nada, tive pouca aula teórica e quem me ajudou muito foram os veteranos.

2-Fale um pouco do apoio dos professores/regente para realizar suas atividades musicais tocar um instrumento e fazer música na banda, você considera esse apoio importante? Por quê?

GALDEMI: Sim, se não fossem eles, a gente não sabia tocar as notas, tocar o instrumento, colocar a palheta na boquilha, soprar, essas coisas assim.

KAIO: Sim influencia, positivamente. A gente a aprender tocar uma música, as notas, como tocar.

SAMARA: Sim, influencia. Outro dia na aula o Dênis estava com dificuldade de aprender a tocar o trompete, aí o professor foi lá, parou a aula deixou só os que já sabiam tocando e ele foi lá ajudar. A ajuda influencia muito.

STERFERSON: Ajuda a tocar o instrumento, ensina como guardar, fala pra limpar o instrumento depois que usar...

GLEISLANDIA: No início, eu fiquei muito desanimada pra tocar. Eu fiquei com maior vontade de sair da banda, desistir, mas o Major disse que eu não ia sair não, ele nos apoia.

3-Qual seu incentivo pessoal para o seu desenvolvimento pessoal/instrumental dentro da banda de música.

KAIO: O meu incentivo é de ver os veteranos tocando, pessoas tocando nas apresentações, eu gosto muito e me deixa feliz.

GALDEMI: Eu assisto a um seriado e tem uma menina que toca um instrumento. É muito legal vê-la tocando do jeito que ela toca. Quando eu olho na internet pessoas tocando, eu imagino se fosse eu que estivesse lá nesse lugar e isso me influencia muito, porque eu busco conhecer. Na semana passada, eu estava aqui e eu queria tocar uma música aí eu encontrei um veterano que estava aqui ele me disse a nota da música e eu aprendi, e é legal isso daí.

SAMARA: Eu procuro música na internet, na apostila que o professor deu, eu fico treinando pra na hora da aula eu saber executar.

4-Como a banda de música e seus colegas de banda influenciam (incentivam, motivam), no aprendizado musical de vocês.

GLEISLANDIA: Influencia, porque quando um precisa de ajuda muitos vêm ajudar. Quando a gente está com dificuldade, também, vêm uns dar apoio.

GALDEMI: Outro dia estavam todos os veteranos aqui na sala e todos os instrumentos que tinham na banda, eu vi aqui eles tocando, eu achei muito legal. Eles estavam com uma vontade tão grande de tocar; um foi para o piano, outros no sax... legal demais. Isso motiva a gente. Eles influenciam porque tocam diversos instrumentos. Um toca outras notas não só as básicas, outros instrumentos aí isso é um incentivo a mais, isso influencia.

SAMARA: Quando eu tenho dificuldade na nota ou eu esqueço, eu peço ajuda a Gleislândia, ela me orienta isso é influência. Os veteranos influenciam bastante.

5- Fale um pouco da banda na sua aprendizagem nas outras disciplinas.

STERFERSON: A banda influencia muito a afastar a preguiça na sala de aula nas nossas tarefas, na nossa disciplina na sala...

KAIO : Não influencia muito não assim nas matérias. Mas sim na parte do comportamento, ajuda a pessoa a ficar prestando mais atenção.

GALDEMI : Não muito nas matérias, mas no raciocínio lógico, mais assim nas leituras, quando eu tenho aula de música eu fico muito ansioso esperando e inquieto, e nisso ajuda, me ajuda a me acalmar.

SAMARA: Aqui na aula da banda a gente fica querendo aprender as notas como é, na sala de aula a gente fica mais atenta pra aprender o que os professores estão falando, ensinando.

GLEISLANDIA: Pra mim ajuda mais é a superar o estresse. Quando eu erro a partitura aqui no ensaio, eu fico com raiva, e eu estou aprendendo a controlar a raiva na sala de aula. Igual quando eu erro as atividades nos cadernos.

6-Em quais outros aspectos de sua vida você sente que a banda colabora para você se tornar uma pessoa disciplinada e determinada dentro do contexto escolar e até mesmo na sua vida pessoal.

GALDEMI: A banda me influencia. Quando eu escuto uma música que eu não sei tocar eu não desisto, eu fico pensando na minha cabeça, não só na letra, mas já fico pensando nas notas daquela música, e também aqui no colégio eu acabo conhecendo outros instrumentos que têm na escola não só da banda. Hoje mesmo, quando os veteranos vieram pra cá eles tocam umas músicas tão legais que eu fico querendo aprender.

KAIO: Quando eu entrei aqui eu queria tocar flauta só que não tinha flauta porque estava em outro lugar. Aí, eu fui pro clarinete, depois, eu fui pro sax. Ah, isso influencia a prestar mais atenção, você ouve mais e melhor.

SAMARA: Melhora o comportamento, eu toco clarinete, desde que eu cheguei, porque não tinha a flauta, estava no quartel, mas gostei, aprendi como é que se toca e tudo mais.

GALDEMI: Quando eu vim pra cá eu tinha muita vontade de tocar violão, mas como aqui não tem como eu aprender agora, eu fico sempre no sax e estou gostando bastante dele e isso motiva a gente.

ANEXO 06. TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS VETERANOS

(ENTREVISTA) APRESENTAÇÃO

ALUNO 1= DAVI BRANDÃO

TEMPO DE BANDA= 2 ANOS E MEIO

INSTRUMENTO=SAXOFONE.

ALUNO 2- BRUNO VITALINO

TEMPO DE BANDA-2ANOS E ALGUNS MESES

INSTRUMENTO-CLARINETE ALTO

ALUNO 3- PAULO VICTOR

INSTRUMENTO-CLARINETE, CLARONE E TROMPETE.

TEMPO DE BANDA- 5 ANOS

ALUNO 4- MARINA

INSTRUMENTO-CLARINETE, E UM POUCO DE CLARONE.

TEMPO DE BANDA- 5 ANOS

ALUNO 5- MARIA FERNANDA

INSTRUMENTO- FLAUTA TRANSVERSAL

TEMPO DE BANDA-5 ANOS

1- Por que a sua participação na banda de música influencia positivamente na atuação do grupo.

DAVI: É porque, tipo assim, na banda não é só um, é o grupo, então se um não fizer direito ou então tipo atrapalhar o outro, não tem a música. Não tem o grupo inteiro.

PAULO VICTOR: Não é só atrapalhar o outro, mas como a gente trabalha em bancada, não é só um instrumento, não é só um clarinete, um saxofone. Então, quando o cara do seu lado erra, você ajuda. A gente aprende a confiar um no outro, no cara que está do lado, que ele vai cobrir você, vai te ajudar a pegar outra nota, porque a gente sabe que um está do lado do outro. Mas, só que, quando a bateria erra lá atrás, todo mundo erra. A gente fica

aprendendo um com o outro, não só quando a gente erra, pra não errar a próxima parte da música, mas também quando a gente erra alguém vai poder cobrir a gente.

MARIA FERNANDA: O importante também a gente estar na banda é que, como o Paulo Victor disse: são vários instrumentos por bancada e cada um faz a sua parte, tem as divisões do clarinete um, clarinete dois, clarinete três e cada um faz uma coisa diferente. E a banda é justamente isso, vários instrumentos fazendo várias coisas diferentes pra fazer uma música. Se a gente não confiar, não só no próprio instrumento, na pessoa da outra bancada e uns nos outros também, a gente não vai conseguir fazer o que a banda é pra fazer, que é a música, que é a junção de vários instrumentos.

2-Fale um pouco do apoio dos professores/regente para realizar suas atividades musicais tocar um instrumento e fazer música na banda, você considera esse apoio importante? Por quê?

PAULO VICTOR: Bastante. O apoio que a gente tem de quem nos ensina, isso é muito grande, muito grande mesmo. Porque quando a gente passa a confiar no maestro, no professor que ensina a nossa música que a gente vai aprender como acontece aqui, a gente não confia nele só na parte musical, mas também quando a gente passa um problema pessoal. Isso é muito grande pra gente, porque todo mundo é unido, e essa união faz com que a gente perceba não só a banda de música, mas a gente é uma família, perceba o outro. E com o apoio do professor, é muito mais fácil a pessoa elogiar do que criticar. E a crítica construtiva faz a gente melhorar. Também quando o Major, Maestro, diz que é fácil fazer aquilo é porque também ele já passou dificuldades pra aprender uma música. Ele sabe que é fácil, que aquilo ali é muito mais fácil pra ele do que pra gente, e isso é uma forma de apoio, faz com que a gente queira buscar mais. Isso pra quem quer, né.?

DAVI: Por exemplo, o Mj, ele tem muito, muito mais experiência que a gente. Ele tem certeza, mais de 15 anos de música. Então, a gente tem que confiar nele, tanto na música quanto na pessoa dele mesmo (Paulo Victor interfere falando da viagem dele para Itália, para tocar para o Papa, na banda do Colégio Piamarta), então esse apoio é importante.

MARIA FERNANDA:No contexto dos professores, porque, poxa, eles têm mais experiência. Eles estão ensinando um instrumento pra gente. Eu acho que sem eles dando apoio, a gente não tocaria. Como é que eu posso dizer; eles são, tipo, uma liga dentro da banda, eles juntam, porque vejam só a gente falando aqui, se não tivesse o Mj dando apoio pra gente não ia ter a banda, a banda não ia ser tão unida quanto é. Tem gente lá fora, que já

saiu porque era do terceiro ano, que já saiu faz muito tempo e ainda lembra da gente, ainda lembra do Mj e ainda tem o mesmo carinho pela banda.

PAULO VICTOR: Exemplo, quando ele [major] chama pra tocar, como teve o ensaio aberto, o pessoal vem pega instrumento aqui, entra aqui na sala pega clarinete, pega a flauta.

BRUNO: O apoio que o Mj dá aqui reforça a união da gente, no incentivo.

DAVI: O Mj faz com que a gente não se separe da banda, faz com que a gente fique mais unido.

PAULO VICTOR: Quando a gente pensa em sair, o maestro bota a gente pra dentro de novo (risos).

BRUNO: Quando a gente falta ele sempre vai atrás da gente.

MARINA: Ele também busca tipo, a qualidade de som; porque assim, numa banda têm inúmeros instrumentos e cada instrumento tá fazendo uma coisa diferente. Às vezes, um complementa o outro mesmo que seja alguma coisa completamente diferente. Então, o maestro busca a união de todas essas coisas diferentes, pra fazer algo bonito, algo com qualidade. Então, o apoio dele é superimportante.

PAULO VICTOR: Quando a gente aprende tocar música, é harmonia e sinfonia. Então, a gente precisa de um e do outro pra fazer essas coisas. Só que, a única pessoa que pode fazer isso é alguém que conheça de verdade, o que acontece. O professor é isto, chama-se apoio.

3-Qual seu incentivo pessoal para o seu desenvolvimento pessoal/instrumental dentro da banda de música.

MARINA: Bom, eu pelo menos quando eu comecei foi pela questão que eu sempre quis aprender a tocar um instrumento, e quando eu cheguei à banda eu me senti muito bem acolhida pelos veteranos. Os veteranos eles sempre ajudavam assim, tipo, no começo você tem aquele problemzinho com as flautas, eles me indicavam, assim, o caminho, notas no clarinete, sempre tem algumas notas mais fáceis pra fazer. Então, o meu incentivo é sempre poder fazer o que fizeram por mim, pelos novatos de agora.

PAULO VICTOR: É bem interessante, como ela (Marina) disse porque o nosso incentivo não é estudar pra dizer que sabe tocar uma música, mas muitas vezes a gente estuda uma música pra quando chegar um novato, chegar uma pessoa, a gente saber explicar pra ele. Por exemplo, nós três [se referindo a Marina, Maria Fernanda e a ele] que já estamos há 5 (cinco) anos. Eles dois aqui [falando no Davi e no Bruno], eles já são veteranos, mas uma hora a gente sabe que vai chegar um novato pra eles dois e vai perguntar como é que toca uma nota, qual é a chave da nota e, assim, como nós perguntamos ao maestro, aos professores e eles passam conhecimento ensinaram pra gente. A gente que é mais veterano o

nosso conhecimento é repassado para os novatos, e isso incentiva a gente a tentar aprender mais, a buscar um pouco mais a ir atrás de algo novo.

DAVI: Muitas vezes a gente já passou por isso.

BRUNO: Quando eu cheguei aqui quem mais me ajudou foi o Loami. Eu sempre ficava aqui até mais tarde tentando pegar uma música ou alguma coisa. Eu quase não conseguia, e ele ficava me ajudando.

MARIA FERNANDA: O meu incentivo pessoal é tentar aprender pra eu ensinar a alguém que precise, porque todo mundo que já foi novato sabe que no início pegar uma coisa diferente é difícil, porque eu tenho certeza que todo mundo que entrou aqui, pode dizer a mesma coisa. Eu, por exemplo, me inscrevi pra sax, aí vi o teclado, aí me interessei, aí fui parar na flauta. E assim, eu levo como incentivo o meu pai, ele também é músico e ele queria que entrasse em uma escolinha de música pra aprender alguma coisa com corda. Então, eu vim pra cá. E como a galera da flauta era pouca gente, e eu era muito tímida e não tinha coragem de perguntar, e por ser também a mais nova, tinham os mais velhos do segundo ano do terceiro, outros que já saíram, e também quando chegava uma menina que não sabia muito, que era mais nova do que eu, eu ficava no pé, eu mostrava a nota e quando ela sentia dificuldade pra mim isso era muito bom porque isso me incentivava muito mais a querer estudar mais, aprender mais, pra poder eu ensinar mais coisa. Eu acho também que esse é o pensamento de qualquer professor, do maestro, que é ensinar um pouco do que ele tem pra gente e ver a gente tendo êxito. Isso influencia também.

PAULO VICTOR: A gente não vai o chamar de Mj, de maestro. A gente chama professor. É isso que ele gosta, porque a nossa mudança no colégio, quando a gente passa isso na banda, pouca gente passa por isso, ser novato duas vezes. Assim, como eu e o Bruno, ele começou no clarinete, mas pra ele pegar a embocadura todinha pra tocar o oboé, era totalmente diferente, nota diferente, saber como fazer embocadura diferente. Quando a gente aprende a tocar um instrumento novo, a gente sente que é novato de novo, a gente sente aquela dependência de novo, de pensar em ter alguém pra ensinar. Eu tocava trompete, botei aparelho [dentário] e tive que ir pro clarinete. O Bruno me ajudou, a Marina me ajudou, muita gente me ajudou a pegar um clarinete, o clarone. Depois a gente sempre tenta inovar.

BRUNO: Quando eu fui tocar oboé, ninguém tocava, o único que tinha pra me ensinar era o Mj. Só que ele também mal tocava.

PAULO VICTOR: Tipo, o Mj sabia dois meses antes dele.

DAVI: O Mj era novato neste sentido, e eu nem tocava direito. Depois de um mês, o Mj me chamou pra tocar numa banda que ele tocava lá em Pacatuba. Aí ele respondeu, “mas é bom porque você aprende”, porque também lá tinha muita gente que tocava esse instrumento.

PAULO VICTOR: São muitas bandas por aí e a gente vê que não tem essa união. Numa bancada de 12 (doze) clarinetes, três pra cada pasta, poucas vezes um terceiro clarinete vai falar com um primeiro clarinete, porque numa orquestra de verdade, você percebe. Você vai pra um show e o primeiro violonista é a mesma coisa do contramestre. Ele fica ao lado do maestro, ele tem todo um respeito. Ele é o melhor. Por exemplo, o maestro faltou no ensaio que quem dá aula é o contramestre, poucas bandas têm isso. E já na nossa, a gente não é uma banda individual, um que toque pra aprender, porque se eu não tocar direito, aí o cara, que eu tenho aqui do lado, é clarinetista, eu vou tocar essa música, aqui a gente respeita, porque se eu sou o primeiro clarinete e ela o segundo, e assim por diante. Eu devo respeito a ela, ela é mais velha do que eu, isso é uma família, a gente aprende a se unir.

DAVI: Aqui não tem primeiro, nem segundo não, cada um tem sua função. A gente, muitas vezes, aprende pra fazer o que um veterano mais antigo faz. Muita gente saiu da banda, porque terminou o terceiro ano, isso deu uma caída no número dos colegas. Isso pra gente foi um impacto muito grande, porque sair de um componente de quarenta (40) colegas para vinte e cinco (25) isso afetou o grupo.

BRUNO: Ano passado vinha muito só eu e o Davi direto, os outros vinham muito quando era pra ensaiar pra tocar nas apresentações.

PAULO VICTOR: A gente não desiste, teve muita gente que saiu que era desde o começo da banda. A gente sempre gosta de vir pra banda, ter o contato com instrumento o sopro, a embocadura. Contato mesmo uns com os outros, isso influencia muito e esse ano tá bem mais forte, e estamos retomando pra valer. Isso ajuda a gente ter esforço, a gente tem carinho, chegar atrasado na banda ou coisa ruim.

4-Como a banda de música e seus colegas de banda influenciam (incentivam, motivam), no aprendizado musical de vocês.

MARIA FERNANDA: Eu acho que influencia muito, porque nos ensaios abertos que a gente tem aqui, por exemplo, sem o Mj, a gente fala “Ei, vamos tocar essa música aqui”. A gente começa a ensaiar todo mundo junto, então influencia porque a pessoa que está do lado, começa a tocar música nova. Por exemplo, segunda-feira agora, teve Educação Física, o Paulo me chamou pra sala de música. “Vamos procurar o Major, já que não vai ter aula

mesmo”. E aí a gente veio aqui, ele começou a tocar uma música nova, me ensinou e eu aprendi. Isso começa a incentivar um ao outro pra aprender pra tocar junto.

MARINA: Isso acaba criando um espírito de liderança e também de união porque sempre tem aquele que diz “Ah, vou puxar essa música aqui”. Quando a gente tem muito isso aqui, isso evolui a nossa personalidade e, muitas outras bandas não têm essa amizade, as pessoas se sentem mal, não conseguem interagir. Conseguem agora por causa da música. Quando a gente pede ajuda, “Me ensina isso daqui, como é que toca”, a música vai mudando a gente pouco a pouco e não é só a mudança que parece física, porque em tudo que a gente muda, faz a gente ter uma aparência física diferente. Mas a nossa mudança a gente começa nas atitudes. Quando eu comecei a tocar, que foi bem antes da banda, a gente fica mais focado. Exemplo, a gente tem que fazer isso daqui. Então, é a mesma coisa com os livros, eu consigo estudar meia hora uma música sozinha; por que eu não consigo estudar um livro? A gente pega isso e isso vai transformando a gente em pessoas diferentes; a música vai mudando a gente, ensinando a gente a ouvir o outro, porque pra algumas pessoas é meio difícil ouvir o outro.

DAVI: Em questão da nossa amizade, eu acho que a gente não se conheceria se não fosse a banda. E a gente se conheceu assim, pedindo ajuda uns aos outros, Quando a gente entrou era bem estranho pra gente.

PAULO VICTOR: Eu vim lá do SESI da Barra do Ceará. Cheguei aqui com meu clarinete nas costas, uma mochila do lado, dizendo “Ei, eu sei tocar, quero ficar aqui porque não dá mais pra eu estudar mais lá no SESI”. Quando eu comecei a tocar, todo mundo olhando pra minha cara. Isso era bem estranho pra alguém que já chega tocando. Isso era bem diferente, porque eu posso falar que os quatro colegas que estão aqui não sabem o que é tocar numa banda de periferia, de favela, de pessoa que não tem uma boa condição financeira, não tem muita educação, o palavreado é diferente. No começo, fiquei meio assim, porque aqui é militar. Fiquei pensando por ser militar “Será que eu posso me soltar”, por causa do militarismo mesmo, será que é muito rígido?

DAVI: Mas toda vez quando o Mj, vinha dar aula, tinha uma conversinha, falava algumas brincadeiras pra tornar o clima melhor. Pra eles, foi um apoio maior porque eles já estudavam aqui. O Argemiro, o Mj já conhecia, passei por uma série de adaptações.

PAULO VICTOR: Aqui na banda de música todo mundo é tratado igual.

5- Fale um pouco da influência da banda na sua aprendizagem nas outras disciplinas.

DAVI: Eu acho que no raciocínio rápido. Eu percebi isso.

BRUNO: A gente aprende a estudar, a ler. A gente fica mais cuidadoso na escola com certeza. Influencia porque você foca mais, tem mais atenção.

MARINA: Bom, pelo menos para mim, eu tenho déficit de atenção, estudar música me ajudou bastante, a ter foco nos estudos mesmo na sala de aula, com as matérias, conteúdos, essas coisas.

MARIA FERNANDA: O que mais influencia pra gente que é da banda, é a ter foco. Por exemplo, a gente vai aprender partitura, que é uma coisa superchata no início. Se você não estudar de manhã, de tarde e de noite, você não consegue aprender de jeito nenhum. Isso gera foco, e sem querer, você acaba fazendo isso com outras coisas também. Você vai estudar para uma prova, você acaba fazendo as mesmas coisas com os conteúdos daquela prova e na sala de aula também; a gente se concentra mais por causa das apresentações e dos ensaios; a gente fica mais preparada, relaxada para alguma coisa.

BRUNO: Ajuda a gente a compreender os conteúdos,

6-Em quais outros aspectos de sua vida você sente que a banda colabora para você se tornar uma pessoa disciplinada e determinada dentro do contexto escolar e até mesmo na sua vida pessoal?

MARIA FERNANDA: Depois que eu entrei na banda, eu passei a ser mais responsável, por causa das apresentações coisa e tal, e aprendi muito a ter foco, melhora a ansiedade. Como por exemplo, a Marina tem déficit de atenção e problema de ansiedade como eu. Então, esse aspecto melhorou bastante.

PAULO VICTOR: A gente sabe que numa banda todo mundo sai uma hora e a gente compreende. E quando um sai, alguém tem que assumir, isso é aprender a ser líder

MARINA: É por isso que a gente tem que se preparar pra assumir o próximo, se preparar pra poder ensinar o outro.

PAULO VICTOR: É como se fosse uma questão de herança. Porque a gente tem aquele sentimento de não querer que a banda morra. Pra mim, uma das poucas coisas que me acalmam é a música. Aqui na banda, nos ensaios, eu também sou muito ansioso, apressado, estressado com muitas coisas. Música me acalma bastante quando estou tocando um instrumento. Lendo as notas na partitura sinto que isso me deixa mais calmo, mais concentrado, e isso eu vou levar pra minha vida toda. Mas não só isso, como a gente estava falando aqui, quando a gente tá na banda, a gente aprende a ouvir o outro, a respeitar o outro. A gente aprende a ser mais unido. Ver as diferenças entre cada um.

DAVI: Isso a gente aplica no nosso dia a dia; a gente aprende a obedecer e a respeitar mais o pai e a mãe, porque a gente respeita e obedece ao maestro; leva pra casa também. Isso faz com que a gente aprenda coisas novas porque música é pra sempre.

MARIA FERNANDA: A banda também me ajudou muito em meu relacionamento com o meu pai. Eu nunca fui muito de falar com ele, não sei bem por que. Como ele também é músico e eu entrei na música, a gente começou a falar a mesma língua, e até hoje eu me sinto melhor com ele. A banda reflete minha vida até em casa.

ANEXO 07 - PRÉ-TESTE DA ENTREVISTA: NA ÍTEGRA

NOME: Loami Ferreira

TEMPO QUE ESTÁ NA BANDA DE MÚSICA: Três (3) anos, Desde que comecei a estudar aqui no CMCB.

QUAL INSTRUMENTO TOCA: comecei na flauta doce, depois fui para o clarinete e hoje o meu instrumento é o saxofone.

- 1- Por que a sua participação na banda de música influencia positivamente na atuação do grupo.

Eu acho que influencia positivamente, até porque banda de música tem aquela coisa de formar pessoas, pra sociedade, é um lugar que a gente se sociabiliza, por mais que você não queira isso vai ser bom. A minha influência foi porque muita gente aprendeu comigo, e eu tive a oportunidade de aprender com outras pessoas porque existe uma troca de experiência muito boa.

- 2- Fale um pouco do apoio dos professores/regente para realizar suas atividades musicais tocar um instrumento e fazer musica na banda, você considera esse apoio importante? Por quê?

Me apoiaram muito no início, e ainda hoje apoiam, tanto em questão de métodos como em questão de técnica, e também eles valorizam muito a gente, nos coloca lá em cima, nos prestam qualquer apoio, tanto os professores da banda que são os dois maestros que temos como também os professores de artes do colégio. Também me ajudaram muito questões voltadas para arte sobre a música, história da música, sobre o meu instrumento também. Eu achei muito bom, maravilhoso esse apoio dos colaboradores.

- 3- Qual seu incentivo pessoal para o seu desenvolvimento pessoal/instrumental dentro da banda de musica.

Assim, sempre que eu escuto meu instrumento eu fico assim encantado e isso é o que me incentiva mais, de verdade, sempre quando eu escuto outros instrumentos eu fico mais motivado a participar da banda e a tocar meu instrumento, a ensaiar, a tocar. Também tem o incentivo das outras pessoas, dos colegas, como também vários saxofonistas conhecidos ai no mundo da música me motivo a aprender cada vez mais. Eu acho muito bacana eu produzindo o meu próprio som.

- 4- Como a banda de musica e seus colegas de banda influenciam (incentivam, motivam), no aprendizado musical de vocês.

Incentiva muito, a ajuda de outras pessoas sempre vai incentivar você cada vez mais, principalmente quando a influencia é positiva, que é o caso nosso aqui na banda. Às vezes estou lá meio triste com alguma coisa que aconteceu, ai vem um colega ai me incentiva, trás uma música pra gente tocar, porque diz que acha bonito eu tocando, nos joga pra cima, me anima, me deixa feliz, eu gosto muito. Motiva-me esse contato que a gente tem uns com os outros.

- 5- Fale um pouco da influência da banda na sua aprendizagem nas outras disciplinas.

Olha, antes de eu entrar no mundo da música, eu era uma pessoa muito agitada, conversava muito na sala de aula, eu não era uma pessoa quieta, mas ai depois que veio a música e minha participação na banda eu me tornei uma pessoa mais calma,

mais paciente, eu consegui ter um raciocínio melhor na hora das aulas, raciocínio rápido que eu não tinha. Porque quando você está tocando, você vê a nota e já tenho que tocar, é olhar pra cá (partitura) olhar para o maestro e colocar já as notas no instrumento, então eu acho que isso ajudou muito o meu cérebro a pensar mais rápido, me controlar também, a ter mais paciência. E isso é bom para as outras matérias.

- 6- Em quais outros aspectos de sua vida você sente que a banda colabora para você se tornar uma pessoa disciplinada e determinada dentro do contexto escolar e até mesmo na sua vida pessoal?

Me ajudou bastante no modo de ser sociável, que até então eu era uma pessoa muito tímida, eu não me socializava, com quase ninguém, aí depois que veio a banda grupo grande ou então pequeno eu tive que conviver, conversar, tirar dúvidas, isso para minha vida foi muito bom, porque aí eu comecei a fazer novas amizades, a ter outras oportunidades, abrir meus horizontes e também a construção do nosso dia a dia.

ANEXO 08 – FOTOGRAFIAS



Sete de Setembro de 2012



Sete de Setembro de 2013



Aula Inaugural da Turma de 2012



Em apresentação - Tianguá



Momentos – Entrevista e Questionário